

REVISTA DA SEMANA

CR\$ 3.00 EM TODO O BRASIL

Nº 11 ★ 12-3-49

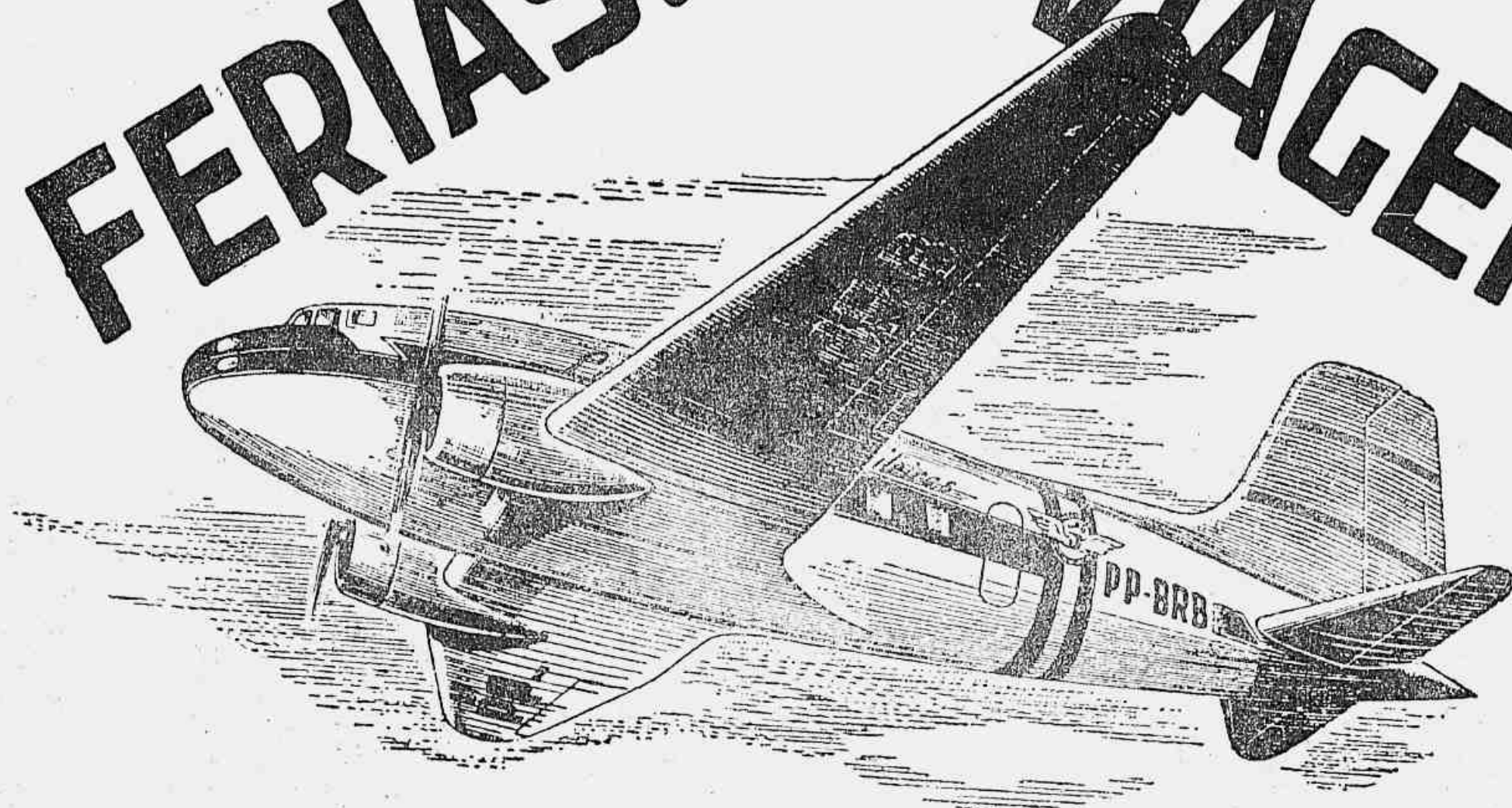


NESTE NÚMERO:

**REPORTAGEM DE
CARNAVAL**

FÉRIAS.

VIAJEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

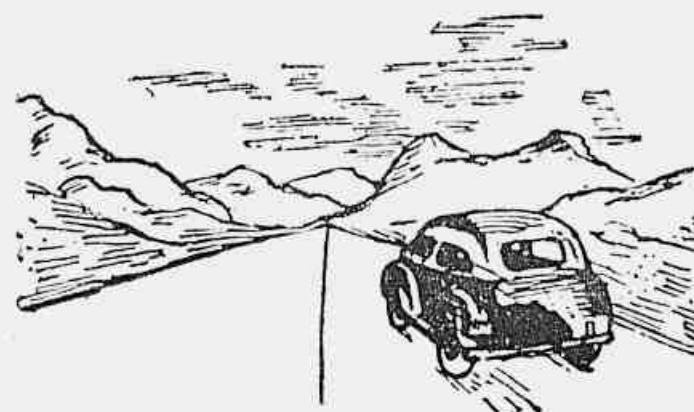
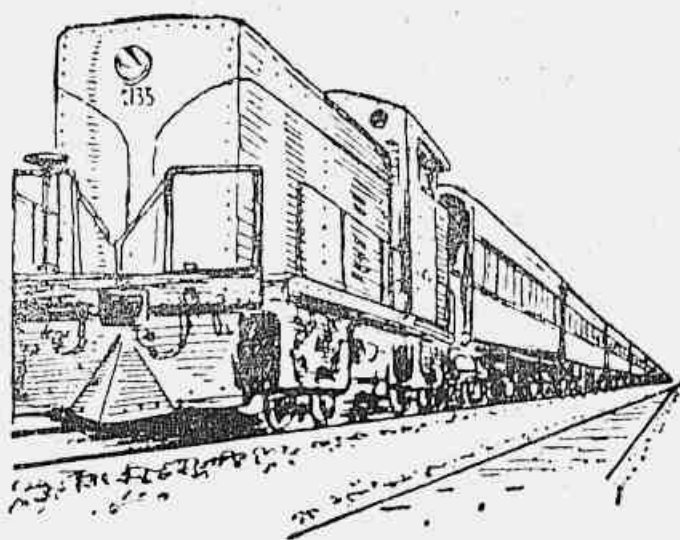
Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
—Rio de Janeiro



ALMANAQUE EU SEI TUDO

TRISTEZAS E ALEGRIAS DO CARNAVAL

Carnaval é uma festa. Aquêlê que disser que não gosta de festa sofre. A gente pode não sambar nas ruas, pode não exhibir fantasias, pode não fazer o corso, deixar de ver o Carnaval, refugiando-se em estações de água, em hotéis ou fazendas das serras; mas ninguém me venha dizer que não gosta do Carnaval. Pelo menos para ver como os outros se desmancham e enchem de sons alacres os ares de cidades tristes dia e noite, como estas de nosso país.

Há, porém, certas coisas que são **tristezas** deploráveis em nosso decadente Carnaval. Outras, merecem o nome de **alegrias**, não há dúvida.

Vejam as tristezas. Uma delas é a música do samba dolente, choroso, lamuriante como se estivessem os foliões a rezar ladainha atrás de um esquife, em marcha para o cemitério. O autor do samba é um homem triste, vítima de amôres traiçoeiros, de miséria econômica, de preguiça de viver. Daí sua produção paradoxalmente carnavalesca. Os ranchos, os blocos, as escolas de samba saem a cantar essas músicas que relembram o banzo africano, lacrimoso, a um canto dos Valongos. Não há música; há lamentos.

Outra tristeza: exhibições ofensivas ao mais rudimentar princípio de moral pública. Causa lástima ver-se um indivíduo recorrer a trejeitos e esgares despudorados, vestir-se com a mais descarada das intenções e sair pelas ruas da cidade a exhibir-se pensando que está fazendo graça. Cadeia com êle.

Mais uma tristeza: nas horas de mais movimento, especialmente à noite de terça-feira, vêem-se filas enormes de senhoras e senhoritas estendendo-se através das salas dos cafés e restaurantes. Muitas delas bem vestidas, com suas ricas fantasias; outras conduzindo crianças pela mão ou nos braços; todas com a ansiedade na fisionomia, olhos pregados na direção de uma porta que se abre e fecha intermitentemente.

Como é dia de irresponsabilidades, muitos foliões se aproveitam do momento crítico e dirigem pilhérias grosseiras àquelas senhoras, lançam "bolas" pelo ar, por vêzes recebidas com hilaridade pelos circunstantes, sem que percebam que estão, todos êles, cometendo uma falta de respeito em procedimento cruel.

Será necessário que a Prefeitura do Rio tome nota desta sugestão: mande construir, nos lugares mais convenientes, reservados públicos para desafogo do povo, mesmo sob pagamento, como sucede na praça Tiradentes. Mas reservados permanentes, higiênicos, bem cuidados, para ambos os sexos. A êste respeito, é nossa capital de uma pobreza indesculpável, parecendo que o poder público deixa êsse serviço a cargo de cafés e restaurantes, esquecido de uma coisa: os reservados dessas casas comerciais são positivamente insuportáveis, sujos, imundos, intoxicantes, e, muitas vêzes, os proprietários se negam a confiar a chave, ou quando a entregam percebe-se a má vontade.

Outra tristeza: os carros das chamadas Grandes Sociedades. Êste ano, então, a indigência era lamentável. Não bastando isso, houve esta impropriedade: um carro de crítica com uma grande machadinha tendo à extremidade um inseto. A charada era esta: **Araci Abelha**. Nada mais condenável. A tragédia de um lar levada ao público como "blague" de Carnaval Francamente, é de estarrecer. E Ruy, cujo aniversário de falecimento ocorria justamente na terça-feira?

Mais tristezas: a tração animal dos carros. Causam dó os pobres burrinhos magros curtir fome e sede desde as seis da tarde às três ou quatro da madrugada seguinte, a puxar os alegóricos em longas extensões de ida e volta. Como se cansam, os coitados! De quando em quando param os préstitos. O povo se impacienta. Que há? Dez, vinte, quarenta minutos, tudo parado. São os burros, coitados, que não podem mais andar, de exaustos. Por que não substituem essa tração asinina pela mecânica? Um "jeep" faria êsse serviço a menor preço e sem tanta inconveniência, inclusive a de evitar o mau cheiro que vai ficando no caminho das alegorias mitológicas...

Agora umas alegriazinhas para amenizar: o "frevo". Quando êle chega tudo **ferve**. Se o Carnaval do Rio usasse sempre e geralmente o frevo e as marchinhas vivazes, seria muito mais alegre.

Outra alegria dêste ano: o bom policiamento.

Mais esta: não foram vistos os refrescos em latas ambulantes, veiculando infecções e envenenando o povo.

Esta última: ausência de exploração. Nos cafés ou restaurantes, leitarias, barracas, nos taxis e lotações, tudo correu dentro das tabelas de preços. Todo aquêlê que procurou aproveitar-se e avançar, teve que pagar com a detenção a ousadia de sua insaciável ganância.

Por tudo isto, leitor, devemos reconhecer que o Carnaval do Rio pode reanimar-se apesar do desaparecimento de fatores importantes. Mas é necessário que os poderes públicos que o apoiam reconheçam que a festa brasileira passa por uma transformação social, como resultado histórico da evolução do povo. O aspecto que nos mostra haver mais **tristezas** do que **alegrias** no Carnaval carioca, indica aos responsáveis o caminho da corrigenda futura.

REVISTA DA SEMANA

SEÇÕES PERMANENTES

Tristezas e alegrias do Carnaval (Renato de Alencar)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	38

REPORTAGENS

O Rio se ornamenta pomposamente	4/ 5
Os que fugiram do Carnaval	6
Carnaval infantil no Jockey Club	18/19
Baile do Municipal	20/23
Baile das Atrizes (Report. de A. Vieira) ..	24/27
Baile dos Artistas	28/29
Baile do Rádio	30/33
Baile do Cinema	34/35
Baile das Sereias	36/37
Folia de Rua (W. Guarnieri)	55/58

BIOGRAFIA

A vida de Arquimedes	7
----------------------------	---

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	14

ARTES PLASTICAS

Henri Matisse (Angelus Ravel)	16
-------------------------------------	----

RADIO

Broadcast	17
Cancioneiro	17

TEATRO

Os novos autores (José Fomm)	38
------------------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	39
Interiores	40
Modelos variados	40/41
Mães e filhos (Anamaria Célia)	41
Reuniões	42
Modas de Hollywood	43
Detalhes	44/45
Week-end na cozinha	45

CONTOS

Serviços de amor (O. Henry)	46
-----------------------------------	----

MUSICA

Centenário de Chopin (Roberto Lyra Filho) ..	47
--	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	48
---	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	49
--	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------

CARICATURA

Bom humor	11
-----------------	----

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

ILUSTRADORES

Ana Zagorska	
Orlando Matos	

Lauren Bacall, indiscutivelmente um dos maiores "cartazes" de Hollywood, ilustra a capa do presente número da REVISTA DA SEMANA. Lauren foi uma das "estrélas" que mais rápida ascensão teve na carreira cinematográfica em Hollywood, trabalhando em inúmeros filmes de sucesso ao lado de Humphrey Bogart, seu marido na vida real. Brevemente a veremos, mais uma vez, ao lado de Humphrey Bogart, em "Key Largo", um dos grandes sucessos da temporada.

(Foto Warner Bros.)



Um dos arcos duplos colocados na Avenida Rio Branco com sua decoração tipicamente carnavalesca, estimulando o espirito sambista e folgazão do povo carioca, este ano auxiliado fraternalmente pelo excelente tempo que fez durante todo período de Carnaval, desde sábado, que proporcionou uma noite de intensa folia

O RIO SE ORNAMENTOU POMPOSAMENTE

AINDA não se havia visto ornamentação carnavalesca de tamanho efeito e tão larga extensão, como esta do último Carnaval na Capital da República.

Quem orientou o engalanamento das avenidas e praças deve estar plenamente satisfeito com as idéias levadas a efeito, tanto em arte como em motivos.

A avenida Rio Branco, pela sua posição ligando a praça Mauá à praça Paris, ou seja de mar a mar, jamais perderá sua primazia e prestígio urbano. Daí as razões por que a Prefeitura a distingue, sempre que se dá algum acontecimento extraordinário.

Embora festa anual, prevista pelo calendário, é o Carnaval a mais extraordinária de todas as

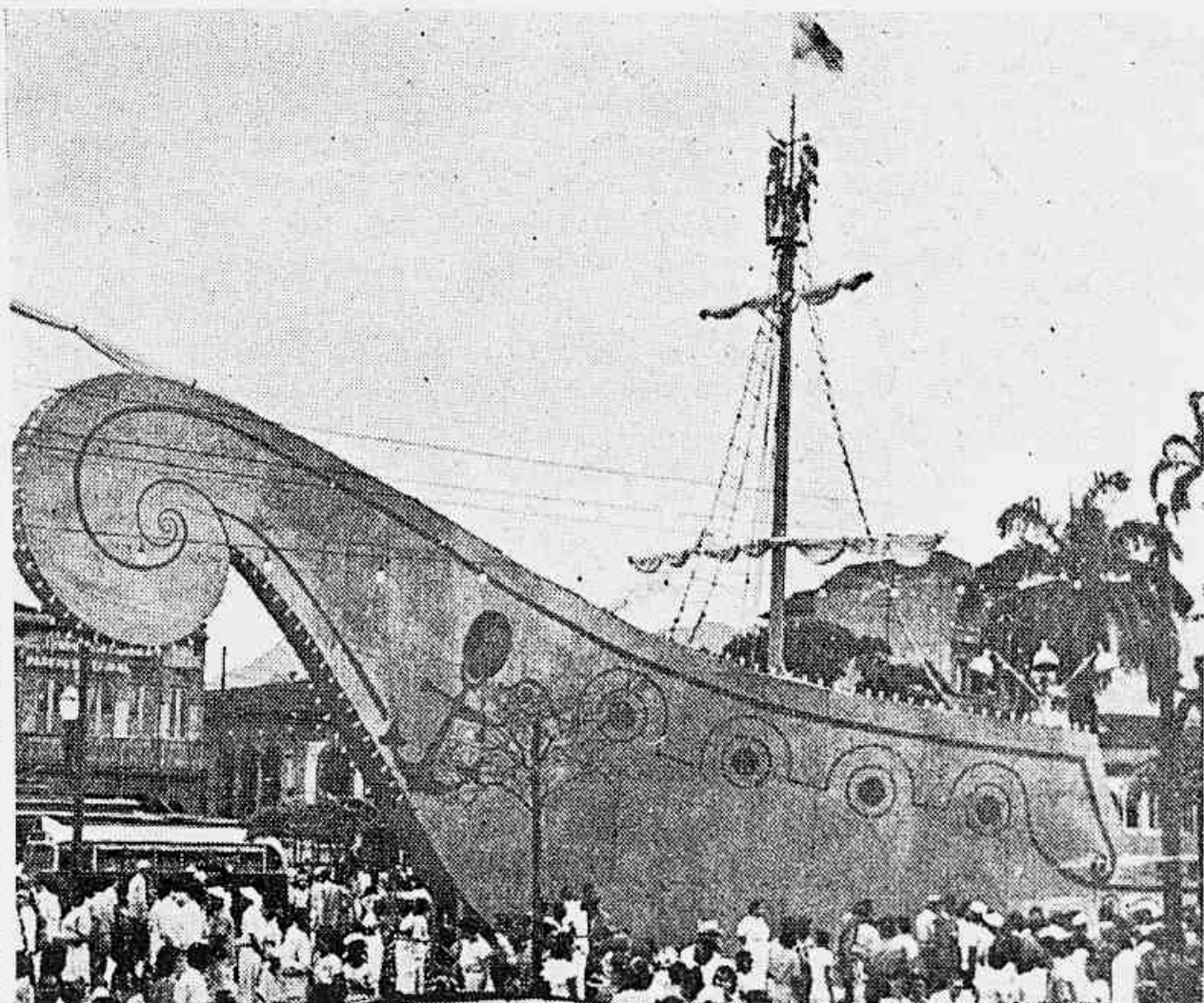
datas cariocas, e, talvez, brasileira. A Prefeitura não se descuidou este ano, entregando a pessoas de inegável competência o enfeite da cidade para os dias carnavalescos.

Houve mesmo requintes de adereços e ornamentação, sem cair no vulgar ou excessivo. Nos gramados da praça Floriano (Cinelândia), além de

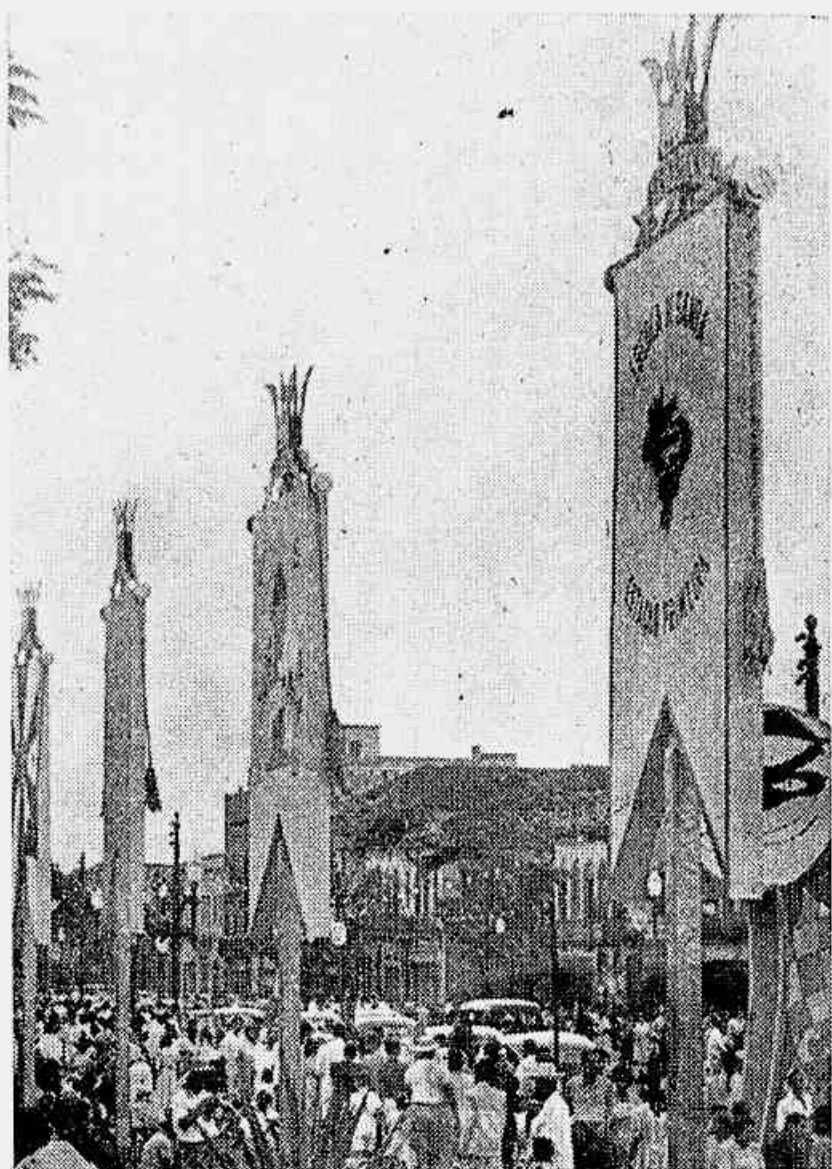
(Continua na pág. 52)



A Praça Onze, já imortalizada pelas letras de sambas de louvões à sua memória, mereceu da Prefeitura uma ornamentação típica, destacando-se a Favela do Morro



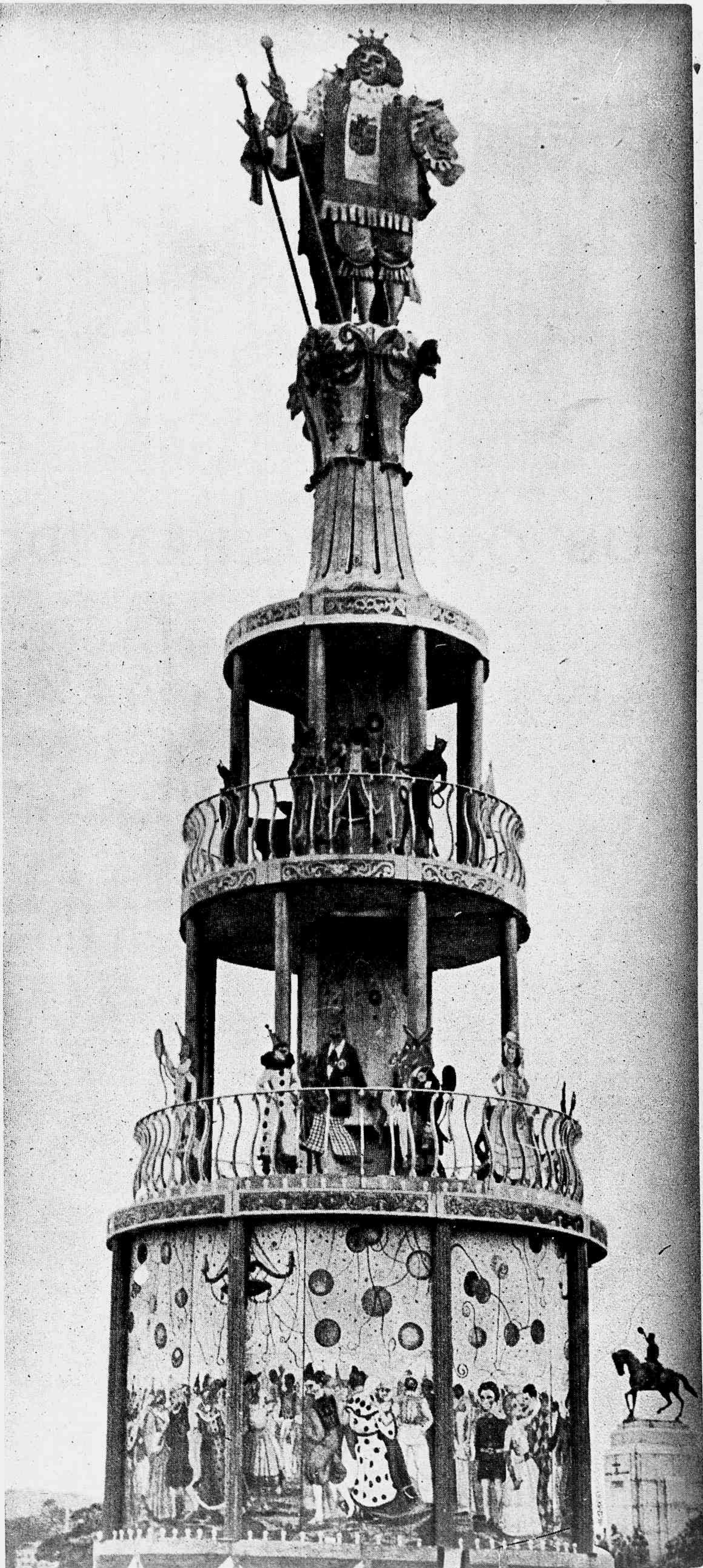
A Galera do Pirata da Perna de Pau erguida na Praça Onze foi o maior sucesso daquele trecho da Avenida Presidente Vargas, e serviu de palco para os bailes do povo



Renques de estandartes em homenagem às Escolas de Samba na Praça Onze; um dos painéis da Cinelândia, representando grande espelho onde se reflete uma mulata carnavalesca. Noutra foto, um ângulo da Praça



Onze, com a favela, pátria do Samba e outros ornamentos. Por fim, o obelisco da Avenida Rio Branco, transformado em pedestal de S. M. Rei Momo I e Único





A' esquerda: Na praça Mauá, famílias cariocas procuram os ônibus de longa distância para não ver o Rio carnavalesco... A' direita: Nos guichets da Central do Brasil grandes filas de gente que sai do Rio para fugir ao seu Carnaval

OS QUE FUGIRAM DO CARNAVAL

A época das festas carnavalescas cai sempre em pleno tempo de soalheira carioca, com o termômetro acima de trinta e dois graus centígrados. Além do calor, o tempo incerto, chuvoso hoje, úmido amanhã, ventos fortes depois, produzindo lama, suor e desespero.

Cai a chuva e a temperatura se mantém elevada. Resfriados, gripe, gente afônica, pessoas a mascar pastilhas para melhorar a garganta irritada.

Entretanto o Carnaval, uma semana antes, com as decorações da avenida Rio Branco e suas imediações, passa a ser o assunto do dia. O comércio vende fantasias, máscaras, fazendas berrantes, famílias se empenham para conseguir ingressos para os quatro bailes do Carnaval em clubes e sociedades elegantes, todos prometendo organizar festas nunca vistas neste mundo do após Cabral.

Contra esse movimento festivo e de protesto a dificuldades da vida, quando imensas populações se entregam de corpo e alma aos sangrados de seus recalques, há milhares de pessoas que fogem do Carnaval como o diabo foge da cruz.

Com um mês ou mais de antecedência, já as agências de viagens estão sendo assediadas pelos anti-carnavalistas, pelos que só querem sossego, bem longe da Embaixada do Sossêgo, e lá se vão para as alturas de Petrópolis, de Teresópolis, Friburgo, praias desertas, estâncias hidro-minerais, cidadezinhas do interior fluminense, de Minas, fazendas-reposo, xácaras de amigos, enfim, onde for possível passar uns dias longe do Carnaval



Fila de ônibus recebendo os retirantes do Carnaval do Rio em demanda de refúgios na linha de Juiz de Fora

carioca com todos os seus barulhos e calor.

Segundo as estatísticas dos três dias de folia, passaram pelos torniquetes da Central do Brasil cerca de 380 mil pessoas, batendo mais um "record" de movimento nos trens suburbanos. Apesar disso, houve também "record" de gente que fugiu do Carnaval carioca indo esconder-se por esses campos e cidades distantes.

E' a natureza humana com todos os seus prós e contras, a aparente desarmonia da vida, para manter, paradoxalmente, a mesma harmonia universal.

Mas tudo isto se explica. Em tempos passados, passar o Carnaval no Rio era acontecimento de alto e aristocrático luxo. Vinha gente de todos os pontos do País ver a grande festa pagã, fazer o corso em

seus automóveis abertos, manter combates de serpentina e confêti, perfumar o colo de sua amada com perfumes deliciosos, ceiar em restaurantes elegantes, exibir custosas fantasias, ir a bailes pomposos.

Com a predominância dos carros fechados, o corso morreu. Ninguém veste fantasia para ficar num sarcófago, olhando o exterior como prisioneiros entre grades e vidros. O prazer da serpentina era o seu longo alcance, quando a fita colorida ia como um cometa levar uma mensagem de simpatia e afeto à senhorita ou senhora do carro à frente ou à retaguarda. Da permanente retribuição, desse vai-e-vem de papéis pelos ares, nasciam, às vezes, amizades firmes que se convertiam em amor e este em casamento... O Carnaval era, então, o amplo anfiteatro do amor, onde Cupido imperava a serviço de Momo, o insaciável construtor de lares.

Morto o corso, morreu a serpentina, arrefeceu a animação dos namorados ricos que podiam brincar o Carnaval bem instalados em automóveis.

Na terça-feira, à meia-noite, desfilavam as Sociedades com os seus carros alegóricos. Sucesso de arte e imaginação que o povo recebia entre grandes aplausos e vivas. Hoje, há as Sociedades; mas a Arte desapareceu. Os carros alegóricos são modestos, fraquinhos como criança subnutrida aí pelos subúrbios... Diante de tudo isto, é natural que os que desejam ver as belezas naturais, fujam do Rio nos três dias de Momo, dele não querendo nem as cinzas...

A' esquerda: Hoje é mais "chic" dizer aos amigos e conhecidos que se foi passar nas "águas" o Carnaval. A' direita: Em ônibus, aviões, automóveis, trens, grande número de famílias do Distrito Federal, viaja para o interior, fugindo do Carnaval



HIERÃO, rei de Siracusa, dera ao seu joalheiro certa quantidade de ouro para fazer uma coroa. Terminada esta, brotou no espírito de Hierão a suspeita de que o joalheiro roubara parte do ouro, substituindo-lhe igual quantidade de prata. Em vista disso, encarregou o cientista da corte, Arquimedes, de descobrir a fraude, se possível.

Depois de muitos dias de pesquisas infrutíferas, Arquimedes estava para desistir da tarefa. Mas uma manhã, ao entrar na sua banheira, na casa de banhos públicos de Siracusa, reparou no transbordamento da água. O fato lhe incendiou a imaginação. Esquecendo que estava nu, pulou da banheira, e saiu a correr pelas ruas de Siracusa gritando:

Eureka! Eureka! — Achei! Achei!

Encontrara uma solução simples para o problema da coroa de Hierão. Arranjaria dois blocos de metal, um de prata e outro de ouro, ambos com peso igual ao da coroa. Trataria então de submergir sucessivamente cada uma das três massas — o ouro, a prata e a coroa — num vaso cheio de água, e medir o líquido transbordado em cada caso.

Assim que lhe foi possível, pôs em prática a idéia e descobriu que a quantidade de água deslocada pela coroa era maior que a deslocada pelo ouro, e menor que a deslocada pela prata. E desse modo pôde certificar-se que a coroa não era feita inteiramente de ouro, nem inteiramente de prata, mas que consistia numa mistura dos dois metais.

Esse método simples de comparar os pesos dos sólidos com os pesos de iguais quantidades de água proporcionou a Hierão o esclarecimento do mistério da coroa. Mas proporcionou ao resto da humanidade uma dádiva muito mais preciosa — a chave de um dos profundos mistérios da natureza, o chamado "peso específico" das diversas substâncias de que se compõe o mundo. Essa lei do peso específico, conhecida até hoje como o **Princípio de Arquimedes**, pode formular-se em poucas palavras desta maneira: "Todo corpo mergulhado num líquido perde uma parte do seu peso equivalente ao peso de igual volume do líquido".

Assim, foi no simples ato de banhar-se que Arquimedes descobriu um dos grandes segredos da natureza. Contudo, é interessante notar, o banho não era para Arquimedes um ato comum. Era, antes, um acontecimento extraordinário. Tão embebido vivia ele nos experimentos científicos, que, para citarmos Plutarco, "era com a maior dificuldade, e a contragosto, que os criados o levavam aos banhos para o lavar e untar". E quando finalmente conseguiam atraí-lo à casa dos banhos, continua Plutarco, "não cessava de traçar toda sorte de figuras geométricas com o dedo em seu corpo nu".

A geometria era a sua paixão dominante. "Embriagado e arrebatado pelas doces seduções desta sereia, que, por assim dizer, estava constantemente deitada a seu lado, ele muitas vezes se esquecia de comer e beber". Arquimedes viveu no albor das ciências matemáticas — um período em que as operações com números e a medição de triângulos e círculos se contavam entre as aventuras mais excitantes das academias e escolas do mundo grego. A magia de Euclides, o "Pai da Geometria", ainda maravilhava como uma flor soberba uma época enfeitada. Este professor de matemática da Universidade de Alexandria transformara a terra e o céu num vasto desenho de complicada configuração. E, com a destreza do seu intelecto assombroso, tomara desse desenho e o analisara em seus componentes simples — pontos, linhas, ângulos, curvas, superfícies, sólidos — um mapa do infinito traduzido na linguagem finita da matemática elementar. Euclides possibilitava o impossível pelos métodos mais simples. Quando seus colegas de Alexandria lhe disseram que não havia meio de medir a altura da Grande Pirâmide, ele procedeu à medição da maneira seguinte: esperou a hora do dia em que o comprimento da sua sombra era exatamente igual à altura do seu

corpo, e então mediu o comprimento da sombra da pirâmide. "Esta, senhores", disse, "é a altura exata da Grande Pirâmide".

Embora simplificasse a geometria, Euclides insistia sobre a necessidade de os seus alunos lhe estudarem exaustivamente os princípios a fim de melhor os entenderem. Conta-se que o rei Ptolomeu uma vez expressou impaciência ante a maneira intrincada com que Euclides explicava os seus teoremas. "Não existe", perguntou o rei, "um caminho mais curto, para aprender geometria, que o do teu método?"

"Sire", respondeu Euclides, "no campo há duas espécies de estradas — a escabrosa, usada pela gente comum, e a estrada suave destinada à família real. Mas na geometria todos têm de seguir o mesmo caminho. Não há estrada real para o saber."

Quanto aos particulares da vida de Euclides, muito pouco se sabe. Diz uma lenda que a última — e melhor — seção dos seus famosos **Elementos de Geometria** foi atirada ao fogo por sua mulher, num acesso de mau humor. Se isso for verdade, o mais provável é que o incidente não tenha sido provocado por Euclides. Pois, segundo contam os escritores antigos, o geômetra era "um ancião suave e benigno". Seus discípulos o idolatravam. Pois ele "guiava-os como um pai". Sem embargo, quando era preciso, sabia domar os mais imperti-

nentes entre seus "filhos" com o látigo dum sarcasmo pungente. "Pode explicar-me", perguntou um dos discípulos, depois de aprender o primeiro teorema, "qual é a vantagem prática do estudo da geometria?". Ao que Euclides se virou para o seu criado. "Grumio", disse, "dá um dólar a este senhor; ele não pode aprender sem dinheiro".

Pessoalmente, como a maioria dos antigos sábios gregos, Euclides pouca importância dava ao valor "prático" das suas investigações científicas. Amava o saber pelo próprio saber. Timido, arredio e modesto, "vivia pacificamente em sua habitação", deixando desfilar lá fora a vulgar e espalhafatosa parada do mundo da política e da glória militar. "Estas coisas", dizia, "hão de passar. Mas as configurações das estrelas do céu permanecerão eternamente fixas".

II

Muito diversa dessa existência desapaixonada, de tranqüila contemplação, foi a carreira de Arquimedes, o "neto espiritual" de Euclides. (Arquimedes era discípulo de Conon, que fora discípulo de Euclides). Em moço, desejara, como o seu grande predecessor, dedicar-se exclusivamente à matemática. Continuou o estudo da geometria a partir do ponto em que a deixara Euclides. Calculou a relação entre a circunferência de um cir-

culo e o diâmetro; inventou o meio de contar a areia da praia; formulou um método para a medição das áreas e volumes de objetos circulares e esféricos; e descobriu a relação entre o volume de um cilindro e o de uma esfera inscrita. Esta última descoberta foi tão simples quanto engenhosa. Arquimedes construiu uma taça cilíndrica de altura igual ao seu diâmetro, e uma esfera que se ajustava exatamente ao interior da taça. Então encheu de água a taça, mergulhou a esfera na água, e comparou a quantidade de água transbordada com a quantidade original de líquido contido no cilindro. Verificou assim que o volume da esfera inscrita é exatamente igual a dois terços do volume do cilindro circunscrito. Tão orgulhoso ficou dessa descoberta que ordenou fosse gravada na lousa da sua sepultura a imagem de uma esfera dentro de um cilindro.

Pois Arquimedes, tal como Euclides, aspirava a ser recordado unicamente na qualidade de filósofo matemático. Queria que o deixassem entregues em paz aos estudos de geometria. Mas as exigências prementes do meio o obrigaram a fazer de inventor, além de filósofo. Arquimedes detestava intensamente o seu papel compulsório de "fazedor de vis, mesquinhas e mercenárias máquinas de comércio e guerra". Mas era apertado com Hierão, e portanto sentia constrangido por dupla obrigação — como súdito e como parente — a obedecer às ordens do rei.

Trabalhando de conformidade com essas ordens, Arquimedes produziu não menos de quarenta invenções — algumas destinadas ao uso comercial, mas a maioria para aplicação militar. Talvez a mais interessante das suas invenções comerciais tenha sido o chamado **Parafuso de Arquimedes**. Este saca-róllhas ôco, pôsto sobre um plano inclinado, com a extremidade inferior mergulhada numa poça d'água e as espiras a girar continuamente da esquerda para a direita, recolhe a água embaixo e a derrama no alto — compelindo assim a água a realizar o aparentemente impossível "milagre" de correr para cima.

Esta invenção comercial — empregada ainda hoje na drenagem de terrenos pantanosos da Holanda — foi para os contemporâneos de Arquimedes objeto de profundo espanto. Mais espantosos, porém, que os seus "utensílios de paz" foram as máquinas bélicas que ideou. Sua cidade natal de Siracusa estava sendo sitiada pelos romanos, e o rei Hierão recorreu a Arquimedes para que inventasse armas de defesa contra o assédio. Uma frota romana, sob a chefia de Marcelo, fizera-se de vela contra Siracusa. "Creio que posso destruir essa frota", disse Arquimedes.

— De que maneira? — perguntou Hierão.

— Por meio de espelhos incendiários.

Hierão não disse nada, mas sacudiu a cabeça. Seu infeliz parente, ao parecer, havia perdido a razão por excesso de estudo.

Arquimedes, entretanto, cumpriu a promessa. Pois "assim que os navios inimigos chegaram à distância de uma frechada de Siracusa", concentrou sobre eles a bateria de espelhos que construía especialmente para esse fim. Os espelhos eram "enormes chapas côncavas de metal" dispostas de maneira a enfocar a luz forte do sol na esquadra atacante.

Com relação a este caso é interessante notar que Sir Isaac Newton, depois de uma série de experiências com espelhos côncavos, expressou a opinião de que tal invenção de Arquimedes não estava inteiramente fora da possibilidade científica. A maioria dos historiadores, no entanto, rejeita o incidente como fictício, uma vez que não se encontra referência a ele nem em Plutarco, nem em Políbio, as duas autoridades mais acatadas no tocante à vida de Arquimedes.

Mas não parece haver discordância entre os principais historiadores quanto à autenticidade dos outros inventos militares do geômetra. Quando o cerco de Siracusa se tornou uma

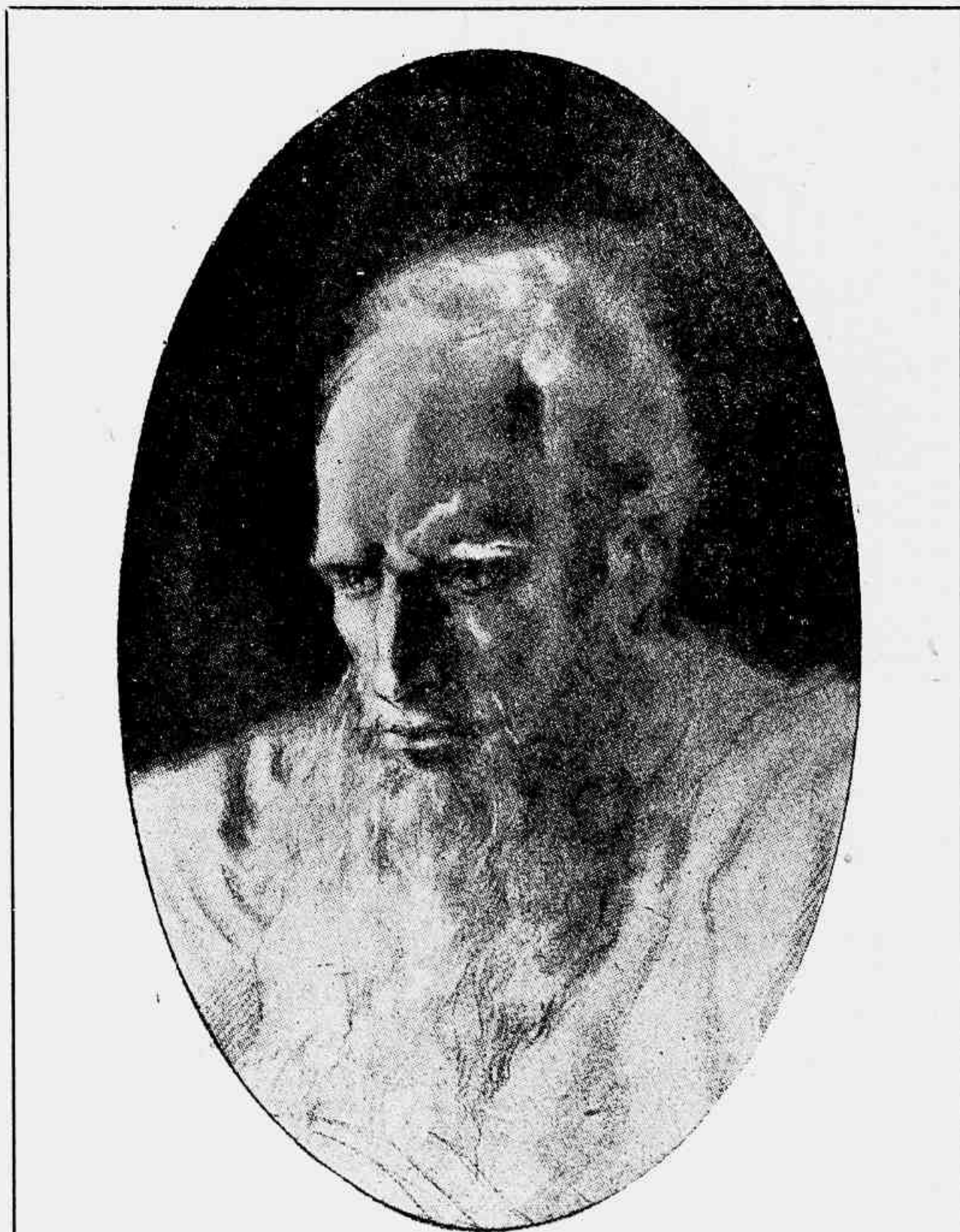
(Continua na pág. 50)

A VIDA DE ARQUIMEDES

(287 A. C. — 212 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)



ARQUIMEDES



Desde alguns anos o Carnaval do Rio é presidido simbolicamente por uma personagem fisicamente existente e de vida real na sociedade carioca, mas de atribuição e posto puramente mitológicos e fictícios: S. M. Rei Momo I e Único.

Antes de chegar o domingo de Carnaval, essa personagem lendária imortalizada por Hesíodo, Momo, deus da Folia, filho do Sono e da Noite, já é o motivo central de todos os que apreciam o lado cômico e alegre da vida, e que contam nos dedos os dias que faltam para homenagear o Imperador da Folia carnavalesca.

No Rio de Janeiro, por iniciativa da imprensa foi criado o Rei Momo I e Único, tendo caído a primeira aclamação unânime de todos os súditos, na pessoa de um funcionário de "A Noite" que, durante vários anos, empunhou o cetro de nosso Rei do Carnaval e andou de charola por todos os bailes, clubes e festas carnavalescas.

Com sua morte há poucos meses, foi escolhido um outro cidadão carioca com as qualidades físicas e espirituais para suceder ao Rei morto, confirmando-se o axioma, Rei morto, Rei pôsto.

Coube a vitória ao Sr. Gustavo de Matos, de 32 anos e capitalista, elevado ime-



S. M. Rei Momo I e Único que presidiu os festejos carnavalescos de 1949 e que, na vida real, é o jovem capitalista carioca Gustavo de Matos

diatamente ao glorioso título de Rei Momo I e Único, sucedendo ao anterior, com esta particularidade que é originalidade deste nosso povo: todos têm que usar o título imutável de Momo I e Único, em curiosa dinastia.

Gustavo de Matos, jovem rico e de excelente estirpe, habituado às delícias de uma vida aristocrática, era, na verdade, o homem talhado para empunhar o cetro de Rei, como soberano de milhões de vassallos espalhados por este imenso país.

A estréia do novo Rei Momo foi das mais venturosas. Nunca o Rio se viu de tal forma emoldurado de flores de luzes e de belos painéis; podendo abrigar com folga, imensas massas de povo em trechos espaçosos e amplos como a Av. Presidente Vargas, para onde convergiu grande parte da população folgazã, aliando a já estreita Rio Branco.

O nome do novo Rei Momo I e Único empolgou toda a população carioca durante a semana que passou, tornando-o a personagem mais falada e comentada naqueles sete dias de perspectivas, anseios e farsa generalizada nas ruas, avenidas, praças, clubes e sociedades.

S. Majestade, por sua vez se comportou com a dignidade de verdadeiro Soberano que manda, impera e governa com seus direitos absolutistas sobre as populações alucinadas pelo direito de dançar nas ruas e gritar sem escandalizar o vizinho.

Com seu sorriso para todos, como um alvará real de indulgências perenes durante o período da folia gigantesca e alucinante, S. M. Rei Momo e Único, na pessoa do simpático Gustavo de Matos, viu esgotar-se fúgadamente o seu Reinado, mas ficou entre o povo a memória de seu prestígio e de sua impecável urbanidade.

a SEMANA EM REVISTA

PARADOXOS AMERICANOS

Embora sejam os Estados Unidos a mais rica nação do mundo, possuindo o maior parque industrial do planeta e ali se acotovellem os mais opulentos e mais vultuosos milionários e arqui-milionários da Terra, é também na América do Norte em que se verifica este paradoxo: o país de maior número de desempregados. O desemprego, segundo nos ensina a economia política, é um fenômeno social voluntário ou involuntário. Isto é, pode existir pela própria vontade do indivíduo, ou quando este indivíduo deixa de trabalhar por falta absoluta de emprego. Depois da primeira Grande Guerra se manifestou na América do Norte uma crise de proporções indescritíveis, culminando com a arrebatada geral de 1928 a 1929, quando num só dia foram registrados mais de mil suicídios de altos representantes do comércio e da indústria norte-americana, desesperados pela baixa geral dos títulos da Bolsa e o pânico em todos os recantos do país. Depois de serenada a convulsão econômico-financeira, verificou-se haver no país uma incrível massa de desempregados, atingindo, segundo estatísticas de então, cerca de oito milhões de semi-trabalho. Coube ao governo manter esse exército de trabalhadores sem função, já que os Estados Unidos não são país migratório e sim receptor de emigrantes. Agora, com o pós-guerra de 1939 a 1945, nova crise se está desenhando na grande república do norte das Américas, já havendo nada menos de quatro milhões de trabalhadores desempregados involuntariamente, sintoma bastante impressionante e mais grave do que o anterior, que levou dez anos para eclodir. Ao lado desse desemprego a baixa dos preços e a diminuição do movimento geral. Devemos ficar alertas.

O PREFEITO EM MONTEVIDÉU

O general Mendes de Moraes é um prefeito que sabe movimentar-se. O povo gosta dessas atitudes e as aplaude. Homem de elevada estatura, bem proporcionado nas suas medidas antropométricas, de fisionomia simpática e sem regatear sorrisos, esse nosso prefeito se tem sabido conduzir com acerto, de modo geral, e, se lhe apontam pecados administrativos, devemos todos reconhecer que tem demonstrado mais virtudes do que faltas. Sua viagem à capital do Uruguai só nos pode trazer benefícios. Ninguém ignora que o país vizinho ao sul é o mais civilizado de todos os deste hemisfério. Estudando-se a nação uruguaia, ficamos perplexos de ver o que é a sua instrução pública, o seu regime de seguros, a impecável e feliz política do óleo, sua administração pública, a elevada educação política e social de sua gente, a imprensa, os hábitos e costumes, enfim, tudo o que pode dar a um povo o caráter de nação civilizada. Ora, o prefeito do Rio é um homem viajado, culto, observador e de boa vontade. Amante do progresso, ele está sempre voltado para adotar no Rio o que de melhor for encontrado em outras capitais adiantadas. Em Montevideu o general Mendes de Moraes há de ver muita coisa que pode ser usada no Rio, melhorando-se nossa fisionomia urbana, os nossos processos imperfeitos, nossas omissões e falhas. Não tenhamos dúvida de que os prefeitos deveriam, de quando em quando, dar um giro aí pelo Uruguai, Argentina, Estados Unidos, países escandinavos, etc., a fim de apreciarem o que de melhor há em matéria de urbanismo, de tráfego, de mercado, de comércio, de vitrinas, de vida noturna, de limpeza das ruas, enfim, do que deve ser uma cidade culta.

CRIANÇAS CARIOCAS

Quando Getúlio era o presidente-ditador ou ditador-presidente, deram-lhe o título de "Amigo da Criança". Um carioca então lhe dirigiu uma carta bastante curiosa e interessante. Dizia ela, a carta, que, sendo Getúlio o "Amigo da Criança", devia ceder a metade do parque do Catete que dá para a praia, dividindo-o em duas partes: uma, ficaria pertencendo ao imóvel, e a outra passaria a ser uma praça arborizada como está, mas preparada exclusivamente para as crianças do Flamengo, Catete e vizinhanças. O missivista demonstrava que o Palácio das Águias possuía terra de mais. Dividindo o imenso quintal justamente à altura de um portão lateral, pela rua Silveira Martins, a parte que lhe sobrava era suficiente para as delícias de uma sesta a qualquer presidente ou ditador, à sombra das palmeiras poéticas e sob a alegria dos bentevis. As crianças daquela vasta zona só possuíam pequenas nesgas de terra onde folgar, e isso mesmo sob a cautela permanente de suas mães, irmãs ou criadas, em face dos perigos iminentes do movimento de carros em loucas velocidades. Transformando-se metade daquela imensa área em um parque infantil, com um "play-ground" e balanços nas árvores, as crianças do Flamengo e do Catete seriam capazes de achar que Getúlio merecia mesmo o epíteto de amigo delas. Não sabemos qual foi a resposta do então dirigente do País; seja como for, a idéia é aproveitável e das mais justas. Quando, há poucos dias, vimos um guarda proibir que uma criança de quatro anos brincasse no gramado ao lado da estátua de Barroso, lembramo-nos da falta que faz, neste Rio de crianças tristes, um verdadeiro amigo das pobrezinhas...

O SACRIFÍCIO DOS JUÍZES

Não, leitor amigo, não se trata de juizes de futebol. Bem sabemos que esses também se sujeitam a terríveis sacrifícios e vivem sob a ameaça permanente dos torcedores sectaristas e intolerantes. Queremos, porém, falar de outros juizes, os de borla e capela e que trabalham com os códigos, as leis e a jurisprudência sempre à mão para suas sentenças saírem de acordo com a consciência jurídica, os bons costumes e direito alheio. Mas em que se sacrificam esses magistrados? É fácil saber. Vá uma pessoa ao nosso Palácio da Justiça, onde funciona o "Forum", casarão de vários andares, estilo pretensiosamente Renascentista, com umas colunas sem dinastia clássica. Logo à entrada temos a impressão de que há excesso de gente e exiguidade de cômodos e meio ambiente para quantos ali trabalham e precisam do Fóro. Nas quatorze Varas Cíveis tumultuaram, durante o ano passado, nada menos de vinte mil (20.000) processos! Em anos passados, quando o total desses processos chegou a uns doze mil, foi um Deus nos acuda! Imaginem, porém, que, com o mesmo número de juizes de ontem, o Fóro de hoje recebe por ano vinte mil! Um aumento de oito mil processos a estudar, examinar e julgar. Mas o sacrifício ingente desses juizes não fica apenas nesse aspecto de trabalho profissional sobrecarregado e asfixiante. Eles não têm conforto algum no Palácio da Justiça, que mais devesse chamar-se dos Sacrifícios dos Magistrados. Um copo d'água para beber não têm os homens da Lei e do Direito aplicado. Suarentos e com a boca ressecada pelo constante falar, se precisam de um copo de água terão que ir a um botiquim da rua D. Manuel... É espantoso que ainda haja juizes no Rio de Janeiro...

NÃO QUIS O EMPRÉGO

Tudo pode acontecer neste país, mas uma coisa nos parecia impossível: alguém não aceitar excelente e rendoso emprego público federal. Pois o fato acaba de registrar-se, caríssimo leitor. Um cidadão filho de Estado do Nordeste, jornalista e intelectual, ainda muito jovem, veio para o Rio lutar pela vida. Dentro de algum tempo se submeteu a concurso e foi classificado com direito a cargo da classe inicial da carreira administrativa, com vencimentos que beiravam quatro mil cruzeiros por mês. Moço de caráter independente e pobre, o nomeado preferiu continuar como já estava, a lidar na vida de imprensa, sem coisas fixas e certas, mas com a liberdade de ação, e sem ficar sujeito ao relógio do DASP ou a outros ponteiros oficiais. Não assumindo o lugar para o qual fora nomeado, teve o seu direito anulado por um decreto do presidente da República, tornando sem efeito a nomeação conquistada em concurso. É incrível o que acaba de ver-se com esse brasileiro que não aceitou um emprego federal de real prestígio e bons vencimentos iniciais. O que de ordinário se registra por aí é justamente o contrário: todo mundo vive com os olhos nos empregos públicos, os ouvidos na conversa dos oficiais de gabinete de Ministérios para pegar alguma notícia de chance, as antenas do interesse dirigidas para os amigos dos favorecidos oficiais. O emprego público, especialmente o federal, é o sonho de grande número de brasileiros que não querem trabalhar em ofícios liberais e em organizações particulares. Nada como entrar às doze e sair às quatro. Ou como aquele patriota que vinha dizendo a outro, num ônibus da zona sul: "Já estou muito cansado com o emprego que o homem me arranhou. Trabalho um dia e descanso seis... Requeri licença para passar 30 dias numa estação de águas..."

O CARNAVAL EM LISBOA

Os brasileiros receberam de Portugal os hábitos de folgueto carnavalesco. Primeiramente era o entrudo. Muita gente que ainda vive hoje, lembra-se como se fosse ontem, esse costume de entrar durante os três dias de Carnaval. Mas o entrudo era uma imundície. Quando usavam apenas água, ainda se tolerava; mas quando o folião pegava de jeito sua vítima e lhe lambuzava a cara de tina de panela, de lama, de zarcão, alvaiade, frutas podres e outras sujeiras líquidas e sólidas, aí então dava até para sair briga. Segundo as estampas e crônicas da época, nem os membros da família imperial podiam escapar. Certa vez o próprio D. Pedro II, ao passar em certa rua, foi batizado com uma bacia d'água que lhe jogaram lá de cima de uma sacada. O soberano não estrilou e achou até graça na pilhéria. Carnaval passou a ser sinônimo de tempo de absoluta liberdade, muitas vezes descambiando para a licenciosidade. Já nos começos do século XX o Carnaval se foi modificando. Em lugar das laranjinhas, vieram as bisnagas cheirosas e aristocráticas, desaparecendo, por ordem legal e educação do povo, o costume selvagem do entrudo imundo. De evolução em evolução, foi-se reformando o Carnaval, até chegar ao que está: muita gente, pouco brinquedo e menos despesa. Grande animação nos bailes de clubes e outras sociedades, ausência cada vez maior de mascarados e fantasias, já pelos preços elevados, já porque de máscara bastam as de todos os dias. Mas que sucedeu em Portugal? Apenas isto: lá é proibido fazer Carnaval de rua. Foliões, só em recintos fechados. Ninguém pode sair à cidade para cantar, dançar, rir, pilheriar. Adeus, Carnaval!

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 11 — 12-3-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de Ouro na Exposição de Túrín de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00

Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-press" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Churchill falando na reunião do Conselho Internacional do Movimento Europeu diz que a ONU é impotente para impedir nova guerra. Chega a San Diego, na Califórnia, o navio-escola brasileiro Saldanha da Gama. Togliatti declarou, em entrevista, que os comunistas italianos lutarão ao lado dos Exércitos soviéticos, se estes invadissem a Península Itálica. Novo golpe militar no Paraguai derubando o general Rolón e substituindo-o pelo Sr. Molas Lopes. Prisões de comunistas em Paris. Aumenta a oposição ao tratado de Segurança do Atlântico Norte. Faleceu em Lisboa Justino Montalvão, escritor e diplomata português. Reprovações em massa nos exames de admissão ao ginásio e academias militares do Rio. Prossegue, em Roma, o julgamento do marechal Graziani, criminoso de guerra. Vem aí o general Mark Clark, e também o Coronel Robert Mc Cormick, diretor do "Chicago Tribune". Pretende o governo holandês apressar a independência da Indonésia. Encerrou-se a Mesa Redonda para a Conservação do Solo que se reuniu em S. Paulo. Sete "barões de aço" alemães que trabalharam para os nazistas vão dirigir a indústria de aço do Ruhr. As tropas norte-americanas de ocupação no Japão combateriam ao lado dos exércitos japoneses se este país fosse atacado pela Rússia, declarou o secretário do Exército dos Estados Unidos em Washington. Vitória do Brasil no Sul-Americano de natação. Saldo favorável ao Brasil, de 16 milhões de dólares, em 1948, no nosso comércio com os Estados Unidos; contra o "déficit" de 300 milhões verificado em 1947. "Não pode haver dúvida alguma de que necessitamos da ajuda norte-americana". Declarou Sir. Stafford Cripps, ministro da Fazenda do Governo inglês. Deslocados de guerra aportados no Rio Grande do Sul, como "técnicos mecânicos", confessaram nunca ter visto um motor Diesel de perto. Dissolvida pelo governo venezuelano a Confederação Geral dos Trabalhadores daquele país. De Recife informam que o Colégio Padre Felix, que educou tantas gerações de pernambucanos, vai cerrar suas portas em virtude de não haverem os herdeiros daquele educador chegado a um acordo. Informa o Ministério da Agricultura que não há epidemia de peste suína em Goiás, conforme anunciam alguns jornais de S. Paulo. Depois de Prestes, Thorez e Togliatti, manifestam-se da mesma forma os líderes comunistas Harry Pollit, inglês e William Forster, americano, que em caso de uma guerra com a Rússia, os comunistas daqueles países não se alistariam para combater. Na segunda quinzena deste mês a Conferência de Paz da China. Não deseja a Rússia torpedear o "Plano Marschal", afirma a Rádio de Moscou. Transjordânia e Israel negociam um armistício. Fortes ventos percorrem a Europa, causando, até agora, 25 mortos e muitos feridos. "Defenderemos o Japão se a Rússia o atacar", declara o General MacArthur em entrevista coletiva à imprensa de Tóquio. Esforço do governo francês para eliminar a espionagem comunista na França. Truman realizou diversas conferências, sem publicidade, com homens de negócio, operários, agrários e membros do governo, para um estudo da situação geral norte-americana. Não houve incidentes com o pessoal da FAB durante o Carnaval. Novo empastelamento do "Jornal do Povo" de Belo Horizonte, sendo apontados como causadores elementos da Polícia Militar mineira. Primeiro emprêgo pacífico da "bomba atômica" no acionamento de um guindaste elétrico para lançamento da pedra fundamental de um novo edifício em Nova York. Durou seis dias a greve dos gráficos de Caracas. O governo da Romênia iniciou o combate ao latifúndio, nacionalizando cerca de 315.000 acres de terra, começando pelos grandes fazendeiros que se achavam atrasados nos impostos. Devido aos fortes ventos, que percorrem a Europa, fecharam os aeroportos da capital germânica, prejudicando com isso o abastecimento da cidade. O Papa completou seu 73.º aniversário e o 10.º de sua elevação ao trono de São Pedro. Greve de represália dos comunistas franceses contra a Casação das imunidades de Cachin e Bonté, deputados franceses. Sete nações convidam oficialmente a Noruega para participar do Pacto do Atlântico Norte. Henri Queille, chefe do governo francês, declara a um jornalista, que os Estados Unidos são a única potência capaz de impedir que a Rússia domine a Europa toda, inclusive a própria França. Renunciou ao seu posto o Sr. James Forrestal, secretário de Defesa dos Estados Unidos. Publicado em Nova York o relatório da Missão Abbink, no qual se afirma que a exigência básica para o desenvolvimento econômico do Brasil é o aumento de sua produtividade, recomendando ainda a criação de um Banco Central e outro Rural.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

COMECE BEM O DIA USANDO

LÂMINA Gillette AZUL

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

O BRASIL E O MUNDO ÁRABE

★
Série de crônicas de
CARLOS LACERDA

★
Rio de Janeiro
1948

Trata-se de correspondências para jornal, enviadas de viagem, em dias previamente determinados e nas quais, portanto, se poderia notar, de onde em onde, incerteza ou precipitação. Só quem assim andou de terra em terra poderá dizer o que semelhantes tarefas envolvem de dificuldade inquietadora. Casos em que o escritor preferiria estudar o assunto em sentido mais amplo ou mais íntimo; outros em que sofre a falta dos elementos de apoio, confronto, exemplificação que, à sua mesa de trabalho, os livros sempre à mão lhe proporcionam; outros ainda em que, por preguiça física ou indisposição do espírito, se não sente capaz de produzir coisa acertada ou airosa... Mas é necessário, mãos à obra; saia o que sair!

Assim o autor de "O Brasil e o mundo árabe" previne os leitores "dos inconvenientes da reunião, em livro, de artigos de jornal. No caso, os perigos que o autor corre são ainda maiores, pois estas correspondências foram escritas no acaso de quartos de hotel, pela madrugada dentro, às vésperas da partida dos aviões, ou embaladas ao som da fuzilaria inquietante e incerta que pontilhava as noites de Jerusalém. A bordo dos aviões mais variados, desde os compactos "Constellation" até o aparelho de quatro lugares, côr de abóbora, da Arabian Airlines, que desce no aeroporto militar de Amman, capital da Transjordânia... Só, porém, a exigência de prazo e deficiência de conforto para redigir as suas impressões deviam ter tornado mais ou menos penosa a tarefa do homem de letras em função de repórter. Tudo o mais se lhe ofereceu ditosamente. Ele mesmo, em forma de agradecimento a quem o auxiliou, nomeia estadistas, diplomatas, políticos e administradores, militares, jornalistas, sacerdotes. Não é caso, bem entendido, de qualquer de nós exclamar: "Assim também eu!". Tudo, porém, que o sr. Carlos Lacerda podia obter em seu favor, em verdade o encontrou e daquelas boas vontades se soube aproveitar.

O presente volume não constitui obra apenas informativa ou destinada a coordenar teorias e fatos de algum modo elucidantes. Quem alguma vez leu os trabalhos do sr. Carlos Lacerda sabe como lhe seria embaraçoso ou até impossível tratar qualquer questão com perfeita isenção de ânimo, sem passar de mero espectador ou de juiz a quem a causa pessoalmente não interessasse. Tem que tomar partido e, por temperamento, por essência combativa, tem que se apaixonar. E eis o que também o faz dizer, para necessário e prévio esclarecimento do seu novo público: "O que se vai ler, se é que se vai, é ao mesmo tempo o resultado de uma investigação e de um raciocínio. Não poderia, portanto, concluir imparcialmente — sob pena de não concluir".

Assim é o homem, assim o escritor; assim temos que o ler e devidamente o prezar.

RUA DE PEDRA

★
Páginas de versos e
outras, de
WALFRIDO PILOTO

★
Gráfica Mundial Ltda.
Curitiba
1948

O sr. Valfrido Piloto é, por temperamento e por educação própria, um escritor de combate. Tivemos ensejo de nos referir, nestas colunas, aos seus livros "Diário de um tempo ruim" e "Profanações", animados, o segundo principalmente, em certas páginas, pela semente da grande revolução das inteligências e dos sentimentos, com a qual alguns homens esperam refazer, reeducar, salvar a humanidade inteira. Mesmo onde a utopia nos pareça, a nós, pessoas vulgares, inaccessível ou difícil de passar a verdade presente — a esperança daqueles lutadores por momentos nos envolve e sempre algum bem nos faz. Considerada quimérica, sobretudo exercida a golpes que deveriam ser de efeito imediato e decisivo, nem por isso nos dá a impressão de menos simpática. E sem propriamente acreditar nela, surpreendemo-nos desejando assistir ao seu triunfo — que, um dia, sabe Deus quando, mas certamente um dia, se há de consumir.

Aqui vem agora o sr. Valfrido Piloto, poeta. Mas o batalhador extremado, arrebatado, continua o mesmo. Em versos dos chamados modernistas, versos adiantados, não porém, exatamente como as suas idéias, prega a derrubada urgente de princi-

pios, leis, instituições, para, em lugar de tudo isso, se erguerem os edifícios da nova compreensão e do acórdio universal. Nas páginas intituladas "Convite ao ódio", exorta os seus "irmãos crucificados" a abandonar o Gólgota para vir fazer guerra sem tréguas, infatigavelmente, "aos deuses astutos e cínicos da materialidade e da força"...

...e sem vitória não desça,
dos ventos escuros de todas as terras,
o branco estandarte
do espírito!

Em outras páginas estua a ânsia de reconstrução logo após a destruição; outras ainda correspondem a estados de mais moderada imaginação ou mais serena emotividade. Há até passagens de carinho e idílio; e chega a haver o cuidado "passadista" — assim chamado porque é eterno — do metro e da rima. A longa poesia "Os ês do négo Abé", curiosa de fatura típica, torna-se, pelo sentimento, de veras comunicativa e enternecedora. O antigo escravo conta o seu martírio que, chegado o dia da liberdade, se não modificou muito e até agora continua. Eis as últimas quadras:

Fui forte e animado,
gostei de fazê
bem certo os serviço
pra muito rendê.

Mas négo não teve
senão a escorrê
as gostas de suô,
sem mais merecê...

Agora tô véio,
ninguém qué sabê
se o négo tem fome
se drome no qué.

Divertem-se todos
com o tipo que vê
e querem a idade
pra mais se entretê.

E' duro, nhô moço
assim se vivê!
Sou eu que perciso
de ocê me atendê:

Me ajude a cabeça
a não se esquecê
dos anos que farta
pro négo morrê!

PASSOS CEGOS

★
Romance de
MILTON PEDROSA

★
Livraria Cultura
Brasiliense Ltda.
Belo Horizonte
1949

Romance do cacau, do algodão, da borracha, do diamante, do café... Continua a série: temos agora o romance da Estrada. E' entre os empregados braçais de uma via férrea, perto de Mossoró, que a história principia. Como, em geral, nos anteriores livros da espécie, é uma gente espoliada, sacrificada, vítima de todas as injustiças, todas as crueldades; todos os escárneos. Dir-se-ia que, há bastante tempo, deixou de existir no Brasil esse sistema de explorar os trabalhadores, podendo o patrão pagar-lhes o estritamente necessário para não morrerem de fome; aplicar-lhes as multas mais descabidas ou arbitrarias; exercer contra eles o direito, se não legal, pelo menos em uso — e o uso faz lei — de, ao menor protesto ou rebeldia, os castigar com a morte... Sim, dir-se-ia que tais protestos se tornaram, neste país, inexequíveis... Mas os romancistas conhecem as regiões, conhecem as populações; e, portanto, devem contar a verdade.

E' por não mais poder suportar o espetáculo daquele proletariado; por ver em tudo aquilo a imagem do seu próprio futuro, caso ali continue, que o protagonista dos "Passos cegos", o jovem Ladislau, resolve vir para o Rio de Janeiro. Traz consigo apenas algumas dezenas de mil réis. Nenhum amigo seguro e capaz de o ajudar; nenhum amparo certo e nem sequer promessa em que confiar... Logo, porém, o vemos fazendo parte de uma roda de boêmios, literatos sem editor, pintores que não arranjam como nem a quem hão de vender os quadros — e vai vivendo. Não se sabe com que, mas lá vai vivendo. De vez em quando, lembra-se de Mossoró. Episódios da infância e da adolescência lhe acodem, de extrema nitidez, embora exagerados no vulto e no colorido, como num sonho em que tudo o mais fosse realidade. E Ladislau caminha angustiadamente, de desilusão em desilusão. Não decide, porém, como o Artur da "Capital" de Eça de Queiroz, como tantos outros heróis de romance

e modernamente de filme, abandonar a cidade enganadora, impiedosa, e voltar à terra natal. No último capítulo, vai andando pelas ruas sem destino, à toa, por entre recordações e fantasmagorias, desconhecendo tudo em volta, não se reconhecendo a si próprio. "E os seus passos o arrastavam. Mas eram como tinham sido durante toda a sua vida — passos cegos".

O sr. Milton Pedrosa escreve com desenvoltura, energia, vibração. Há páginas ou trechos de página que emocionam vivamente. Em outras passagens o esforço de originalidade se nos torna desagradável ou fatigante, como a descrição — não por qualquer personagem acometido de ecolalia, mas pelo próprio autor — do enterro de Nicácio, amigo de Ladislau e o qual "...estava morto. Desaparecera como Mira. Estava morto. Morto, morto, morto, morto, morto, morto, morto, morto". Felizmente, singularidades destas não se repetem no livro com frequência. E, tirante ainda alguns palavrões, como certas maneiras do linguajar ignaro e que os escritores devem adotar nos diálogos não, porém, no próprio estilo, com justiça se pode dizer que o romance tem valor e deixa boa impressão.

A MULHER NA POESIA DO BRASIL

★
Coletânea organizada por
DA COSTA SANTOS

★
Edições Mantiqueira
Belo Horizonte
1948

Acreditamos bem que, para a organização deste volume de quase trezentas páginas, o sr. Da Costa Santos não tenha sentido outra dificuldade além do sempre citado embaraço da escolha. Que poeta brasileiro terá deixado de celebrar os encantos e virtudes de uma mulher ou da Mulher como síntese e representação de todas elas? De muitos até se poderá dizer que, nas suas obras, como na sua vida, jamais fizeram outra coisa. E nesse jardim imenso, qualquer antologista se sentirá perplexo, tonto, aflito perante a exuberância e graça da floração madrigalesca, enlevada, reverente, devota, passional...

O plano do presente volume, sem a observância cronológica e sem quaisquer anotações ou dados indicativos, foi dividido em sete partes: A primeira mulher, Filha, Menina, A irmã, Mística, A avó, Essa... e outras. Por esses departamentos se distribuíram peças poéticas das que, em tal assunto ou sistema de assuntos, mais se celebrizaram nas letras nacionais. Assim, no correr dos diversos capítulos nos vão surgindo: "Celeste", de Adelino Fontoura; "Anjo enfermo", de Afonso Celso; "Menina e moça" e "A Carolina", de Machado de Assis; "A minha noiva", de Artur Azevedo; "Suave caminho", de Mário Pederneiras; "Ser mãe", de Coelho Neto; "Minha mãe", de Martins Fontes; "Plena nudez", de Raymundo Correia; "Ismalia", de Alphonsus de Guimaraens; "Estudo anatômico", de Fontoura Xavier, etc. Consideradas pelo critério da notoriedade, faltam, por exemplo, "Cisnes", de Julio Salusse; "Teu lenço", de Guimaraens Passos; assim como fazem grande falta nomes como o de Alberto de Oliveira que tão magníficos poemas assinou em louvor e para glória da Mulher. Sempre, porém, em seleções desta natureza, se poderão notar lacunas ou superfluidades — se não as duas coisas juntas. Talvez, em tal tarefa, outro homem de letras rejeitasse páginas que fazem parte deste volume e cujos autores nos parecem apenas conhecidos... do autor. Em compensação, obras relativamente pouco conhecidas se nos deparam com surpreendente prestígio expressivo, um sentimento que, a poder de comunicativo, chega a dar a sensação de novo. Assim nos pareceram as sete quadras de Nilo Aparecida Pinto "A uma colegial", assim também o soneto de Sabino de Campos "A minha mãe", de encantadora singeleza de fatura, e no qual o requisito difícil das duas rimas únicas e sempre agudas se apresenta dando a impressão da espontaneidade:

Minha mãe, a quem devo isto que sou,
envelhecendo, envelhecendo está;
tem no olhar a esperança que murchou
no rosto as voltas que este mundo dá.

Ao vê-la, vejo tudo o que passou: sei lá...
A minha infância... meus irmãos... sei lá...
a noite cai... como Sinhá mudou...
estrada ao sol... que de Sinhô será!

Pela tortura hei de ser grande assim:
Hei de chegar onde ninguém chegou,
com esta santa velhinha junto a mim.

Que importa o fel da vida errante e má?
Para felicidade de Sinhô
basta, no mundo, a bênção de Sinhá.



Dedos QUEIMADOS

CAPÍTULO I

Romance de KATHLEEN NORRIS ★ Ilust. de O. MATTOS

pequeno salão de chá estava bastante alegre naquele detestável dia de janeiro. Cada uma de suas pequenas mesas estava forrada com toalhas de xadrez encarnado e branco e decorada com vasos de cristal delgado contendo três junquinhos.

Jenifer Richie sentou-se numa daquelas mesas, a mais distante da porta da entrada, sob a escadaria, e esperou. Mas esperava como espera uma mulher na ante-câmara de um hospital pelos resultados de uma intervenção cirúrgica no corpinho de um filho, quando cirurgião e enfermeira lutam para salvar uma preciosa vida.

Seus jovens e aflitos olhos iam da porta de entrada ao relógio, e dêste à entrada. O ambiente estava dominado pela clientela. As demais mesinhas as mulheres a almoçar produziam aquele ruído característico dos comentários e sussurros, enquanto, erigida em seu pósto de arrecadação de despesas, a empregada da caixa ia atendendo os fregueses. Miss Richie, porém, a nada disso prestava atenção. Seus olhos estavam na porta da frente e no mostrador do relógio. A cada movimento que surgia à entrada, cada homem que se aproximava da chapeleira, ela se agitava, alongando o pescoço para ver se o esperado, seu querido Sid, já chegara.

Finalmente ei-lo que entra com vinte minutos de atraso. Na verdade, porém, ela esperara tanto, pelo fato de ter chegado com doze minutos de adiantamento, e daí ter sofrido a machada. Ele, entretanto, não demonstrou nenhuma contrariedade por esse incômodo. Era o mesmo elegante e bem disposto cidadão a quem ela havia amado desde que o viu pela primeira vez. Não era rico, mas com muito maiores recursos do que Jenifer, a quem obsequiara anteriormente em certa ocasião; não era também, como se poderia chamar, um homem belo, mas portador de certo aspecto aristocrático, de certa finura que toda mulher admira. Sid, que tinha vinte e seis anos para os dezoito de Jenifer, simpatizara com ela pelo seu todo sofisticado e procedimentos de uma jovem que vive a sonhar com amores.

Tirando o seu capote, Sidney Borrows sorriu, aproximando-se de Jenifer, que correspondeu com certa tristeza, e, ao sentar-se, tomou do cardápio dizendo apenas, como cumprimento:

— Hello! Que temos hoje para comer?

— O de que gostamos todos os dias — respondeu ela com um sorriso. — Caranguejos, solhas, tudo.

— Apenas eu não estou com apetite — continuou ele.

O coração de Jenifer, por motivos que ela não pôde penetrar, mergulhou, naquele instante, na maior tris-

teza, em sombrio desânimo. De alguma forma uma refeição quando ambos juntos e bem dispostos, se tornava meio de maiores intimidades entre eles, convivência mais real e afetiva. Aquela escusa de Sid a entristeceu.

— Estive em casa de minha tia Claire, à noite passada — explicou ele — e não pude levantar-me senão às nove horas. Migs telefonou ao escritório comunicando que eu estava atacado de influenza e que só iria trabalhar mais tarde.

— Oh! Como está Migs? Encantadora como sempre? — Jenifer sabia que não pertencia ao mundo de Migs. Quando Sid começou a fazer parte daquele mundo de gente rica, com suas belas vivendas nos pontos pitorescos da península, gente que jogava golfe e tênis e dava festas e bailes em honra a suas filhas, ele havia deixado Jenifer à margem desse mundo. Com que mágoa ela se via jogada de lado por Sid, embora procurasse transparecer que se interessava por Migs.

— Você a vê sempre? — perguntou-lhe Sid com surpresa.

— Somente pelos retratos nos jornais.

CONFORME havíamos prometido aos leitores desta REVISTA, damos hoje início ao belíssimo e emocionante romance da famosa escritora norte-americana Kathleen Norris. "DEDOS QUEIMADOS", cujos direitos de reprodução foram adquiridos pela REVISTA DA SEMANA, traduzido do original BURNED FINGERS, por pessoa de nossa inteira confiança e credenciada para a divulgação em nosso idioma.

Esse romance, embora possa empolgar o mundo masculino, é uma história emocionante mais dirigida à alma da mulher em qualquer idade e de qualquer meio social.

A romancista Kathleen Norris é considerada pela crítica literária do seu país e do estrangeiro como um dos maiores espíritos na descrição dos problemas do amor, da amizade, da luta das paixões, dos sonhos e devaneios femininos em face dos dramas da sociedade humana.

Escrevendo com fluência e riqueza de expressão, ela não fatiga o leitor com excessos descritivos e rebuscas introspectivas de natureza científica, versando todo o tema de seu romance em torno da mocidade e do amor.

Sua técnica no desenvolvimento da história segue o programa dos bons escritores que deixam deslizar os acontecimentos sem precipitações e sensacionalismos iniciais, permitindo ao leitor a vantagem de ir do simples para o composto, até que a história atinge o seu ponto culminante capaz de dominar o mais indiferente por este ramo da literatura.

Tôdas as semanas publicaremos um ou mais capítulos de "DEDOS QUEIMADOS" conforme o espaço com que possamos contar, sem prejudicar outras seções e matéria de leitura desta REVISTA; mas podemos garantir aos nossos leitores e, especialmente às nossas leitoras, este romance de Kathleen Norris ficará por muito tempo na memória de quantos tiverem a felicidade de conhecê-lo através de nossas páginas.

— Sempre se lembra de todas as moças que aparecem na imprensa?

— Sim, quando se trata de suas primas — confirmou Jenifer.

Ela estava verdadeiramente com fome; mas quando Sid pediu para ele apenas uma salada e café, ela o imitou, pedindo o mesmo.

Seu coração começou a bater com força e apressadamente quando a gar-

gonete colocou os copos e manteiga na mesa. Jenifer não dispunha de muito tempo. Se ele não estava disposto a conversar seriamente, ela estava.

— Muito senti, Sid, ter telefonado para o seu escritório, pois bem sei que você não gosta.

— Não é propriamente isso — responde ele amavelmente. — Mas é muito inconveniente.

Havia uma espécie de barreira entre eles. Jenifer procurava trazer à conversa algumas frases que estivessem fluindo em seu espírito. Tudo o que estivera a pensar naqueles dias devia ser declarado naquele momento. E começou, decidida:

— Sid, estou tão embaraçada, tão envergonhada... Você bem deve saber como tenho estado atribulada estas últimas três semanas. Não sou nenhuma dessas moças sem caráter. Não pertencço a tal classe de moças. Sinto-me como num pesadelo. Se nós, na verdade, nos amamos mutuamente, e você mesmo o disse naquele primeiro bilhete, que jamais amaria uma outra...

Reteve a progressão de suas queixas. Seu espírito, sua vontade de falar, seu ânimo começaram a girar

— E' isto mesmo, Sid — Jenifer sorriu tristemente.

Sid permanecia calmo, frio, como se nada houvesse ouvido.

— Tais coisas não podem continuar assim, nesse caminho — disse ela com voz débil.

— Que caminho? — perguntou ele.

— Estive pensando... — continuou ela, sentindo uma espécie de angústia dentro de si mesma — estive pensando... que... se o que fizemos estiver errado, e bem sabemos que está, pelo menos é o que todos dizem... Estive pensando que, que... se nos amamos um ao outro, o caminho verdadeiro, quero dizer, isto é, que...

Não pôde mais continuar. Deslizou como a patinar sem apoio na imaginação e parou.

— Nada há de mais a fazer — disse Sid com voz baixa, olhando-a com ar de quem não está temendo coisa alguma.

Ela jamais desejara falar acerca de tal assunto; mas chegara o momento. Era preciso sair daquela situação e falar claro a Sid, parecendo-lhe não haver melhor chance do que naquele instante. Devia dizer-lhe a verdade.

— Quero lembrar-lhe, Sid, acerca do nosso casamento. Naquela noite, no apartamento de Phil Neville, quando pela primeira vez lá subi e ceamos, lembra-se de que você disse que estávamos noivos?

— Lembro-me perfeitamente. Mas... casamento? Que história é essa? — perguntou ele em tom sério. E prosseguiu: — Não tenho ainda um emprego e sim um "bureau" no escritório de meu tio, onde passo o dia todo a desenhar aeroplano como pura distração, mas sem qualquer salário.

— Sim, sei disso; mas não é justo que, chegando as coisas a esse estado, não nos casemos. Como sabe, não posso deixar assim minha casa, com Betty e as meninas. Como nos amamos mutuamente, Sid, como você mesmo já disse...

— Nós nos amamos mutuamente, e espero que assim seja para sempre. Que lhe fez pensar que eu já deixei de amá-la?

— E' que... você deixou de telefonar-me durante estes dias. Não estive fora, nem em cinemas, nem a tomar chá, ausências que poderiam causar um desencontro. Há duas semanas, completadas ontem, que você não telefona — suspirou ela, timidamente.

— Bem, que é mais? Não se aflija. Tratarei disso um desses dias. Que deseja como sobremesa? Ainda temos o cardápio. Eu quero uma laranjada e você vai comer aquele pão misto com creme. Vi que você estava com vontade de comê-lo desde o primeiro minuto.

— Então... — disse ela encorajada — é a última vez que lhe pergunto isso, Sid. Estamos noivos?

numa espécie de pânico. O tempo ia passando e nada ela adiantava.

— Sid — prosseguiu mais animada.

— A razão disso já lhe dei pelo telefone.

O rapaz ergueu os olhos da salada e fitou-a.

— Sim? — E continuou com a maior indiferença.

Ele não respondeu. Olhou-a meio disfarçado e, depois, para a ponta do seu cigarro.

— Não, não direi que já estejamos comprometidos — respondeu deliberadamente.

Só então ela percebeu que essa conversa estava molestando muito o rapaz, que prosseguiu:

— Não direi tal. Apenas lhe direi que... — e ele parecia falar com algum esforço — precisamos deixar as coisas assim: não nos devemos ver durante algum tempo. E' conveniente pensar mais um pouco. Então... depois, naturalmente, quando nos sentirmos em condições um para o outro...

— E que há ainda a pensar?

— Deus do céu! Há, sim. Dinheiro, renda, tudo que diz respeito à estabilidade.

— Mas... você me disse... você disse...

— Bolas! Eu sei o que disse. Eu estava certo de que você seria boa-ninha e que me compreenderia, e assim ainda o penso. Não devemos olhar tão seriamente esta situação. Vamos encarar tudo como se estivesse assentado para o momento preciso. Saibamos ser coerentes um com o outro e evitar telefonemas, pois isso poderia colocar-me em dificuldades com meu tio. Agora me diga o que se passou com sua irmã menor. Que andou ela dizendo ultimamente?

Jenifer procurou dar uma resposta jovial, mesmo sentindo ódio a si mesma e a ele, que a forçava a simular um estado de espírito que não tinha. Com que mágoa ela observava a pressa com que ele procurava pôr termo à conversa, pedindo a conta, tão diferente dos seus encontros dias antes, quando ali ficavam horas, enfrentando ela as censuras do gerente do escritório onde trabalhava! Sentia que esse tempo já havia passado, estava morto.

Ao saírem, ele a conduziu até a esquina e ali se despediu alegando que precisava ir à Câmara Municipal a fim de dar um recado de seu tio.

— Sid, está certo — disse ela ao apertar a mão que ele lhe apresentou com um "adeus". E prosseguiu: — Sentir-se-ia feliz se algum dia estivessemos juntos? Contudo você precisa saber que da maneira como está procedendo, você está pondo um ponto final entre nós.

— Ponto final em que? — perguntou, como se não houvesse compreendido. — Escute: você não deve ficar assim tão impressionada. Tenha calma. Bem sabe que eu estou profundamente apaixonado por você. Nada há que prove que eu lhe deseje mal ou a mim mesmo queira prejudicar. Telefonarei marcando encontro para almoçarmos juntos, muito em breve. Não fique se torturando inutilmente. Dê-me também coragem. E agora ouça lá: não já está ficando tarde para você? Faltam quatro minutos para uma.

— Posso demorar-me.

Ali terminou o encontro sob sombrios prognósticos. Sid lhe repetiu

aquêle "adeus". Jenifer foi andando muito entristecida. Tinha tido esperanças e temores em torno desse encontro, pois precisava falar claramente com Sid, e, apesar de tudo, se sentia mais aliviada. Ela andava e parecia que muita coisa ainda deixara de dizer, faltara conseguir para que tudo ficasse perfeitamente bem.

★

Estávamos em janeiro de 1936. Jenifer conseguira um emprêgo num escritório de contabilidade. Mas o meio lhe era muito insípido. Ela, quando frequentava a escola pública, achava esse trabalho, muitas vezes, enfadonho, mesmo quando os estudos eram entremeados de passeios, excursões, férias, etc. As ocupações no escritório eram diferentes. Das oito e meia às dezessete e meia, tinha que fazer trabalhos permanentemente monótonos, sem o mais ligeiro interesse para ela. Às vezes se recordava dos trabalhos escolares que tão insípidos lhe pareciam, mas via agora que os do escritório eram muito mais enfadonhos.

O escritório era num sótão muito vasto e sem luxo, com setenta e dois "bureaux", cadeiras, cestas para papéis imprestáveis, arquivos, etc., tudo de custo barato e modesto.

Estava empregada de Tyrrell, Jenks & Simons havia mais de um ano, justamente antes de completar seus dezessete anos, muito tímida diante do emprêgo que ocupava pela primeira vez, incapaz de acreditar que pudesse desempenhar um lugar em escritório que lhe garantisse salário de dezoito dólares e meio por semana. Miss Griggs lhe dera ligeiras explicações acerca do trabalho que tinha de fazer, o que foi reforçado pela sua companheira Mollie Evans, muito delicada, cuja mesa era vizinha à de Jenifer.

Não obstante, todas aquelas explicações, ouvidas com o maior respeito e atenção, lhe pareciam grego... Muito proveito, porém, com a amizade de sua vizinha Mollie, que a ajudou a começar o trabalho de maneira mais firme. Muita coisa, porém, continuava a ser grego para ela, depois de mais de um ano.

Depois de alguns meses no serviço, os seus superiores observaram que ela era uma boa auxiliar, e que até estava influenciando no método e procedimento funcional das outras moças. Havia ali jovens e mulheres muito mais bonitas e ligeiras no serviço; mas Jenifer era de grande simpatia e atrativo pessoal e suas maneiras muito agradavam pela prontidão, serenidade e consciência do trabalho, a ponto de a própria detestada miss Griggs dizer que não fazia questão de ter sob suas ordens uma centena de moças como aquela.

Passados os primeiros dias de incertezas e preocupações no escritório, ela caiu na monotonia do trivial e rotineiro. Trabalhando ou tagarelando à hora do almoço, bem como conduzindo papéis com garatujas e hieroglifos indecifráveis de um lugar para outro, entre homens e mulheres, coisa

(Continua na pág. 51)



VIDA LITERÁRIA



Jean Paul Sartre, o filósofo do "Existencialismo", num dos seus mais recentes retratos

QUE É EXISTENCIALISMO

JEAN PAUL SARTRE, que atualmente tem seus quarenta e três anos, é um dos produtos mais novos das transformações históricas por que passa o mundo após as grandes convulsões como as que foram precipitadas pelo pós-guerra. E' sempre assim. Depois de profundas comoções telúricas na sociedade humana, venham elas através de descobertas científicas, de revoluções ou de guerras do porte da que estourou em 1939 e terminou em 1945, surgem fatalmente pregadores de novas teorias filosóficas da vida. Provocam discussões, arrastam proselitismos, mantêm-se nos noticiários de imprensa e nas páginas de comentadores ou críticos durante algum tempo e desaparecem com a mesma facilidade com que surgiram. Apenas o que é firmado pela verdade científica permanece e resiste aos efeitos do tempo e às contingências do espaço em que se agita.

O Existencialismo de Sartre, concepção filosófica da vida humana que já repontara nas obras de Alberto Moravia, na Itália, vem renovar certos princípios da filosofia que julga indiferente a existência ou não de Deus, no que se aproxima dos agnósticos, mas tempera essa rebeldia quase materialista com a defesa da teoria do livre arbítrio.

A primeira obra do filósofo e pedagogo francês, fundador do "Existencialismo", traduzida para nosso idioma, foi o romance "Muro", através de cujas páginas Sartre expõe e defende sua interpretação da vida. Os críticos brasileiros a receberam, em geral, com louvores, embora suscitasse acesos comentários. Não é livro para agradar o vulgo, o elemento feminino, as mocinhas ledoras e contemplativas. "Muro" foi um cartão de visita de Sartre para os brasileiros, que provocou repulsa de muitos e gritos de entusiasmos de outros; mas, em verdade, sua teoria filosófica da vida não trouxe nada de novo, repetindo coisas velhas e defendendo apenas teorias de natureza mais religiosa do que científica.

No Rio, por mais estranho que pareça, já houve quem procurasse fundar Centros Existencialistas... O que possui sua doutrina de mais interessante é a guerra ao estatismo, à quietude, ao comodismo, em favor da ação. Ação, eis o grande mérito desse escritor, pedagogo e dramaturgo francês. Espírito inquieto, tendo passado pelas torturas da ocupação nazista e lutado contra o invasor, caindo prisioneiro dos alemães, observando as misérias da guerra, a derrocada de sua pátria, a dissolução de costumes, a vida desgraçada de prisioneiros e gente mise-

rabilitada em todos os recantos, a idéia de uma nova concepção da vida foi-se formando em seu espírito, até sair "L'Être et le Neant". Era o efeito de um momento histórico, criando a ação, o movimento, a luta contra a passividade, a imobilidade, o medo, a desconfiança uns dos outros, a covardia da aproximação entre os homens. O homem é um ser livre, podendo e devendo fazer o que lhe parecer mais útil à sua felicidade na vida. A vida é o próprio ser humano, sustenta ele. Não deve haver uma existência cativa de preconceitos e torturas morais. Liberdade e ação. Quanto a Deus, exista ou não, nada tem o fato que ver com o procedimento humano e em nada o perturba. Não é o ponto crucial de sua filosofia a existência ou não do Ser Supremo. Em suma, o Existencialismo é uma doutrina de otimismo e de ação, no plano do livre arbítrio. No final de tudo, veremos se a concepção filosófica de Sartre não degenera em questão política, e toda a sua obra de educação existencialista perseguida ferozmente como perigosamente subversiva...



ESCRITORES NA INTIMIDADE

Zeferino Galvão, o maior escritor do norte do País e um dos maiores do Brasil, era possuidor de grande espírito de ironia. Se vivesse em Paris talvez fosse um segundo Voltaire. De imensos recursos filosóficos, celebrou-se pelo poder dialético, pela mordacidade de suas respostas desnorteadoras. Polemista, romancista e homem de imprensa, manteve durante mais de vinte anos ininterruptamente excelente semanário, intitulado "Gazeta de Pesqueira", na cidade do mesmo nome, interior de Pernambuco. Certa vez, quando se entregava aos serviços de revisão de um dos seus últimos livros, "Cartas ao Diabo", entrou na redação um frade franciscano e o saudou:

- Bom dia, seu Zeferino.
- Bom dia — E continuou a trabalhar.
- Eu vim aqui pedir-lhe um óbolo para...

Não terminou. Zeferino Galvão ajuntou um punhado de níqueis que estava à beira de uma mesinha e despejou na sacola do frade. Este, rejubilado, falou com voz pausada:

— Veja o senhor como esse povo é falador. Quando eu disse que vinha aqui pedir-lhe um auxílio, aconselharam-me que desistisse, que o senhor era ateu, contra a religião, e me enxotaria. Vejo agora que o senhor é um homem piedoso, de bom coração, e que me ajudou com sua esmola. Seu auxílio não será esquecido. O senhor terá um cantinho no céu.

E Zeferino Galvão, sem tirar os olhos da prova: — É, você oferece porque não é seu...



Leonardo Mota, o insubstituível Leota da poesia popular e o maior intérprete dos nossos cantadores sertanejos, certa vez foi operado. Todo mundo em Fortaleza se interessou pelo estado de saúde do aedo corre-mundo. Indo um amigo visitá-lo, encontrou-o de barriga para o ar.

— Como vai a vida, Leota?

— Vai bem. Com uma coisa, porém, estou encabulado. Veja você o que os médicos tiraram de minha barriga: — água, coisa que eu nunca bebi...

A BOMBA ATÔMICA E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

O professor Júlio Minham, grande estudioso dos mistérios da natureza e dos progressos da ciência moderna, prosseguindo na divulgação de seus conhecimentos em linguagem ao alcance de todos, publicará, dentro de poucos dias, mais um livro de inegável oportunidade, sob o título "A bomba atômica e as suas consequências". O autor, que já possui várias obras de análise da atividade humana no campo das ciências e da filosofia, lançou no ano passado a grande obra "Maravilhas da Ciência", repositório de estudos do progresso humano em todas as épocas.

OS ESCRITORES CEARENSES

Em maio de 1948, o prefeito de Fortaleza, capital do Ceará, sancionou a lei nº 15 aprovada pela Câmara Municipal, que autoriza a Prefeitura a adquirir livros de escritores cearenses, todos os anos, para distribuição a bibliotecas e escolas, até a importância de três mil cruzeiros e em número de cinco dessas mesmas obras. Como era natural, foram nomeadas as comissões, fazendo parte delas representantes da ABDE (Associação Brasileira de Escritores, seção do Ceará), delegados da Municipalidade, etc. A imprensa e os meios intelectuais da terra de Alencar receberam o ato legislativo sancionado pelo executivo, com os mais justos louvores. Apesar de bastante minguado o estímulo, uma vez que o movimento intelectual do Ceará é muito mais vultoso do que o previsto naquele limite de cinco escritores, o gesto oficial não deixava de ser uma prova de que alguém com poderes públicos estava procurando estimular os trabalhadores do cérebro. Mas... (o Brasil só seria feliz se pudesse acabar com essa antipática adversativa) já vai fazer um ano que a Lei entrou em vigor com todos os sacramentos, e até hoje ninguém sabe o que deseja o sr. prefeito acerca de sua execução. Já há vários livros de escritores cearenses com direito a essa aquisição, e a Lei 15 para um lado, como letra morta... Será que o prefeito de Fortaleza acha que "sobra" algum zero naquela cifra?

O NOVO TESTAMENTO

Segundo dizem os entendidos, apesar de Jesus ter usado em suas pregações a língua aramaica, os evangelhos chegaram até nós através dos manuscritos gregos. Esses documentos que já têm vinte séculos e que formam hoje o conjunto denominado Novo Testamento, segunda parte da Bíblia, se compõem de mais de 2.500 manuscritos em língua grega antiga, o que sempre constituiu sério embaraço para obter-se uma obra o mais perfeita possível, embora todos eles em nada comprometessem a uniformidade da substância do cristianismo na sua fonte de origem. Contudo, era natural que apresentassem, em confronto uns com os outros, certas diferenças de texto, em grande número. As maiores autoridades da Igreja Católica vieram fazendo colheitas e consertos em todo esse imenso cabedal histórico, até que conseguiram dar-nos uma versão perfeita do Novo Testamento vertido primeiramente para o latim e, em seguida, para nosso idioma. A mais recente tradução dos Evangelhos para nossa língua, e procedente da obra já expungida de todas as dúvidas, é a do padre Álvaro Negromonte e que traz comentários do tradutor, aumentando, assim, o seu valor.

O HEROÍSMO NO PENSAR DE DOSTOIEVSKI

O grande escritor russo Dostoiévski, cuja vida foi uma série de lutas pela liberdade do povo de seu país há um século, tendo sido em 1849 condenado à morte por fuzilamento, sentença comutada em prisão na Sibéria, escreveu esta interpretação do que é, na verdade, o heroísmo: "O heroísmo de um minuto, de uma hora, é mais fácil do que a coragem silenciosa de cada dia. Imagina a monótona uniformidade da vida cotidiana, cheia de dedicações que ninguém louva, de heroísmos que passam despercebidos, sem despertar o interesse de quem quer que seja, por si; aquele que continuar a ser um ente humano, a despeito dessa plúmbea atmosfera, é um herói, em toda a extensão da palavra".

A ENCICLOPÉDIA DO CÍRCULO DE VIENA

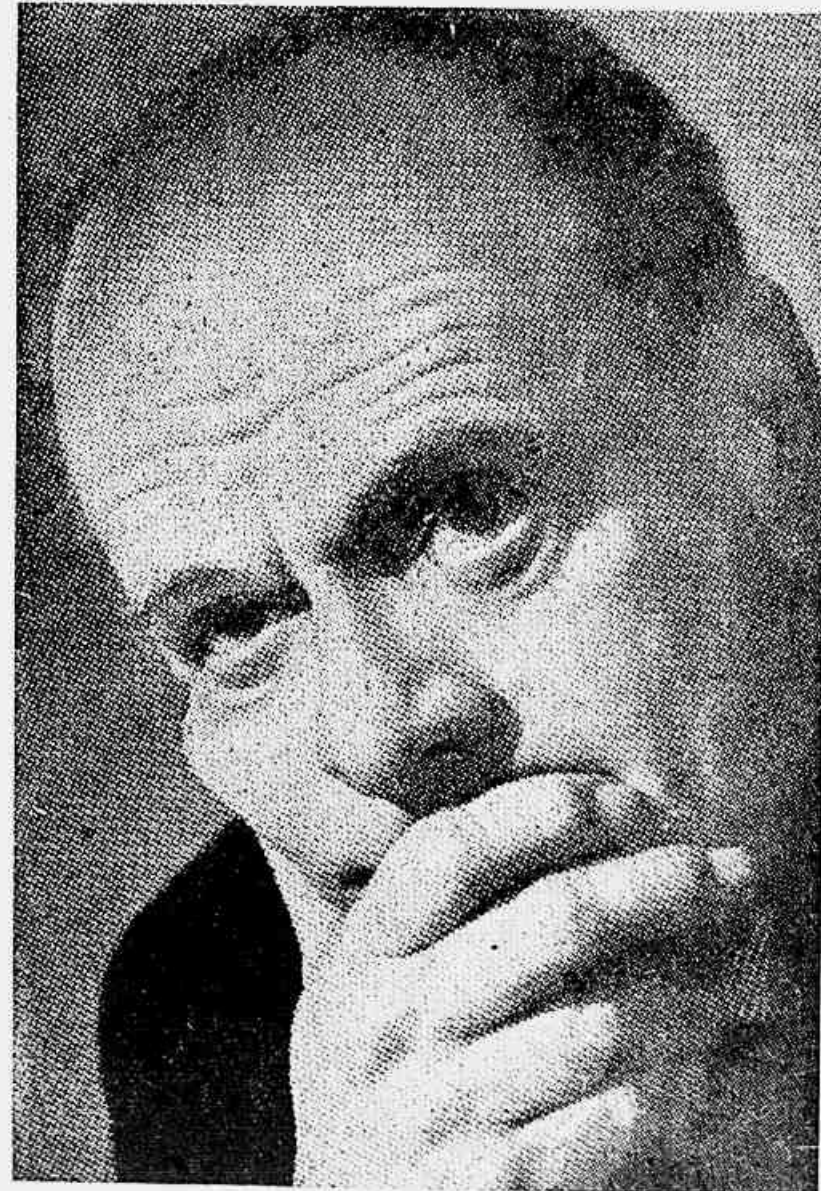
Depois dos embates intelectuais provocados pelas consequências da primeira grande guerra, tanto no campo político como no filosófico, surgiu na capital da Áustria um grupo de cientistas fundando o Círculo de Viena, resultando daí a criação de uma nova concepção do mundo sob o título de "Empirismo lógico".

Como os recursos dialetais até então conhecidos parecesse ao grupo dos sábios fundadores bastante insuficientes pela pobreza de linguagem, o Círculo de Viena imaginou organizar uma Enciclopédia, em que cada vocábulo tivesse seu significado único e próprio para a filosofia. Essa obra, inegavelmente teria imensa utilidade para o estudo da filosofia e da ciência, mas até agora não se sabe que fim levou o plano dos sábios de Viena sob a chefia de Rudolf Carnap, Otto Neurath e outros.



AS ORIGINALIDADES DE WYNDHAM LEWIS

E' este intelectual britânico um dos nomes do dia na literatura e na imprensa da Inglaterra pelo seu grande espírito de humor, sua finura na sátira e maneira genial de criticar as coisas deste mundo. Depois de atuar no jornalismo e nas letras de sua terra, foi viver em Paris, onde residiu durante o período de 1925 a 1930, quando escreveu "François Villon" e "Documented Survey". Em 1931 voltou novamente para Londres, reassumindo seu posto no "News Chronicle". Além de outras obras, se inclui "London Spectacle", "Emperor of the West", "Take it to Bed", etc., todas recentes. O mais original trabalho literário desse escritor é, não há dúvida, sua "Antologia de maus versos", em colaboração com Charles Lee. Nessa obra ele nos dá os resultados de suas pesquisas para coligir versos maus, prometendo continuar na colheita, mas teve que desistir, ficando apenas nos primeiros resultados até 1930. Seu mais recente trabalho nas letras é "Four Favourites", em cujas páginas traça o famoso escritor o perfil histórico e social de Madame Pompadour, Lord Melbourne, Manuel Godoy e o Príncipe Potemkin. Em 1947 Lewis ingressou na "Royal Society of Literature".



D. B. Wyndham Lewis, escritor e jornalista satírico, que em 1930 lançou o primeiro volume da original "Antologia de maus versos"

AGORA

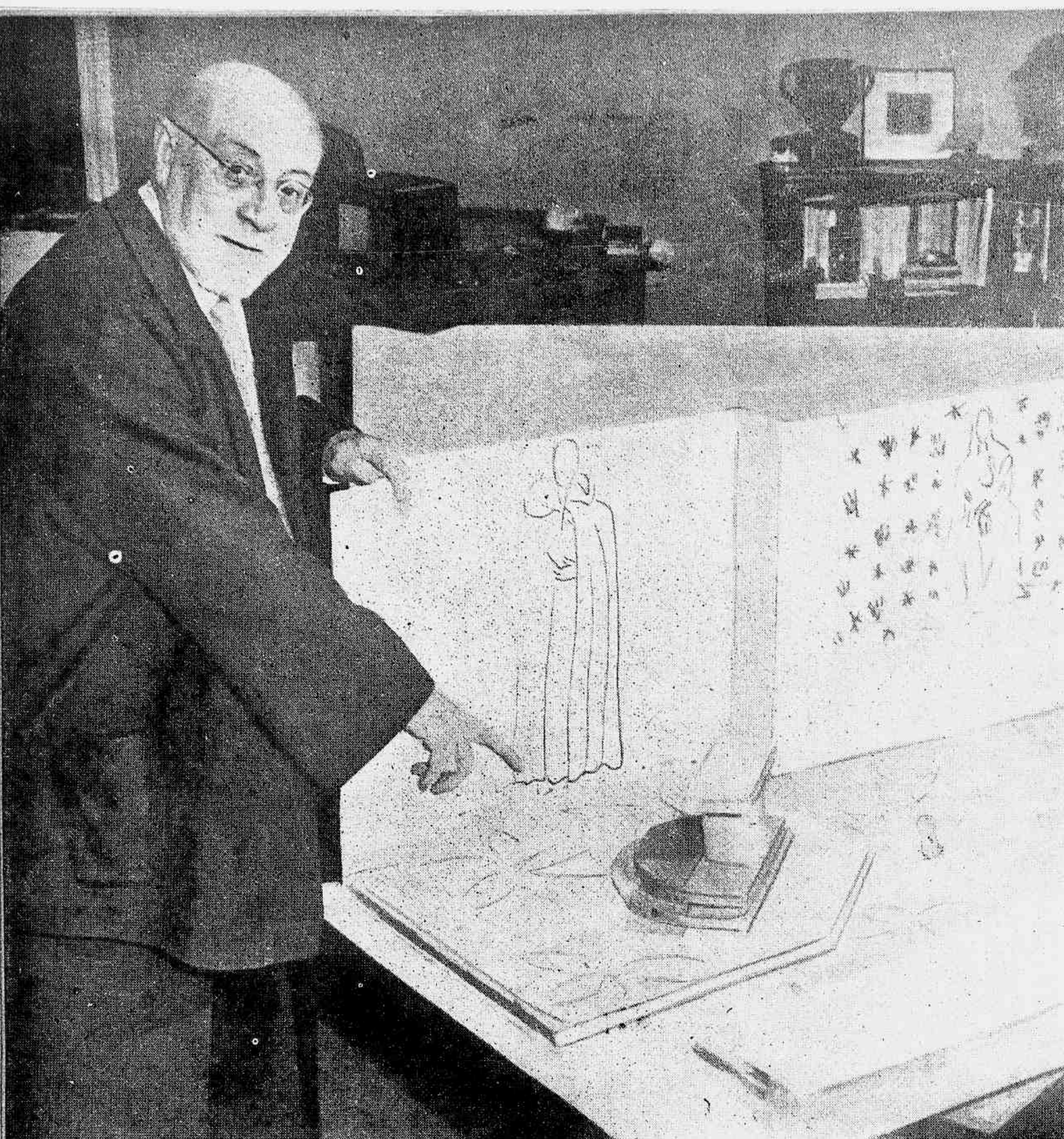
— fabricadas por novo
PROCESSO AMERICANO!



GOIABADA e MARMELADA "CICA"

Êsse novo processo garante 100 % de pureza.
Submetidas à alta concentração a vácuo, conservando
todas as vitaminas, aroma e sabor dos frutos frescos.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS "CICA"



Henri Matisse aponta para a sua "derradeira obra-prima — a decoração da Capela de Saint Dominique

ARTES PLÁSTICAS

DESDE o famoso "Salão de Outono de 1905", em França, quando Henri Matisse pôs, pela primeira vez, em exibição o célebre quadro de sua autoria "Woman with the Hat", criando uma escola — que hoje poderia ser chamada como

ANGELUS RAVEL
a precursora do existencialismo de Sartre — a sua reputação como artista do pincel cresceu espantosamente.

Henri Matisse, em 1949, quase octoge-

nário, parece disposto a se penitenciar do paganismo exótico do passado, sempre representado na maioria das obras executadas por ele na sua juventude.

Aos que lhe importunam com perguntas referentes a esse aparente arrependimento

tardio de uma alma de artista condenada ao suplício eterno, pela constante irreverência de sua arte, Matisse protesta com ardor, alegando que durante toda a sua carreira artística "sempre procurou enaltecer a beleza das criaturas humanas e exaltar a glória do Criador".

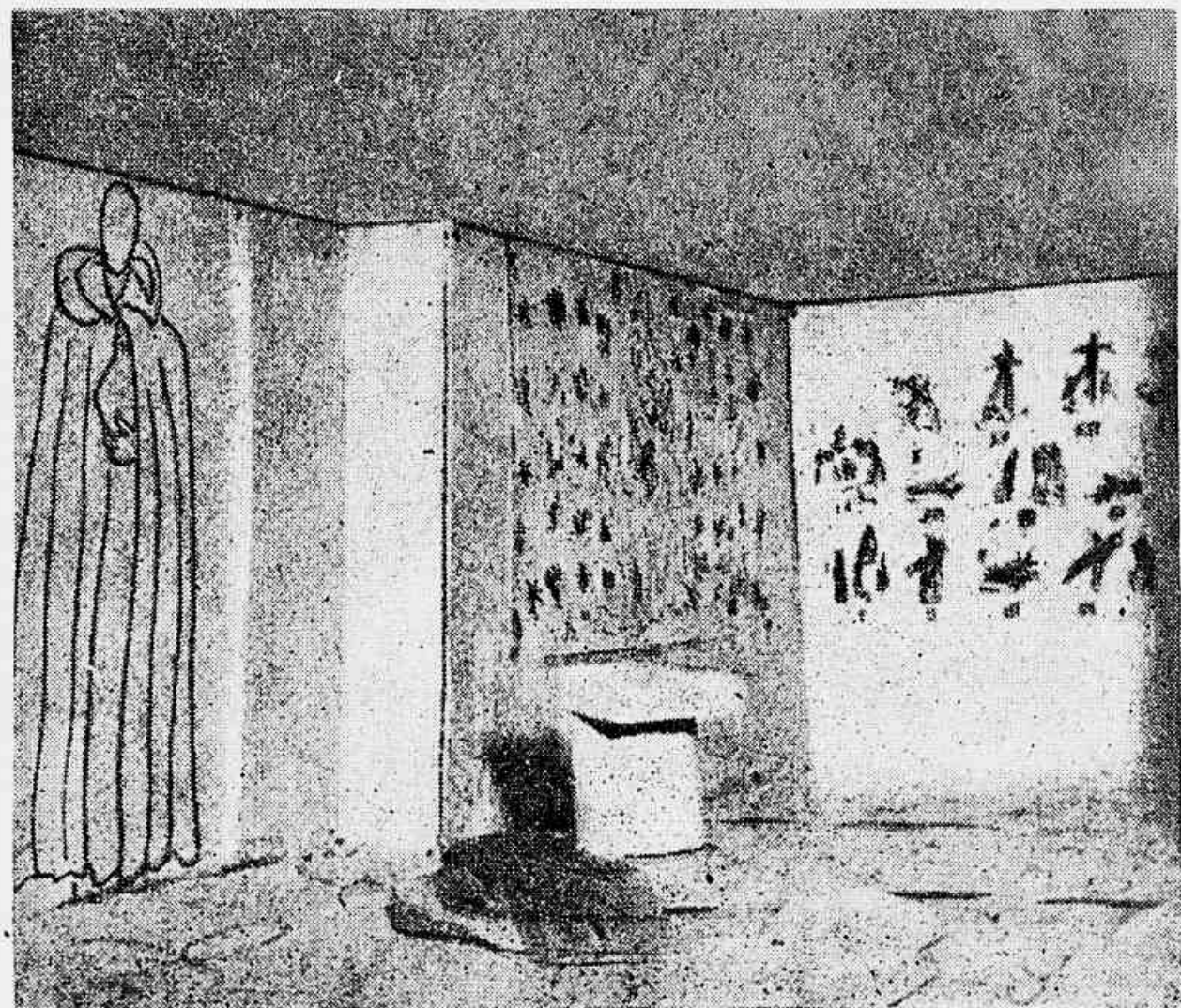
Henri Matisse tem trabalhado nestes últimos cinco anos, em reclusão voluntária, na histórica Vila De Réve, situada nas proximidades de Vence, ao sul da França. Atualmente está concluindo os últimos detalhes do que ele mesmo chama de sua "derradeira obra-prima" — a decoração da Capela de Saint Dominique.

O seu estúdio, antes tão profuso de cores vivas e numa perene barafunda de esboços, estudos e moldes espalhados por toda parte, jaz agora numa quietude quase celestial: simples e despido daquelas formas multicoloridas e fantásticas de outrora.

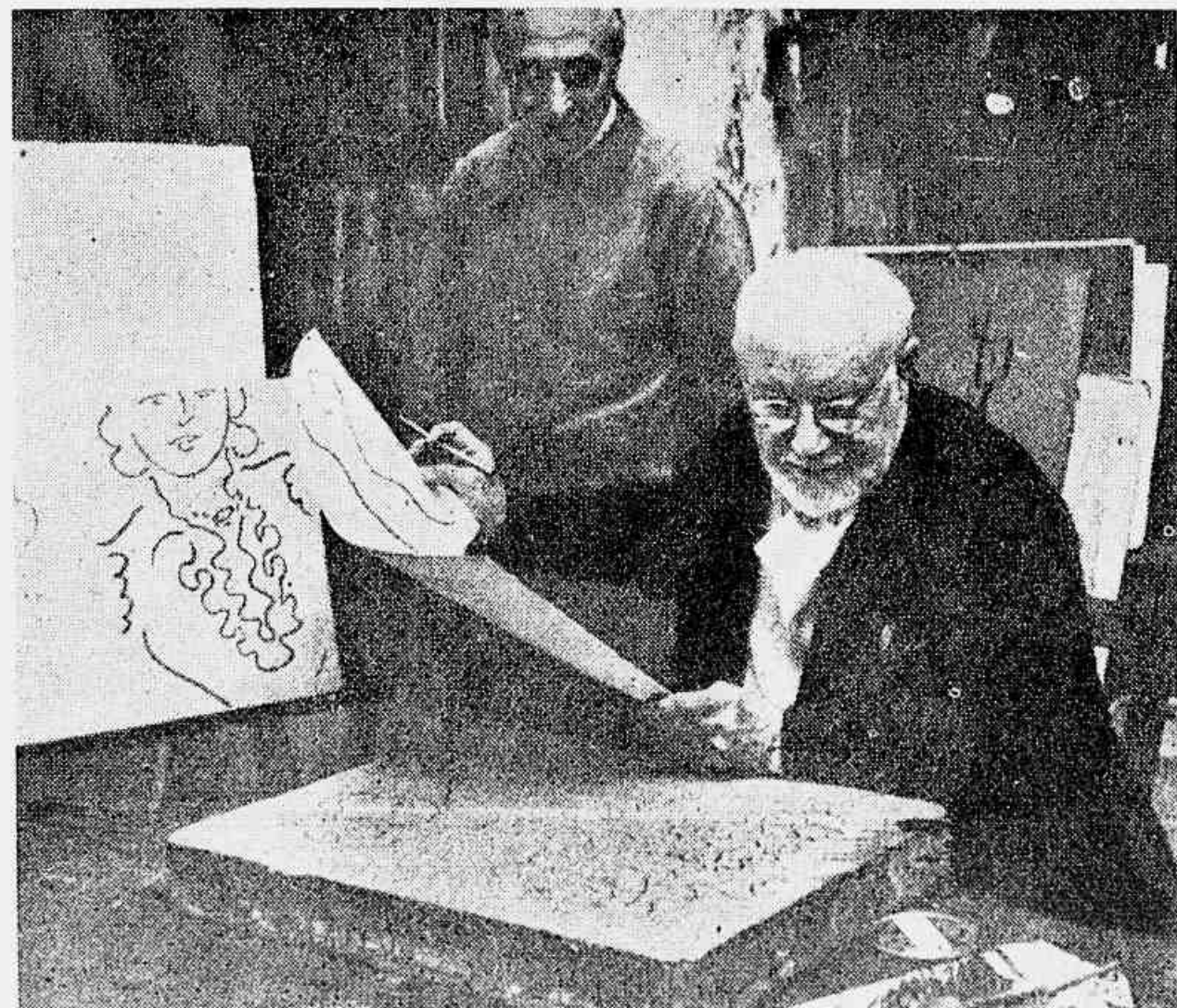
"Confesso que não mudei e nem estou me penitenciando do que realizei até agora — explica de maneira enfática, e apontando para a "maquette" da futura capela: — Ai está o produto de toda a minha experiência em 60 anos de vida artística". Matisse trabalha sozinho em seu estúdio, apenas auxiliado por Lidia Delectorskaya, uma moça russa que há dezesseis anos o vem servindo, como uma combinação de modelo-governante-secretária. Lidia — cuja beleza muito se assemelha aos quadros de Matisse, pintados na alvora de sua carreira — ajudou o artista a remover a parte superior da miniatura da capela para que se pudesse admirar-lhe o interior. "A aparência externa talvez nos lembre a forma de uma cruz egípcia — explica — ou a letra T do alfabeto grego; as linhas de construção obedecem ao estilo tradicional da escultura do século VI; paredes imaculadamente brancas e todas as pinturas executadas apenas em branco e preto."

Não é difícil imaginar como será a futura capela de Saint Dominique. Entrando-se pela pequenina porta do lado oeste, chega-se à nave de forma retangular, medindo 15 metros por 30; o teto, a uns seis metros de altura, é constituído em parte de duas enormes placas de vidro, com arabescos. Nas tardes de sol, o espetáculo interior

(Continua na pág. 51)



Aspecto do interior da Capela, todas as pinturas executadas em branco e preto



O famoso pintor francês em seu estúdio, terminando o trabalho de ilustração de um livro de Ronsard



A SAUDADE MATA A GENTE

Samba de João de Barro e Antônio Almeida. — Gravação de Dick Farney

Fiz um rancho na beira do rio
Meu amor foi comigo morar
E na rede nas noites de frio
Meu bem me abraçava para me agra-
[salhar.
Mas agora, meu Deus, vou-me em-
[bora
Vou-me embora e não sei se vou
[voltar

A saudade nas noites de frio
Em meu peito vazio virá aninhar.
A saudade é dor pungente
Morena (bis
A saudade mata a gente, (bis
Morena (bis

★

COW-BOY VALENTE

Marcha de Manoel Pinto e Alirão. —
Criação de Pato Preto

I

Lá vem o cow-boy valente
Sempre valente, alegre como quê é...
[é...

Bis

Quando ele chega, í!
Termina a arruaça, í!
Bandoleiro ali não passa.

II

Com seu sorriso e o seu revólver
Ele acaba com a confusão
Depois de mostrar
Quem é o valentão
Ele monta o seu cavalo
E canta esta canção.

★

UM CANTINHO E VOCÊ...

Samba de José Maria de Abreu e
Jair Amorim. — Gravação de
Dick Farney

Um cantinho e você,
Uma rede e o luar...
Uma vela a correr
Num pedaço de mar...
Na paisagem tranquila o sussurro de
[um beijo depois
Para nós dois...
Basta isso somente e o que a gente
[não diz

E mais ninguém...
Para um quadro feliz...
Um sorriso... um olhar...
Um aperto de mão
Todo um sonho a vibrar
Numa linda canção...
Felicidade afinal,
Vive no pouco que tem:
Um cantinho e você
E mais ninguém...

ESSES JULGAMENTOS

A indiferença popular pelos julgamentos antecipados de seus gostos voltou a repetir-se no decorrer do carnaval que passou. Das marchas e sambas premiados muito pouco se ouviu. Nem sequer a tão discutida "Chiquita Bacana", inspiradora de existencialista fantasia, logrou despertar o interesse dos foliões. Este, como que não tomando conhecimento do que os ilustres juizes decidiram, resolveu cantar melodias que, embora fortes concorrentes aos diversos prêmios instituídos, não lograram passar do quarto lugar. Tal resultado pede melhor reflexão dos que soltaram a "gaita" para compensar a inspiração de nossos compositores, a fim de que não mais se reproduzam essas clamorosas injustiças. Nada melhor, nesse caso, do que aguardar o término da festa magna do carioca, quando, então, pesada a preferência do público, serão distribuídos justicilmente, os prêmios a que as músicas mais cantadas tenham direito.

Quem se deu ao trabalho de percorrer a cidade, nos três dias de carnaval, por certo, não ignora a preferência dada pelos foliões a marcha "Jacarepaguá", de Paquito, Romeu Gentil e Marino Pinto. Pois esse interessante número, tão batido nas ruas e clubes, passou completamente despercebido daqueles que ti-



Elvira Rios, tal como Maria da Luz, passou sem novidade... A intérprete do canção azteca está se eclipsando, razão da praça não lhe ter sido muito favorável...

RADIO-FLASHES

"Los Huastecos", apreciado trio mexicano que vem de se exibir ao microfone da Rádio Globo numa série de oito recitais, acabam de viajar para São Paulo, onde deverão cumprir diversos compromissos. — Aproveitando o período carnavalesco, seguiu para Três Rios, em gôso de férias, a locutora Maria Helena. Seu retorno às atividades radiofônicas dar-se-á no próximo dia 17, quando voltaremos a ouvi-la comandando as novelas da PRA-9. — A Rádio Tamóio promete para a segunda quinzena deste mês, novos "broadcasts", inclusive um movimentado programa de auditório. — Raimundo Lopes, exclusivo da Globo, ultima uma novela escrita especialmente para Daisy Lúcid e Wolner Camargo. — Carlos Alberto está em vista de renovar contrato com a PRA-3. — Cordelha Ferreira continua mairinquiniana, não se confirmando seu ingresso na PRA-8. Quanto a Rodolfo Mayer, que se propala estar em negociações com a Tupi, nada há de positivo.

SABIA...

Que Milton Amaral, criador do gozadíssimo "seu Joaquim", tipo que fez sucesso ao microfone da Cruzeiro do Sul, ao tempo de Paulo Roberto, foi um dos cenógrafos incumbidos da ornamentação da cidade, sendo o autor dos bonitos candelabros que a Av. Presidente Vargas ostentou?

... que Silvino Neto deve a Lamartine Babo seu ingresso no "broadcasting" carioca, uma vez que a este coube apresentá-lo ao microfone da Mayrink Veiga, como seu próprio imitador?

... que Manezinho Araújo, ora atuando com sucesso no sem fio bandeirante, participou das primeiras filmagens de "Asas do Brasil", película que não chegou a ser rodada, em virtude de ter sido devorada pelo fogo?

... que Silvio Caldas, cuja rentree ao microfone PRG-3 foi recebida com grande simpatia, foi eleito em 1940, o melhor cantor, alcançando sua votação a soma de 36.360 votos?

... que Vicente Celestino, muito antes de ser o popular artista que é, exer-

ceu o ofício de mecânico, percebendo seiscentos cruzeiros mensais pelo muito que fazia na fábrica de que era empregado?

CONCEITO

Renato Murce, criador de "Papel Carbono", "Piadas do Manduca", "Alma do Sertão" e tantos outros programas de sucesso, opinando a respeito do "broadcasting" brasileiro achou-o o "melhor possível". Apesar de muitas vezes combatido, o rádio brasileiro, embora sem os recursos de que dispõe a rádio-difusão em outros países, nada lhe fica a dever como expressão artística, originalidade de programas, esforço honesto e permanente para progredir. Tais palavras foram ditas pelo exclusivo da PRA-8, quando dirigia os destinos da PRA-3.

ECLIPSE

Os cantores internacionais, as vezes, não conseguem vencer a praça. Depois das primeiras audições, eles desaparecem misteriosamente... Este foi o caso de Maria da Luz, que a Nacional tentou impor a seus ouvintes como atração do canção português. Ela chegou... cantou... e desapareceu... vindo a resurgir na plataforma do "Trem da Alegria". Porém, aconteceu não interessar aos hábitos desse combóio, daí sua viagem pelos estados nordestinos.

Também Elvira Rios, nossa velha conhecida, passou sem novidade... Sua presença ao microfone PRA-8 não chegou a despertar a atenção do público rádio-ouvinte. Tanto, assim, que muito pouco nos foi dado ler em torno da sua presença entre nós...

UMA DO SALOMÃO...

Salomão, esse incrível turco nascido na rua da Alfandega encarnado na pele de Jorge Murad, andava louco para conhecer o Trio de Ouro. Por isso, quando viu anunciado um espetáculo em que tomaria parte esse apreciado trio ele não perdeu tempo.

Comprou a entrada, entrou e sentou-se. Ao chegar a vez da apresentação dos criadores de "Cachopa", ele virou-se para o fulano que estava a seu lado, indagando:

— Olha! Guiné aqueles?

— E' o Trio de Ouro!

— Trio de Ouro? Océ tem certeza?

— Tenho, sim; eu conheço. Olha lá: a Dálva de Oliveira e a dupla Preto e Branco.

— Magina. Aquê que é Trio de Ouro? Então tem um que enferrujou!...

AI VEM ELE!

José Iturbi, famoso pianista e regente, que há dois anos atrás esteve em visita ao Brasil, figura como uma das principais atrações internacionais a ser apresentada pela Rádio Globo, no círculo de celebridades musicais que participarão do lançamento da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro. Daí, a oportunidade de recordarmos uma passagem curiosa de sua vida... aviatória. Certa ocasião, o famoso regente convidou uma senhora de suas relações para um voo. No melhor da festa, o motor parou! O musicista, como não poderia deixar de acontecer, suou frio. Porém, depois de vários malabarismos conseguiu aterrisar sem novidade. E, ainda sob o efeito do susto por que passou, indagou da ilustre companheira:

— A senhora gostou?

— Multíssimo. Vamos voar de novo? E não houve meios de acreditar quando Iturbi lhe disse do ocorrido...



Vicente Celestino, um dos maiores cartazes do sem fio verde e amarelo, já exerceu a profissão de mecânico, percebendo seiscentos cruzeiros por mês

BIOGRAFIA

Na cidade de Coromandel, lá no interior de Minas Gerais, nasceu Abel Ferreira, esse exímio clarinetista que dirige o conjunto regional da PRA-3. Apreciador da música, cedo sentiu vibrar-lhe a vocação para a carreira que pertence, nos dias atuais. Daí, o início de seus estudos. Em plena vigência estadonovista, Abel viu abrirem-se as portas do rádio. Foi a Rádio Guarani, de Belo Horizonte, quem lhe ofereceu a oportunidade de se apresentar aos ouvintes mineiros. A esta, seguiram-se atuações na Mineira, Inconfidência, Tupi de São Paulo, Record, Nacional e Globo. Isto, sem contar suas audições nas principais "boites" do Rio e São Paulo. Hoje, contando trinta e quatro anos de idade, Abel é um nome conhecido em todos os meios radiofônicos do país e querido do público-ouvinte.



Abel Ferreira, a custa do clarinete, fez carreira no "broadcasting" brasileiro. Minas Gerais, São Paulo e Rio foi seu circuito artístico. Hoje, ele pertence a PRA-3, na qualidade de dirigente do seu regional



O baile infantil do Jockey Club Brasileiro foi o "clou" das comemorações momecas da nossa associação carreirista. Os salões da sede estiveram repletos de pequenos foliões, animadíssimos nos cordões e entoando com entusiasmo marchas e sambas do carnaval de 1949. Os flagrantes desta página dão bem uma ideia do brilhantismo da festa.



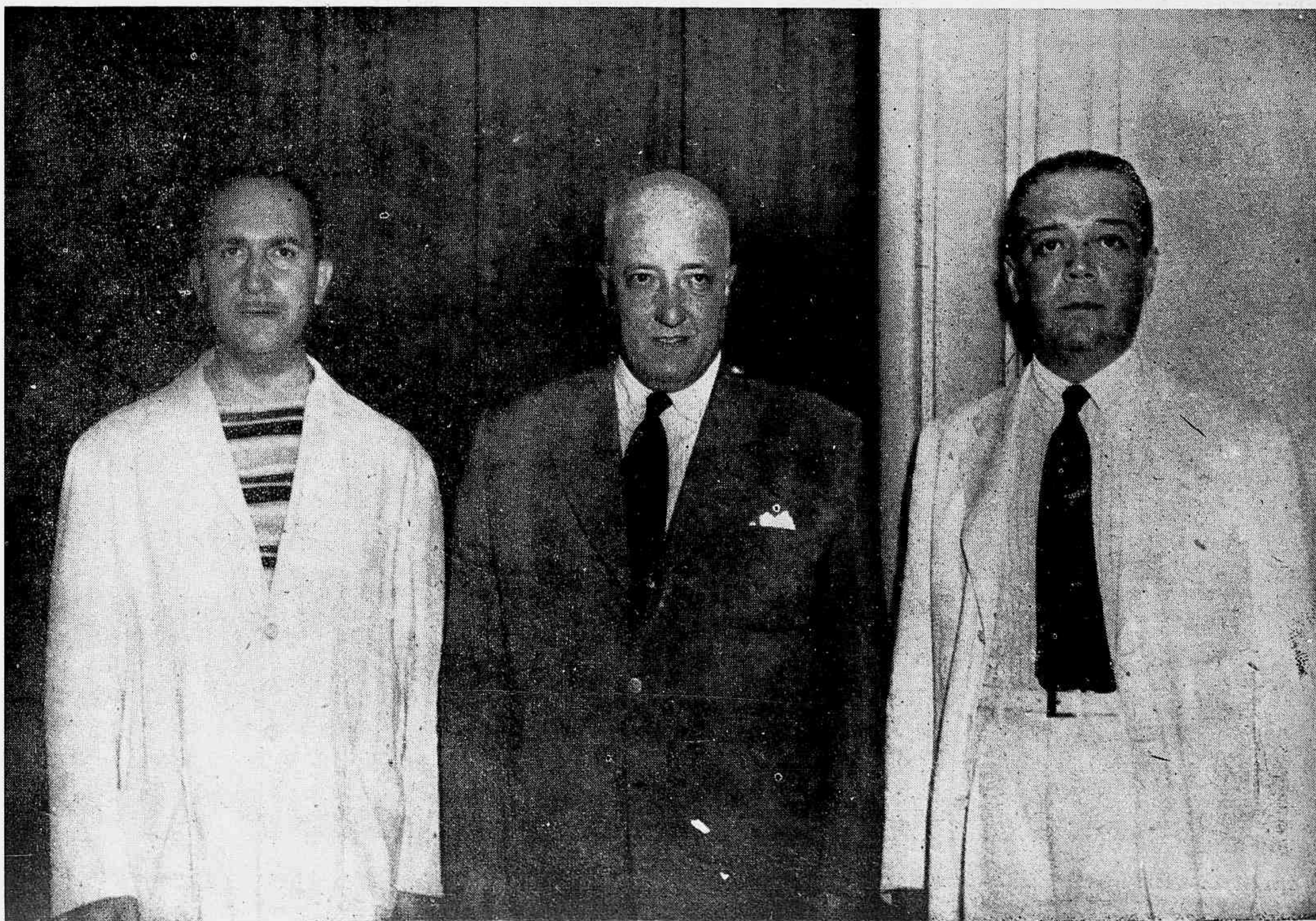


CARNAVAL INFANTIL NO JOCKEY CLUB

As festas carnavalescas do Jockey Club Brasileiro tiveram extraordinário brilho e animação, acompanhando assim o sucesso que assinalou a passagem do maior carnaval dos últimos tempos no Distrito Federal. Nestas páginas estampamos magníficos aspectos do grande baile infantil realizado na segunda-feira gorda na tradicional sociedade turfista, que constituiu o pon-

to alto do seu carnaval. A petizada, ostentando belíssimas fantasias, conduziu-se com entusiasmo invulgar, tendo o conhecido palhaço Pery feito as delícias dos foliões mirins do Jockey. A certa altura dos folguedos esteve presente o prefeito Ângelo Mendes de Moraes, que foi recebido pelos srs. Alberto Fadel e Manoel Araújo Freitas, diretores do Jockey Club.

O antigo palhaço Pery conduziu a meninada do Jockey em constante alegria. Na gravura de cima (à direita), vêmo-lo rodeado pela criançada. Durante a visita que o Prefeito Mendes de Moraes fez ao baile infantil do Jockey Club foi tirada a foto abaixo, na qual s.s. está ladeado pelos srs. Alberto Fadel e Manoel Araújo Freitas, diretores do Jockey.





Ao alto: grupo de artísticas e ricas fantasias de foliões que este ano tanto abrilhantaram e deram intensa vida de animação e beleza ao Carnaval Carioca de 1949. (A' direita) — Flagrante da intensa animação de que tanto se caracterizou o baile do Municipal este ano

UM dos pontos culminantes do Carnaval do Rio sempre foi o famoso e hoje internacional Baile do Municipal, para onde correm os turistas, pela certeza de que vão ali encontrar ambiente de luxo e conforto, todos os anos, especialmente se oficializados pela municipalidade. Este ano o Prefeito Mendes de Moraes fez

BAILE DO MUNICIPAL

questão de dar àquele baile o maior esplendor, o que fez atrair para seu recinto o que tem o Rio de mais elegante e encantador entre os que apreciam os folguedos

carnavalescos. Para mostrar ao público o que foi essa festa, basta dizer-se que sua renda se elevou a mais de um milhão e quatrocentos mil cruzeiros, dando para cobrir todas as despesas da Municipalidade empregadas com o ornamento da cidade para receber S. M. Rei Momo I e Único.



Três das mais belas e originais fantasias de foliões que concorreram ao prêmio de fantasias do baile do Municipal, vendo-se uma "chinesa", "Isis" e "toreiro". Ao centro, a fantasia de "touro" é da bailarina Luz del Fuego, que tanta celeuma causou no carnaval de 1948 com sua fantasia de Eva





A' esquerda, um aspecto da massa de alegres foliões que se divertia no baile realizado no Teatro Municipal. Em cima, uma rica fantasia, candidata a uns dos prêmios distribuídos pela municipalidade



Uma original fantasia que muito sucesso alcançou a julgar pela exuberante beleza de sua plástica



Srta. Terezinha Abranches, conquistou o primeiro prêmio, com sua riquíssima fantasia de "Traviata"



Srta. Lídia Gonçalves, 2.º prêmio do Concurso de Fantasias, com "Jeanne D'Arc"



A' esquerda, o Exmo. Sr. Prefeito entrega à primeira colocada o prêmio que lhe coube, vendo-se ainda na foto a Sra. Ruth Amaral, que com sua fantasia de escrava egípcia conquistou o terceiro lugar. A' direita, um flagrante do animadíssimo baile.

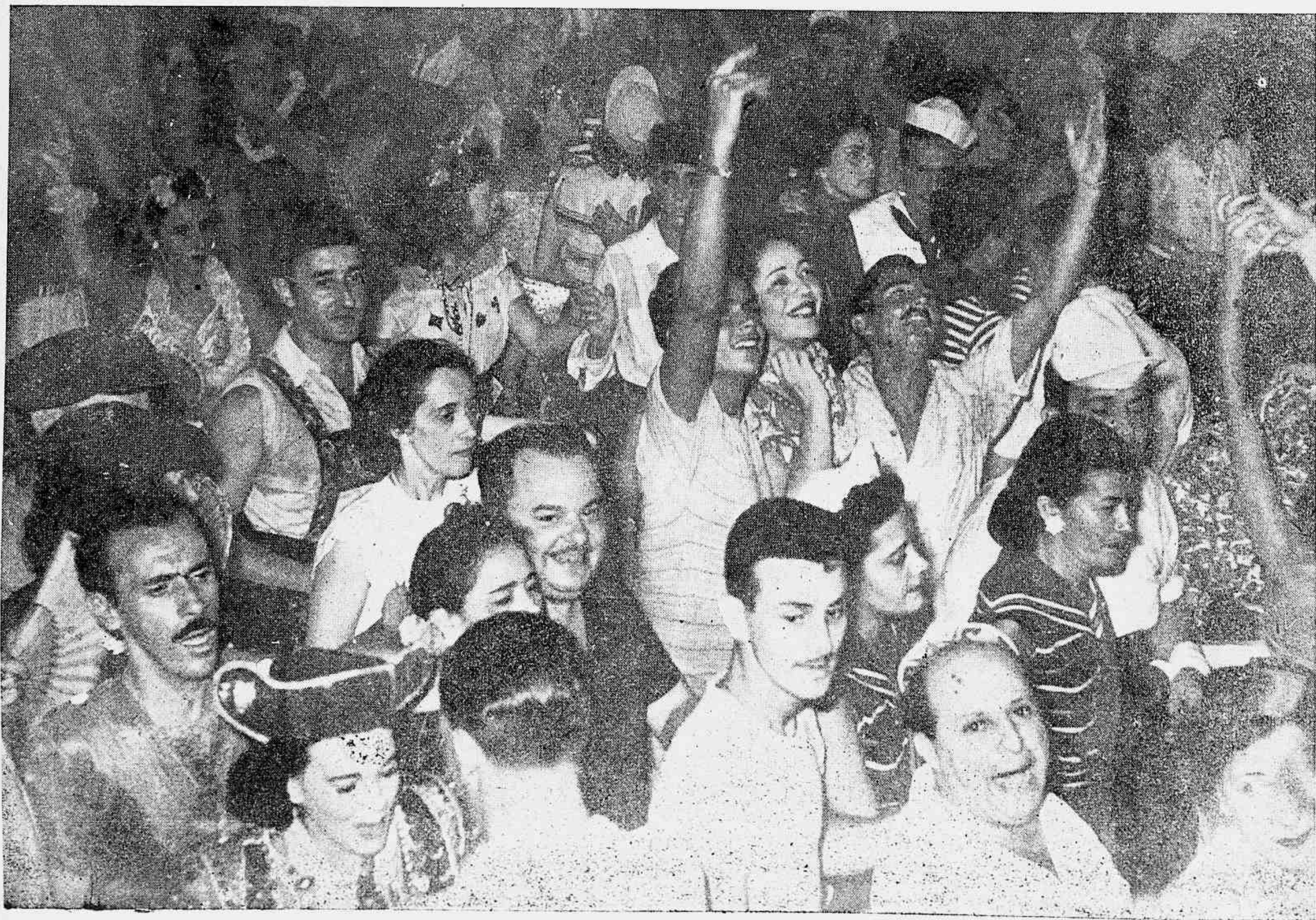


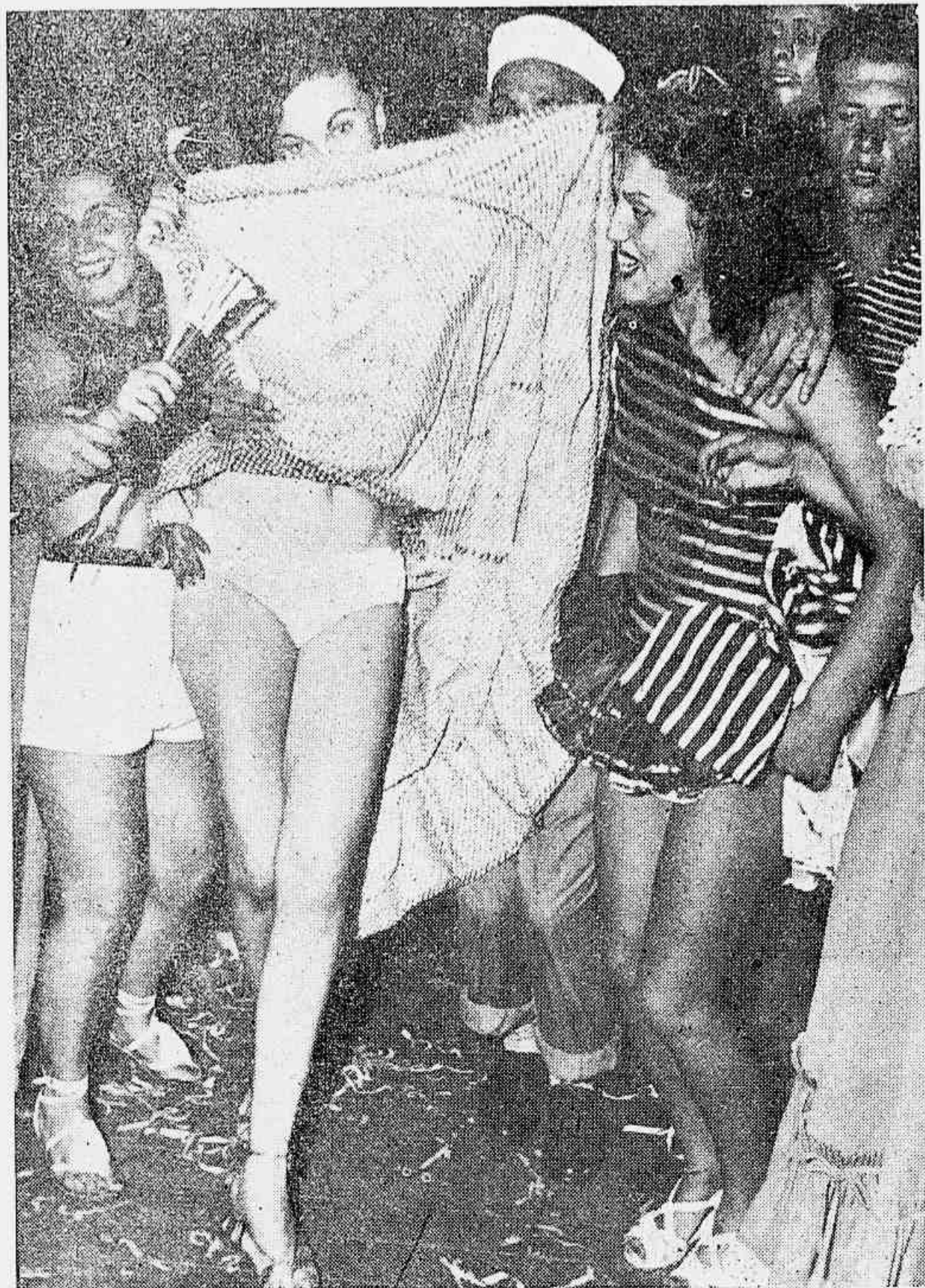
Cléa Suzana — A Rainha das Atrizes de 1949, no momento de sua coroação, com a presença do Soberano da Folia Rei Momo I e Único, à sua esquerda vemos AIMEE. A' direita e em baixo: dois aspectos do baile realizado no Teatro João Caetano, vendo-se a enorme massa de foliões que se comprimia naquele recinto em plena folia

O tradicional Baile das Atrizes, que a Casa dos Artistas patrocina todos os anos, realizou-se na quinta feira, 24 de fevereiro, no Teatro João Caetano. Esta grandiosa festa do Carnaval carioca, que tem ainda um fim beneficente, pois a renda reverteu, como sempre, em favor dos estabelecimentos man-

BAILE DAS ATRIZES

tidos por aquela Casa, constituiu um grande êxito. Foi eleita Rainha das Atrizes de 1949, a atriz Cléa Suzana, cuja coroação foi feita em meio as manifestações de entusiasmo de quantos foliões enchiam o recinto do Teatro João Caetano.





Assim meio-escondida é impossível identificar essa foliona, que se divertiu a valêr no Baile das Atrizes. A' direita e em baixo: Uma fantasia que alcançou sucesso. Dir-
cinha Batista e Derci Gonçalves, num aspécto tomado, num breve intervalo para
descanço após quatro horas e meia de plena folia



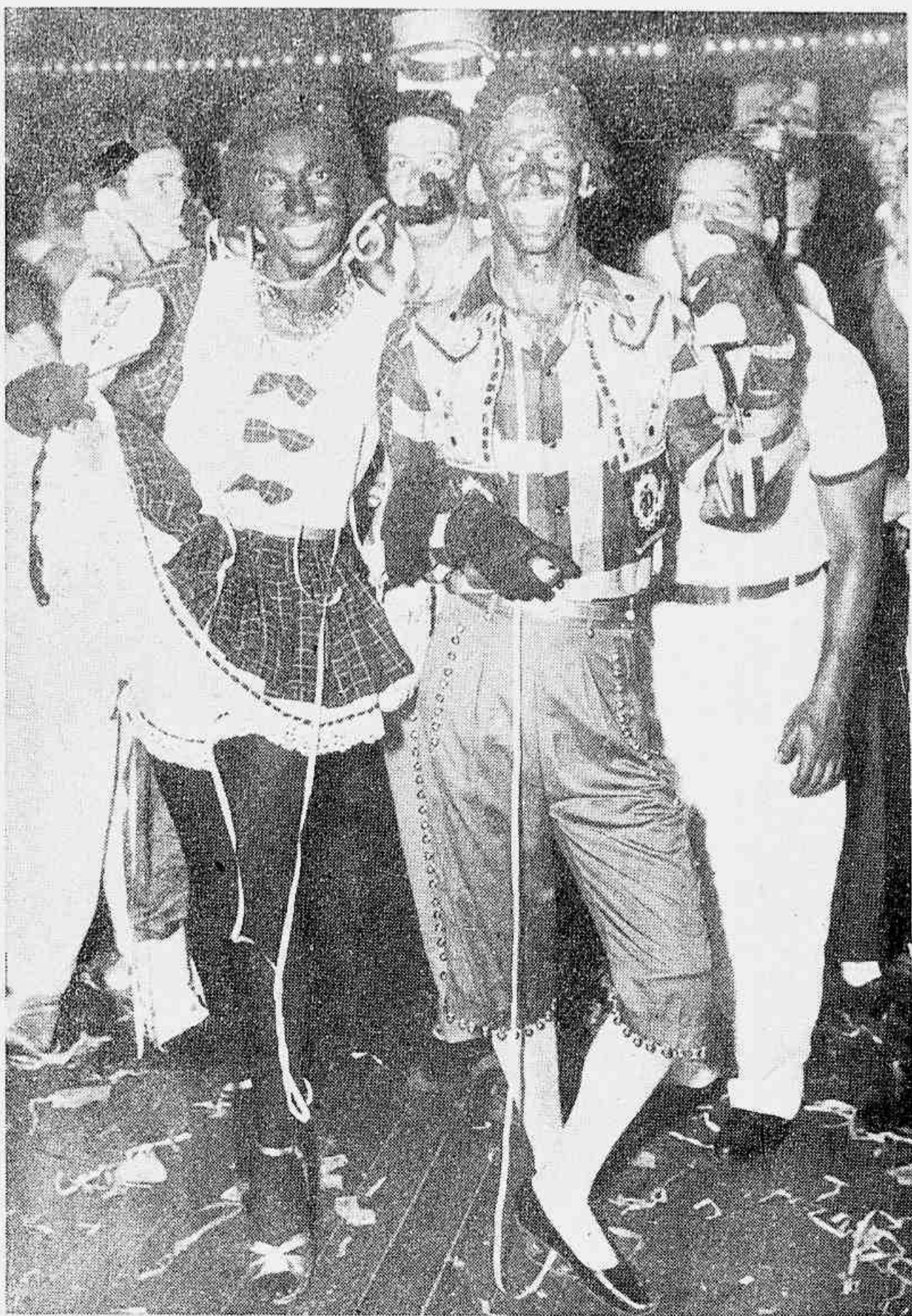


- Alcançou excepcional êxito, como acontece sempre todos os anos, o tradicional Balle das Atrizes, em que tomaram parte artistas, cantores e "girls" que trabalham na ri-



- balta dos teatros cariocas. Nessa página são focalizados diversos aspéctos dos foliões que participaram desse primeiro grito carnavalesco no Teatro João Caetano



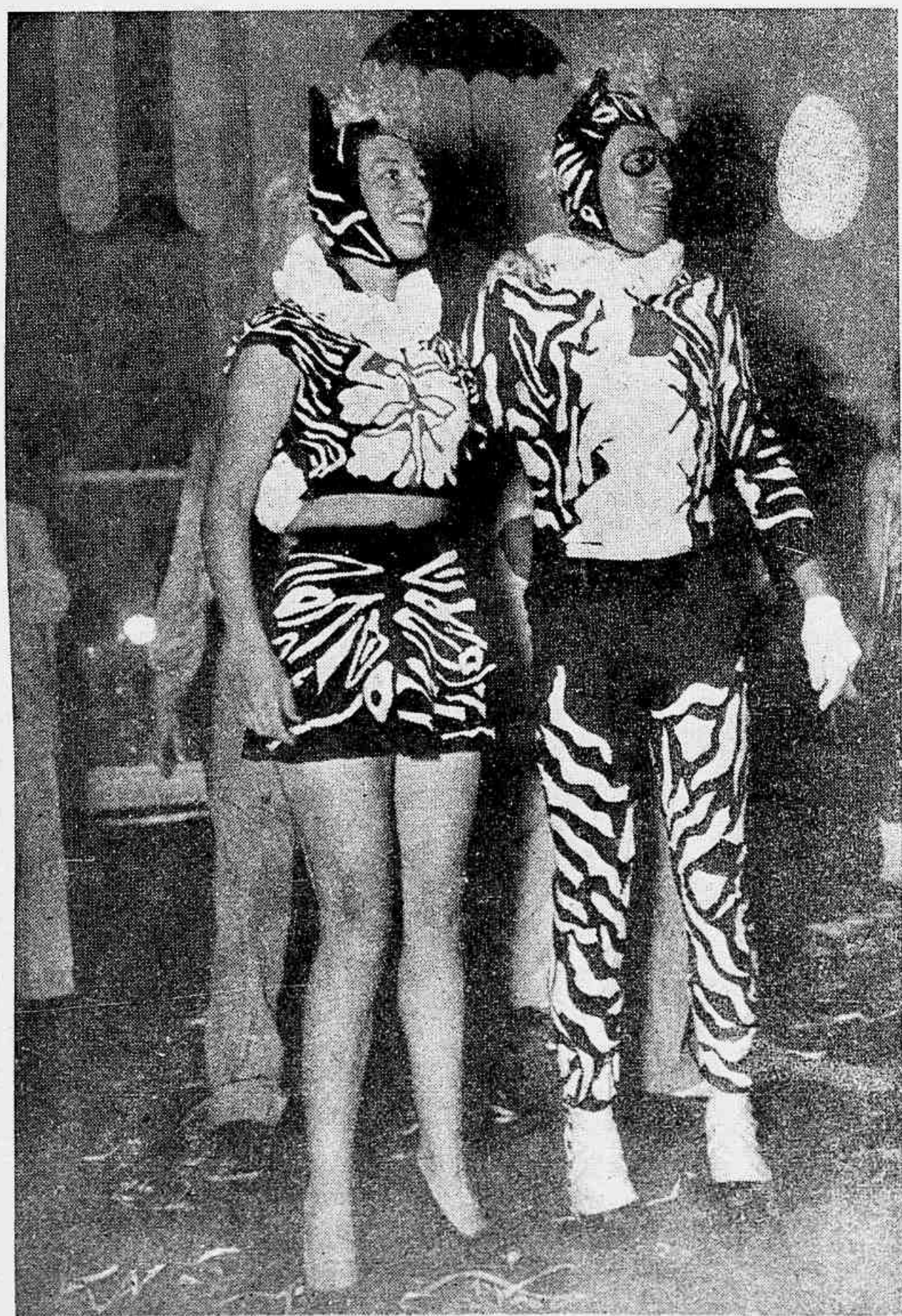


A ocorrência foi tamanha, que os foliões, mesmo possuidores de bilhetes se viram impedidos de ingressar no recinto do Teatro João Caetano, sendo necessário a presença de numeroso contingente policial afim de refrear o entusiasmo dos carnavalescos e demovê-los do intento de tomar parte no baile, pois o salão se encontrava superlotado





Aspectos do animadíssimo Baile dos Artistas no Hotel Glória, onde se vêem os Quatro Palhaços em franca atividade carnavalesca, um par de rara elegância em homenagem a Momo e um flagrante das animadas danças



BAILE DOS ARTISTAS

Os artistas levaram a efeito no Hotel Glória animadíssimo baile entre os mais destacados elementos de sua numerosa classe, festejando o Carnaval de 1949, que foi um dos mais alegres e movimentados destes últimos anos, revivendo o antigo prestígio dessa festa popular.

As fantasias que os artistas exibiram

constituíram motivo de aplausos gerais, muitas delas bastante luxuosas e interessantes, havendo algumas de natureza cômica, não faltando até blagues a respeito de girafas.

Alguns mascarados, equilibrando-se ao contra-pêso de sombrinha, cortaram jaca ao som do "frevo", transportando para o Rio o vigor do Carnaval do Recife.





A' direita: A popular bailarina Luz del Fuego, que, no Carnaval de 1948 se apresentou como Eva no baile do Municipal, exibe agora uma fantasia misto de índio e havaiana. Nas outras fotos, foliões animando o baile dos Artistas





BAILE DO R

O pessoal que atua no broadcasting nacional levou a efeito, no Teatro Carlos Gomes, animado baile, com a eleição e coroação de sua Rainha, cabendo a vitória a Marlene, a interessante intérprete de música popular, da Rádio Nacional.

Nos flagrantes que a nossa objetiva focalizou vemos, à esquerda, no momento exato de belo passo de dança,

o par Zezé Fonseca-Sérgio de Oliveira, a sorrir cheios de euforia. Ao centro, todos também muito risinhos e felizes, Heber de Boscóli, Yara Sales, Ismênia dos Santos e Emília Berba.

Na foto ao centro e em baixo, vemos a Rainha Marlene ladeada pela sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto e S. M. Rei Momo I, o que em-





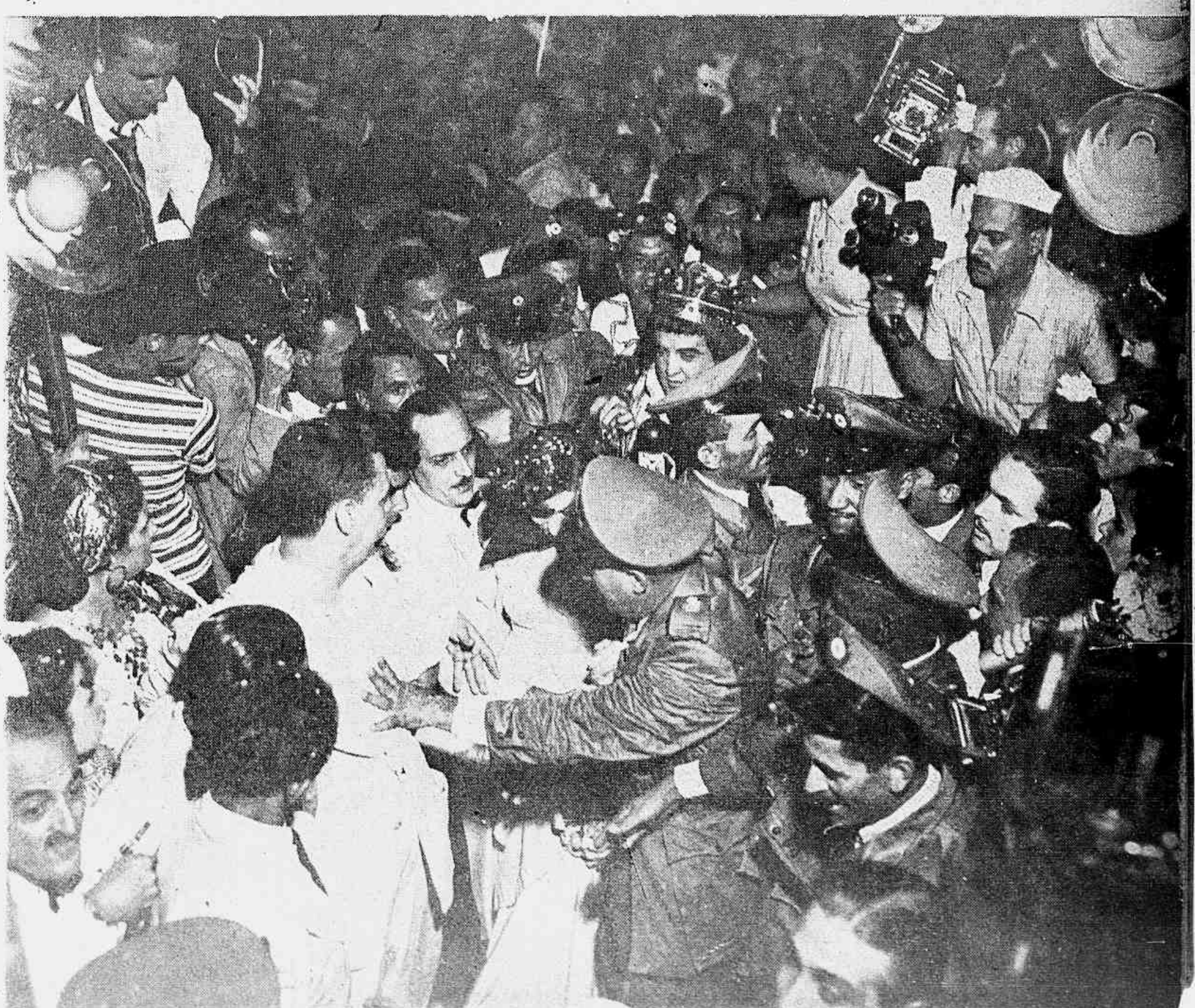
LE DO RÁDIO

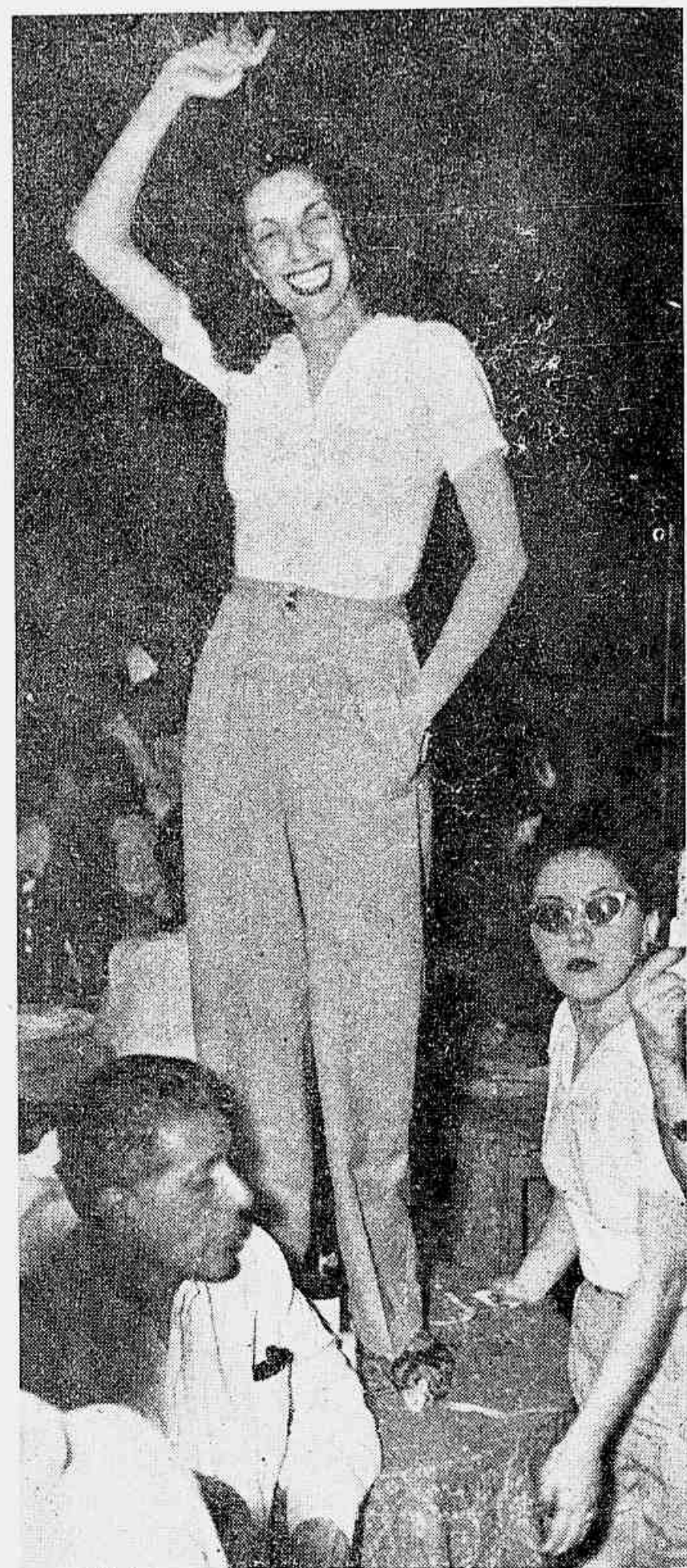
ting
atro
n a
ca-
res-
lar,
o par Zezé Fonseca-Sérgio de Oli-
veira, a sorrir cheios de euforia. Ao
centro, todos também muito risinhos
e felizes, Heber de Boscoli, Yara Sa-
les, Ismênia de Santos e Emília
Borba.

Na foto ao centro e em baixo, ve-
mos a Rainha Milene ladeada pela
sra. Alzira Vargas do Amaral Pei-
xoto e S. M. Rei Momo I, o que em-

prestou à nova Soberana do Rádio
Brasileiro grande prova de prestígio.

Nas fotos às extremidades e em
baixo, vemos a Rainha do Rádio do-
minando o ambiente, e na outra, à
direita, a mesma Soberana cercada
e abafada pelos seus súditos, prote-
gida pela polícia e perseguida pelos
repórteres cinematográficos e foto-
gráficos de muitos outros povos...





Ao alto — Um grupo de artistas em plena animação carnavalesca no baile do Teatro Carlos Gomes, vendo-se, dentre outras, Yara Sales, fazendo um sinal de alegria. Em baixo, Lourdinha Bittencourt, com seu balão de ar e sua graça encantadora



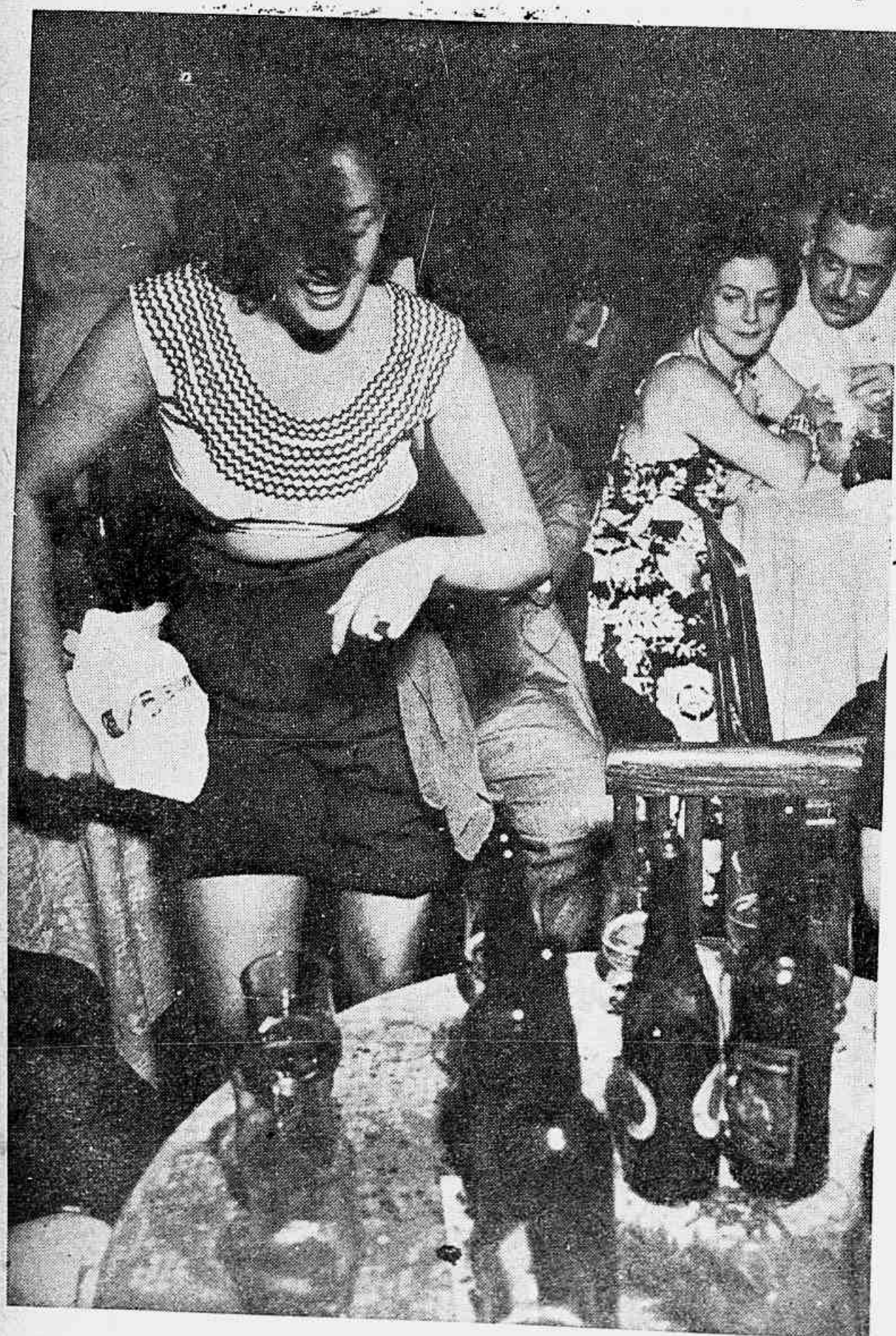


Em cima — Num grupo animadíssimo, Aracy de Almeida cantando o "Passo da Girafa", um dos sucessos d'êste carnaval, especialmente quando sob o fascínio da grande intérprete da música popular brasileira, enchendo de graça e vida o ambiente carnavalesco de 1949. Em baixo, dois gatos que, ao que parece, sabem divertir e enfeitar a raça humana





Aspectos do movimentado baile no Teatro Carlos Gomes, em que os foliões se entregaram à mais ampla alegria, sob o patrocínio do famoso Rei Momo I, que, pessoalmente prestigiou o acontecimento



BAILE DO CINEMA

Olga Latour, um dos elementos mais novos do nosso cinema, foi eleita e coroada Rainha do Cinema no baile levado a efeito pelo pessoal ligado à vida artística do nosso meio cinematográfico.

Expressão das mais promissoras da indústria fílmica, Olga conseguiu vencer as mais sérias concorrentes, vindo-se elevada à posição de Rainha da Tela brasileira pelos votos dos seus admiradores.

Embora os festejos do Carnaval passem e na quarta-feira de cinzas tudo já esteja quase esquecido e o terrível "Memento

homo" ainda ressoe aos ouvidos dos pecadores arrependidos ou não, a vitória de Olga Latour não se apagará tão cedo, uma vez que o cetro que acaba de conquistar, embora em época de carnaval se manterá enquanto outra Rainha não vier arrebatá-lo e diadema simbólica de sua cabeça aureolada pelo triunfo.

O Carlos Gomes local em que se realizou o baile e a coroação, esteve repleto de foliões e admiradores da "estrela" de nosso cinema, aumentando a alegria geral e justificando todos os aplausos à vitoriosa artista.





Aspectos da aposição da faixa simbólica da vencedora Olga Latour, eleita Rainha do Cine ma brasileiro, e a consequente coroação, recebendo ela, das mãos de S. M. Rei Momo I a corôa de soberana. Noutra foto desta página, foliões e artistas se entregam às expansões da maior alegria





B A I L E D A S S E R E I A S

UM grupo "glamouroso" de jovens sereias cariocas compareceu na sexta-feira, 25, ao salão do Teatro Carlos Gomes. Tôdas as candidatas desfilaram perante um público numerosíssimo, seguindo a votação final, servindo de juiz o próprio público, cujo cartão de ingresso dava direito a um voto. Antes mesmo de terminar o baile já era conhecido o resultado, tendo sido eleita por unanimidade a sereia Marlene Lúcia Ferreira. Ao baile compareceu em pessoa Sua Majestade o Rei Momo I e Único, que tomou parte ativa na folia, procedendo à coroação da Rainha.

★

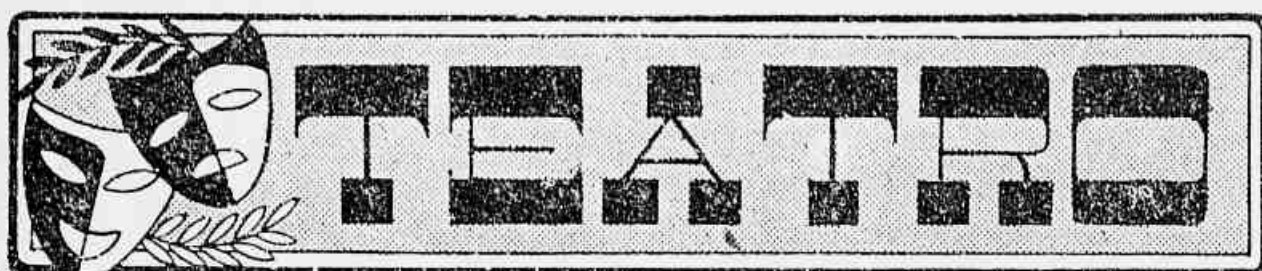
A' esquerda, Srta. Marlene Lúcia Ferreira, eleita a Rainha das Sereias de 1949, com sugestiva fantasia. Em cima, Sua Majestade Rei Momo em companhia de uma das candidatas. Em baixo, Rei Momo I e Único, em plena folia com duas graciosas carnavalescas





Em cima, um "close-up" de algumas das candidatas ao título máximo da Rainha das Sereias de 1949. Em baixo, dois alegres follões ao passo de um samba. A' direita, a Rainha das Sereias, no momento em que sua Magestade o Rei Momo, colocava a faixa de Rainha, em Marlene





JOSE FOMM

OS NOVOS AUTORES

Em consequência do grande desenvolvimento do nosso teatro, muitos autores surgiram e outros prometeram surgir. Agostinho Olavo, o feliz autor de "Mensagem sem rumo", apresentada pelo Teatro de Câmara em 1947 no Teatro Glória, prometeu voltar com "O retrato de Maria". José Maria Monteiro, o ator que surgiu no Teatro Experimental do Negro, anunciou o lançamento de "Madame". Matos Pimentel escreveu uma peça interessantíssima, "O corredor escuro". Por que não o ilumina?

Hermilo Borba Filho, elemento novo e batalhador do Teatro do Estudante em Pernambuco, prometeu-nos "Electra no Circo" e "João sem Terra". Edgard Rocha Miranda, autor já consagrado com a excelente "Não sou eu", encenada no Teatro Ginástico, não produziu mais nada?

Thalino Botelho escreveu, também, uma peça, ainda sem nome, de grande interesse social. Onde está? "Um minuto sem Deus" foi-nos prometida por Carlos Mafra de Laet. O título é lindo. E a peça?

O teatro reclama as produções de nossos valores novos e principalmente dos já consagrados.

★

O Teatro Experimental do Negro tenciona encenar "Before Breakfast", de Eugene O'Neill, dando a Ruth de Souza a melhor oportunidade de sua carreira artística. O'Neill cedeu graciosamente todos os direitos de montagem e representação de suas peças ao T. E. N., no Brasil.



Judy Holliday a criadora de Billie Dawn em "Born Yesterday"

Estreou no New Stages Theatre, de Nova York, "Blood Wedding" (Bodas de Sangue), de Federico Garcia Lorca, que já nos foi apresentada por Dulcina Odilon no Teatro Regina.

Recentemente, Francisco Garcia Lorca, irmão do poeta e dramaturgo espanhol, publicou um artigo sobre a origem dessa peça. "Lembro-me de que Federico leu em um Jornal de Granada a notícia de uma jovem ter fugido com o antigo namorado no dia de seu casamento. O noivo, ao persegui-los, matou o rival e foi morto pelo mesmo. Após ler a notícia, meu irmão argumentou ser um ótimo assunto para uma peça teatral. Passaram-se semanas sem mais comentários e julguei que meu irmão houvesse esquecido o caso. Muito tempo depois, começou a escrever a peça e em

DO ESTRANGEIRO

menos de uma semana o drama estava terminado. Até então, a fama de Federico era só como poeta. Havia tido no Teatro um fracasso e um sucesso, "The Evil-Doing of Butterfly" e "Mariana Pineda", respectivamente. "Blood Wedding" foi estreada no ano de 1933 em Madrid, tendo sido o próprio Federico o seu diretor. A peça obteve tanto sucesso que sua fama como dramaturgo equiparou-se à de poeta. Em Buenos Aires, "Bodas de Sangre" alcançou um "record", e no Rio, em tradução de Cecília Meireles, permaneceu longo tempo em cartaz, assim como em várias cidades de outros países".

Federico Garcia Lorca foi fuzilado em sua cidade natal, Granada, no ano de 1936, durante a Guerra Civil da Espanha.

★

"Born Yesterday", de Garson Kanin, entrou no quarto ano de representações consecutivas, no Henry Miller's Theatre, de Nova York; Judy Holliday, a feliz "estrêla" da comédia de Kanin, afirma que, apesar de tantos anos, ainda não conseguiu se aborrecer de interpretar Billie Dawn, a heroína, e é um verdadeiro gosto apresentá-la todas as noites a uma platéia nova. A Columbia Pictures pagou, há dois anos, 1.000.000 de dólares pelos direitos de "Born Yesterday", que filmará em breve.

★

Várias peças estrearam em fevereiro nos palcos da Broadway. Além de "Blood Wedding", "My name is Aquilon", no Lyceum Theatre, com Jean Pierre Aumont e Lilli Palmer. "Diamond Lil" que marcou a volta de Mae West aos teatros de Nova York, "Richard III" de Shakespeare, no Booth Theatre, com Richard Whorf e Phillip Bourneuf, "Death of a Salesman", no Morosco Theatre, com J. Cobb, Arthur Kennedy e Mildred Dunnock nos principais papéis, e "They knew what they wanted", no Music Box com Paul Muni, Carol Stone e outros.



Mae West caricaturada em "Diamond Lil"



DR. SABÓIA RIBEIRO

CONVULSÕES NA INFÂNCIA

As convulsões infantis, no seu mecanismo de ação, reconhecem as mais diversas causas, dependendo portanto a sua gravidade, maior ou menor, da natureza das mesmas.

umas vezes se trata de uma afecção localizada no sistema nervoso central — cérebro ou meninges. De outras, de uma perturbação mais ou menos profunda das condições que presidem o equilíbrio e nutrição do sistema nervoso, mas que, já havendo o estado de predisposição da criança, pode mesmo, em grau não muito acentuado, despertar a crise convulsiva. Nas crianças neuropáticas é onde essa predisposição mais é encontrada, de modo que, em certas condições da infecção ou dos desvios alimentares, já pode surgir, nelas, o ataque convulsivo.

Se as causas se acentuam ou se prolongam, mesmo o estado de eclâmpsia infantil pode ser despertado, surgindo, então, convulsões repetidas.

Os processos infecciosos agudos, máxime das meninges, ou congestivos dos centros cerebrais, provocando, em geral, direta ou indiretamente, a excitação de umas ou de outras, são, às mais das vezes, a causa determinante da convulsão.

A idade da criança favorece particularmente a eclosão das crises convulsivas, sendo maior a predisposição quanto mais tenra é a criança.

A explicação natural do fato é que, nos primeiros tempos, os centros inibidores estão ainda mal desenvolvidos, na criança, de modo que essa circunstância tende somente a agravar as demais causas.

A medida, porém, que a criança cresce, vai-se-lhe, aos poucos, modificando essa condição natural. E, por isso, com a idade, não poucas crianças curam, quando já sofrem de ataques mais ou menos periódicos.

Como já dissemos, surgem as convulsões, sobretudo, nos processos e afecções de localização cerebral (encefalite), nas meninges (meningite) e sistema nervoso (paralisia infantil, etc.).

A gripe, a pneumonia, a pielite, o sarampo e a coqueluche, já por uma excitação dos centros superiores, já porque muitas vezes ocorrem na idade ainda tenra, a miúdo ensejam as convulsões infantis logo no início da doença.

É, porém, na meningite, onde as convulsões são de uma constância absoluta.

Como, por outro lado, esse conhecimento é muito generalizado, entre as pessoas, é muito comum, por isso, que diante das convulsões na infância logo se pense na meningite. Ora essa generalização é, de certo, um erro, tendo somente a vantagem de não considerar coisa somenos o acidente, em regra sério na criança. Necessário se torna, porém, por outro lado, ter sempre presente no espírito que, não obstante, algumas infecções pulmonares, como a pneumonia fibrinosa e a central, mostram muitas vezes o quadro aparente de uma meningite, e se acompanham com frequência de convulsões. Porém, evidentemente, seria generalizar não procurar, em todos esses casos, a prova decisiva de uma meningite pelo exame do líquido extraído pela punção lombar.

Na meningite tuberculosa, como o processo se localiza na base do cérebro, ocorrem muitas vezes, antes das convulsões declaradas, devido a excitações dos nervos cranianos que dali emergem, uns como abalos, da região do facial (repuxamentos da boca, etc.), desvios oculares, etc.

Nas crianças entregues ao regime artificial ou mamando um leite fraco a que falta, entre outros elementos, o cálcio, é preciso cogitar, na ausência de febre, de um mero distúrbio da nutrição.

A incriminação a vermes, das convulsões — o chamado ataque de bichas — é errônea interpretação do fenômeno, que só em casos muito excepcionais pode reconhecer os vermes como os causadores.

Após uma infecção febril aguda, com manifestações gerais graves e reflexos sobre os centros cerebrais, se aparecem, porém, periodicamente as convulsões, é sempre razoável admitir sejam essas convulsões a consequência de uma lesão cerebral ou afim (meninges), de maior ou menor gravidade ou extensão. Após a encefalite é o que se verifica a miúdo, perdurando os ataques pelo tempo adiante.

Todas as vezes que as convulsões infantis surgem, assim, após as doenças febris, possuem uma significação particularmente grave, séria, que deve levar a todos os cuidados.

No recém-nascido as convulsões constituem sempre sintoma sério, pois indicam, às mais das vezes, alguma lesão intra-craniana (encefalopatia); se a delivrance foi demorada ou houve sofrimento fetal, então, como às vezes no parto instrumental, é a primeira hipótese a admitir.

Em alguns casos podem-se atribuir as convulsões da criança à sífilis congênita; mas, então, sempre existirão, na criança, outros sinais que positivam o diagnóstico — ou esses sinais nos pais.

Quando, nas crianças mais crescidas, as convulsões surgem, e a criança desde tempos mudara, andava molenga, retraída, perda do apetite, a hipótese da meningite tuberculosa deve ser estudada; neste caso, um dos sintomas mais constantes são os vômitos súbitos da criança; outro que quase nunca falta é a prisão de ventre intensa. Chama também a atenção o ventre em batel (o abdome está escavado, deprimido). Febre discreta (só o termômetro dá a certeza de que existe febre, sempre pouca).

Dependendo muitas convulsões na idade tenra, exclusivamente, da deficiência de cálcio no sangue da criança (as dosagens mostram então que a concentração do cálcio está diminuída), esse fator deve ser afastado, na criação do lactente, mediante um regime bem fiscalizado a esse respeito.

No aleitamento natural, isto é, ao peito, pode-se dizer que o cálcio é sempre bem aproveitado; o ponto é a nutriz possuir bom leite.

Já no aleitamento artificial isso nem sempre acontece, pois nem sempre o preparo do leite é feito de modo a ser bem aproveitado pela criança.

De modo que, em face das convulsões da criança, é necessário apurar qual a participação que pode ter no fenômeno o cálcio alimentar, que poderá estar diminuído ou mal aproveitado.

Sempre uma medida necessária para o útil aproveitamento do cálcio da alimentação é o banho de sol à criança. É fato da observação que as crianças a que não se propicia abundância de luz e com as devidas cautelas os raios solares, nem só o cálcio não é fixado no seu sistema ósseo como ainda a anemia pode ser a consequência. Nas causas das convulsões deve-se ainda considerar esse fator. É a profilaxia das convulsões, devidas a causas, digamos, naturais ou desvios higiênicos na criação das crianças.

No decorrer das infecções há lançar mão dos envoltórios frios, as lavagens evacuadoras e os clisteres calmantes, como tratamento de urgência para dominar o ataque convulsivo; internamente, sedativos do sistema nervoso.



A PROPÓSITO DO CASAMENTO

ARLENE DAHL (M.G.M.)

Não, minha amiga, o casamento não é — pelo menos não deveria ser, a renúncia de todos os seus direitos e da sua própria personalidade. Entendo por casamento uma espécie de sociedade onde ambos os sócios lutam e trabalham juntos por um mesmo ideal, dando para isso, se necessário for, um pouco de si mesmo. Assim juntos, constroem uma base sólida que dificilmente poderá ruir. Nunca, porém, o casamento poderá ser a renúncia de um em benefício do outro. E quando isto acontece, sinto dizer-lhe, é porque o sacrificado não es-

tava devidamente preparado. Não estava mesmo em condições de arcar com as responsabilidades que a nova vida lhe iria exigir. O erro está, portanto, não no dominador, mas no dominado que não soube se preparar convenientemente de maneira a se impôr pela sua energia, pela determinação, enfim, pela própria personalidade.

Curvar a cabeça, entregar-se cegamente ao fato consumado, é um conformismo cômodo que está longe de ser uma solução. Pelo contrário, é uma situação que irrita dominado e dominador, tirando-lhes a satisfação da luta,

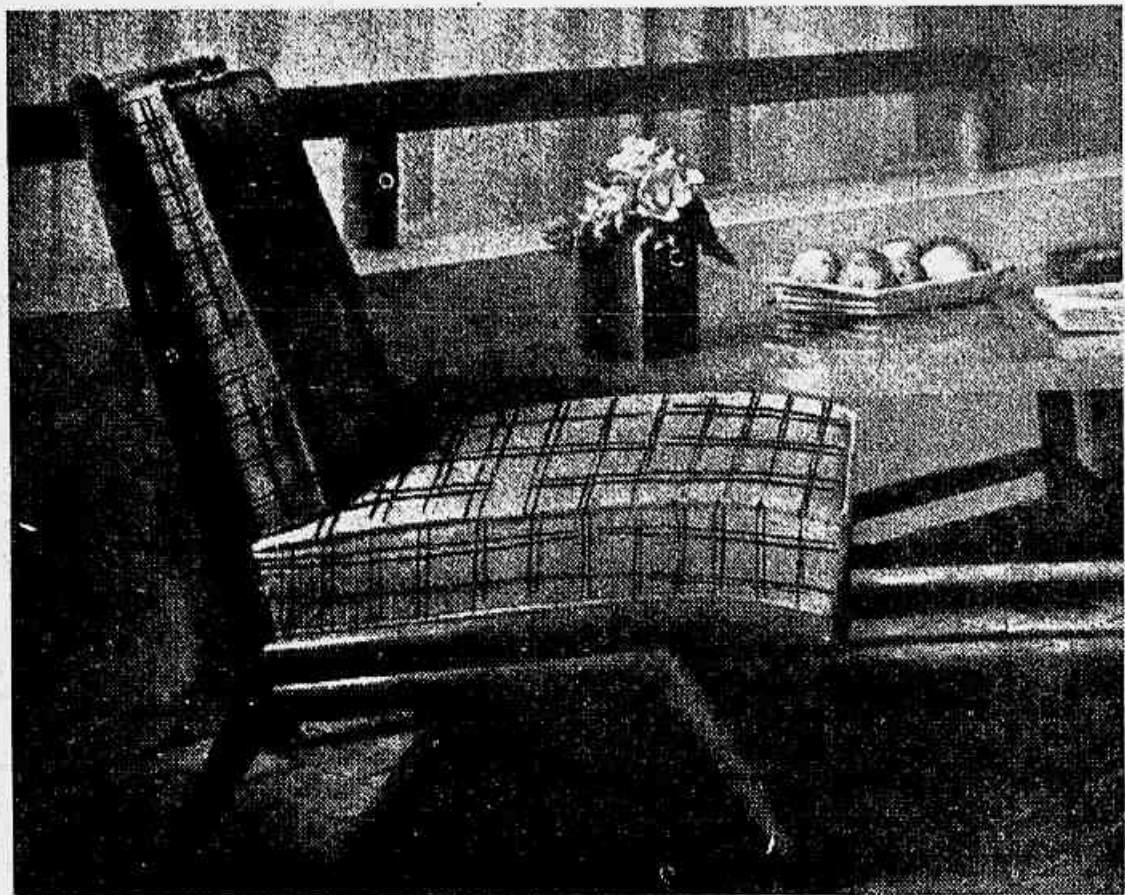
a possibilidade de uma compreensão e de uma amizade baseada no respeito mútuo. Não estou pregando a rebeldia, porém uma reação que se vá fazendo lentamente e que deixará, por fim, transparecer que você também pode fazer parte da "sociedade", não como espectador, mas como membro ativo a quem se pode entregar tarefas importantes e de responsabilidade.

Para isso, será necessário que você mesma se prepare, que comece por agir como pessoa responsável e confiar nas suas próprias atitudes.

O resto, acredito, virá com o tempo.

A. B.

NOS BASTIDORES FEMININOS



INTERIORES

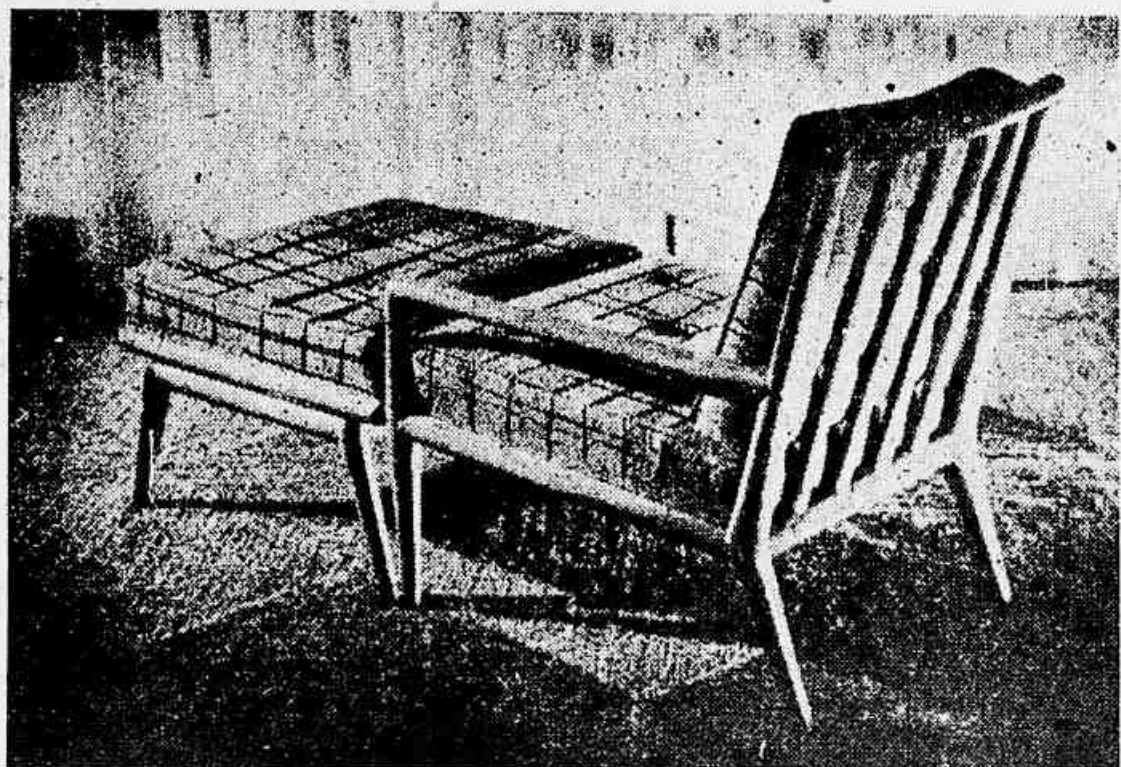


ve a sua grande época no mobiliário do tempo da rainha Vitória, e agora volta, novamente, de preferência para os ambientes rústicos. Num quarto de dormir ele serve para cobrir as camas e as almofadas; num "living" ser-

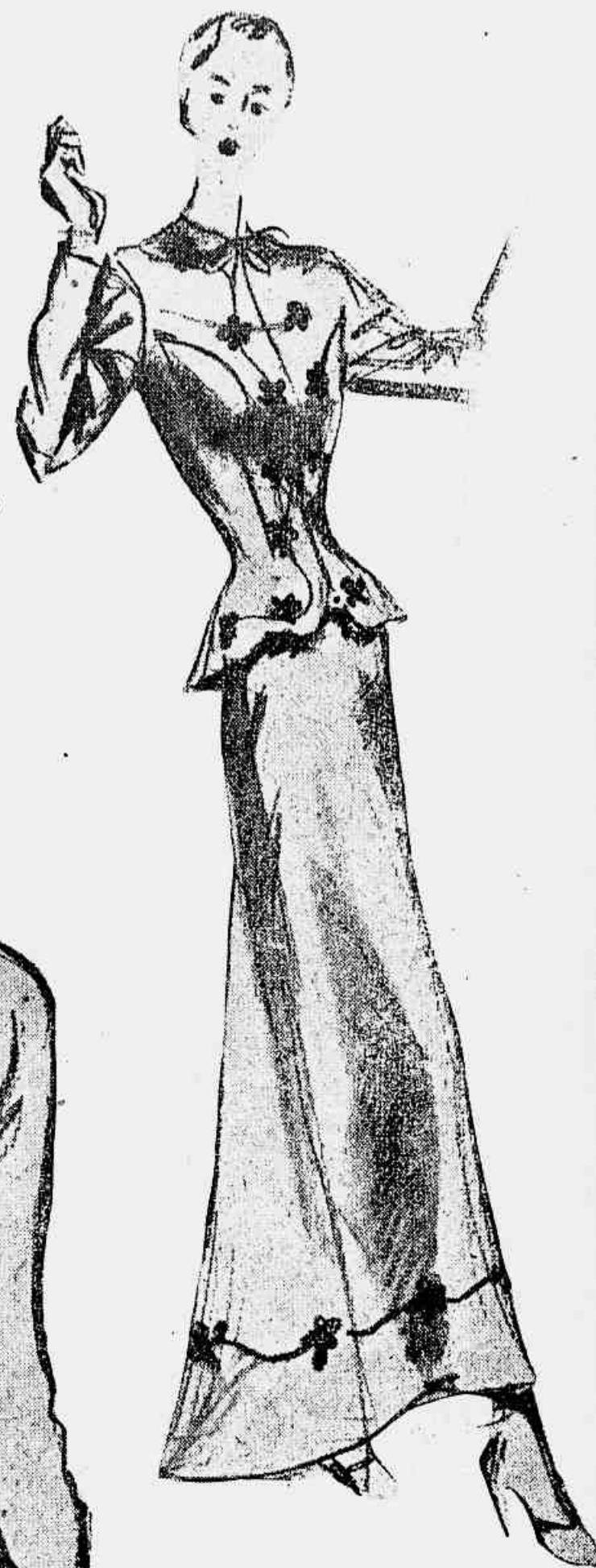
UM elemento de muito valor decorativo é o tecido escocês. Ele se presta para as mais variadas finalidades, e sempre com os melhores resultados. Te-



ve para as cortinas ou para as poltronas. Para as cadeiras, também o escocês apresenta-se como material de primeira ordem.



MODELOS VARIADOS



E' NA FELICIDADE DA CRIANÇA QUE SE DEVE PENSAR

TUDO o que os pais fazem por seus filhos deve ser realizado visando o seu bem-estar no presente e a sua felicidade no futuro, e não, como em geral acontece, a felicidade e o bem-estar dos próprios pais. Isto pode parecer, de início, um pouco confuso, mas não é. De qualquer forma, tentaremos uma explicação. Existem pais, por exemplo, que acham estar proporcionando satisfação a uma criança quando a obrigam a fazer aquilo que para eles, os pais, constitui uma satisfação. Pautam pela sua a preferência da criança, esquecendo de que, pelo fato de ser seu filho, não tem a obrigação de possuir os mesmos gostos e as mesmas predileções. Aborrecem-se e se zangam quando a criança não demonstra por uma qualquer coisa o entusiasmo que esperavam; mas não se lembram de analisar, antes, os sentimentos e as preferências da própria criança, impondo, despoticamente, as suas próprias tendências.

Há crianças que se libertam de tudo isso, seguindo as suas próprias inclinações mesmo contrariando a vontade dos pais. Outras, porém, se submetem a tudo, por falta de coragem, por respeito ou por outra razão qualquer.

As primeiras são as "íngatas", "rebelde", etc... Não compreenderam e não souberam apreciar todo o esforço que os pais fizeram para que elas se sentissem bem. Já as outras são as "boazinhas", "conformadas" e "compreensivas". O que elas porém ignoram é o sacrifício e a renúncia daquelas a fim de se adaptarem aos desejos dos pais. E é esse sacrifício e essa renúncia que lhes tiram noventa por cento da alegria de viver.

O que é necessário, portanto, é que a criança seja educada para a sua própria satisfação e de acordo com a sua própria tendência, visando-se o seu próprio benefício. E' preciso lembrar que nem sempre aquilo que torna os pais felizes pode também constituir motivo de felicidade para os filhos. Necessário se torna que neste ponto exista uma perfeita compreensão entre pais e filhos, a fim de evitar sérios aborrecimentos para o futuro.



Que tal o modelinho?
Elegante, não?!



Roupa íntima para gente miúda... também é um problema

BASTANTE sugestivos e variados são os modelos que nestas duas páginas submetemos à apreciação das nossas leitoras. Um casaco de linhas longas, para os dias chuvosos; um modelo bordado para noite; um "tailleur" em linho, para passeio; um modelo em tafetá, para a tarde, com amplos babados, ou uma sugestão em sêda, para o "cocktail" — você poderá aqui escolher, para completar o seu elegante guarda-roupa.

PEQUENAS

Reuniões



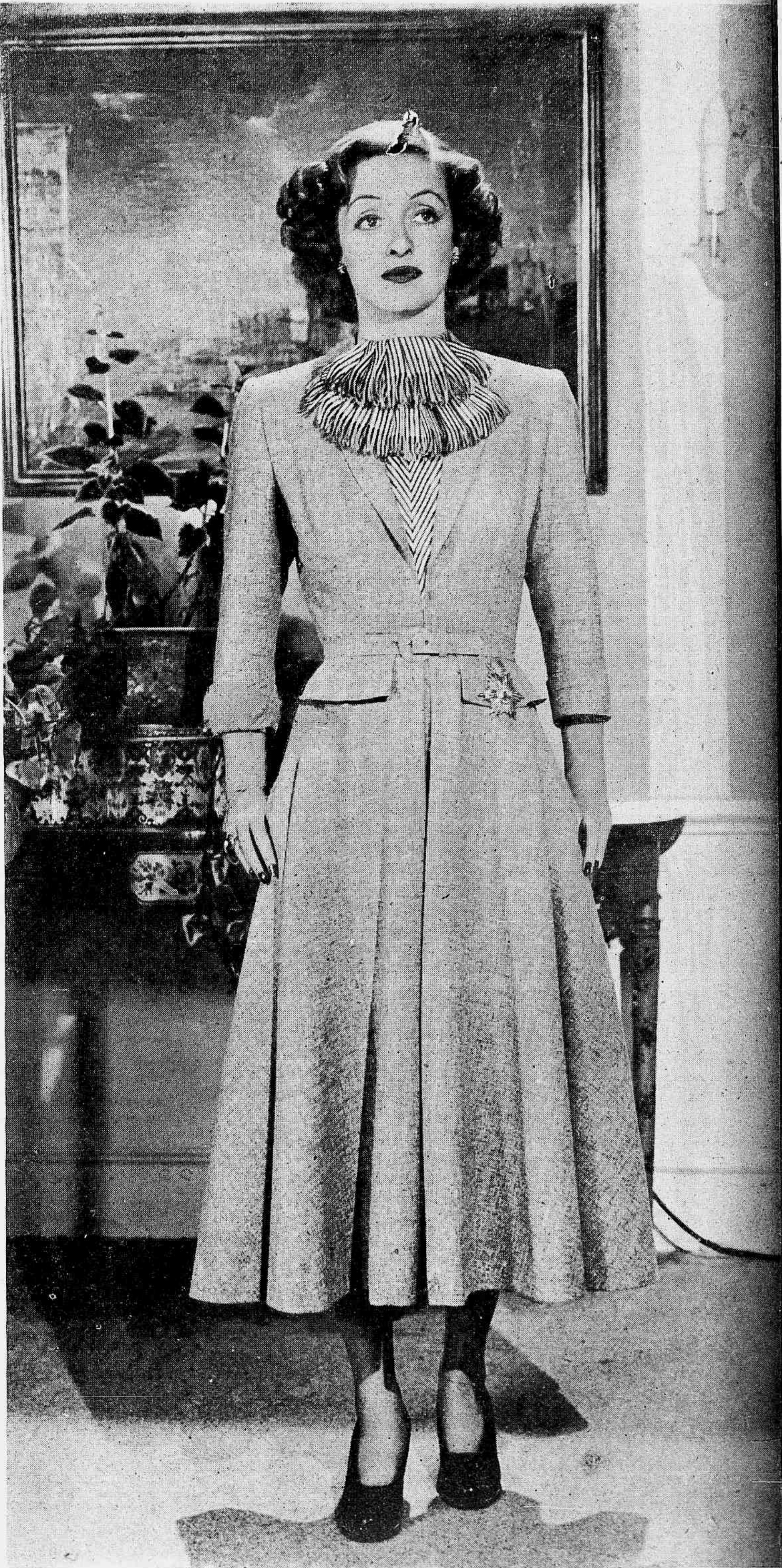
P

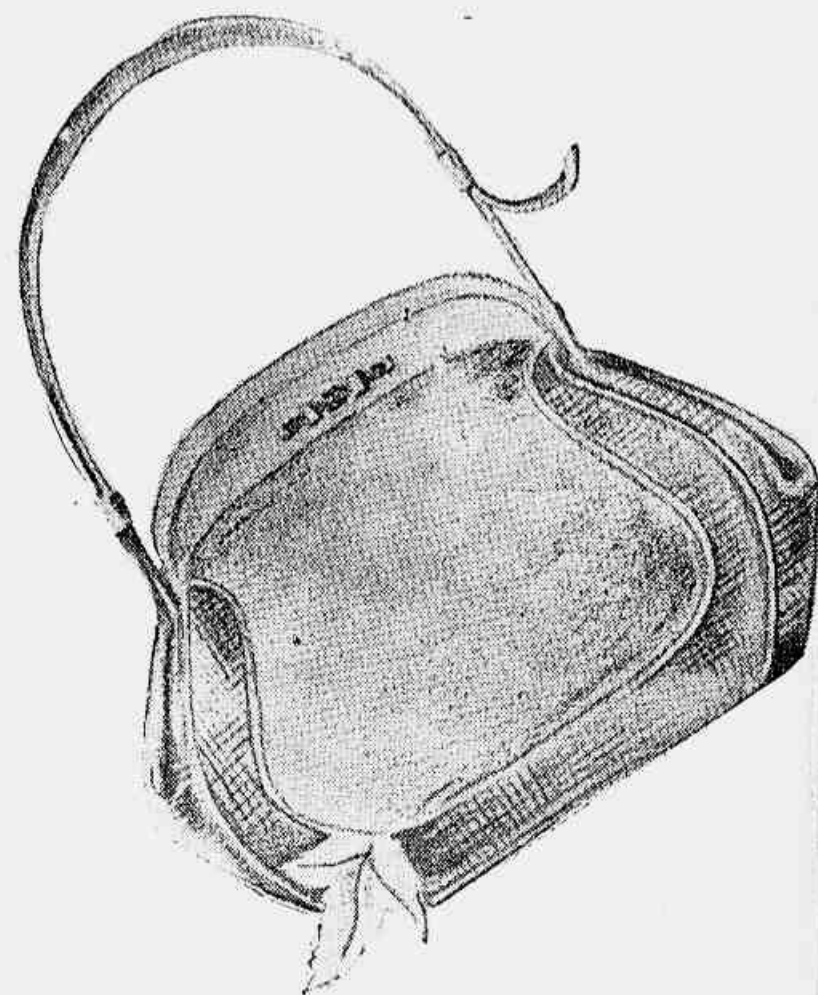
ARA as reuniões que não exigem um traje de grande suntuosidade, mas um meio termo que mais tarde você poderá aproveitar para outro qualquer fim, nada melhor do que esses modelos "meio-térmo" aqui sugeridos. São modelos de Carven, Pierre Balmain, Grès, J. Desses, Worth e Marcelle Chaumont.



DE HOLLYWOOD

Em cima: Vestido em crepe de sêda preto, apresentado por Bette Davis, da Warner Bros. Decote em "V", com pequena gola. Mangas "kimono", saia em "plissô soleil". Em baixo: "Tailleur de gabardine cinza. Bolso muito original. Saia em "panos". Uma echarpe cai do chapéu e se enrola no pescoço, caindo para trás. Sugestão de Allida Vali da RKO. Em baixo: Novamente Bette Davis, agora com um vestido de linho zincam saia "godet", pequena "lasque". Blusa em sêda listrada azul e branco, formando farto "jabot"





Bolsa de couro de dois tons. Uma folha de metal aplicada num canto dá uma nota de originalidade

DETALHES E NOVIDADES

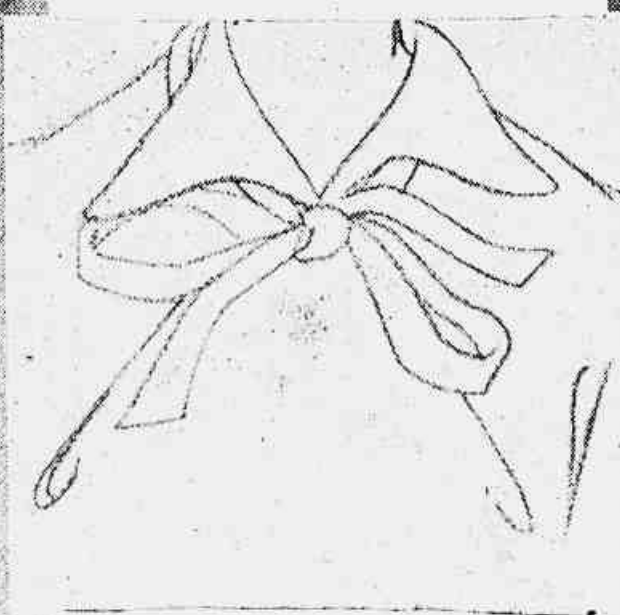
"Aigrettes" e pérolas negras fazem des- se chapéu para a noite, um ornamento deslumbrante



Em tecido listrado, blusinha esportiva para o verão

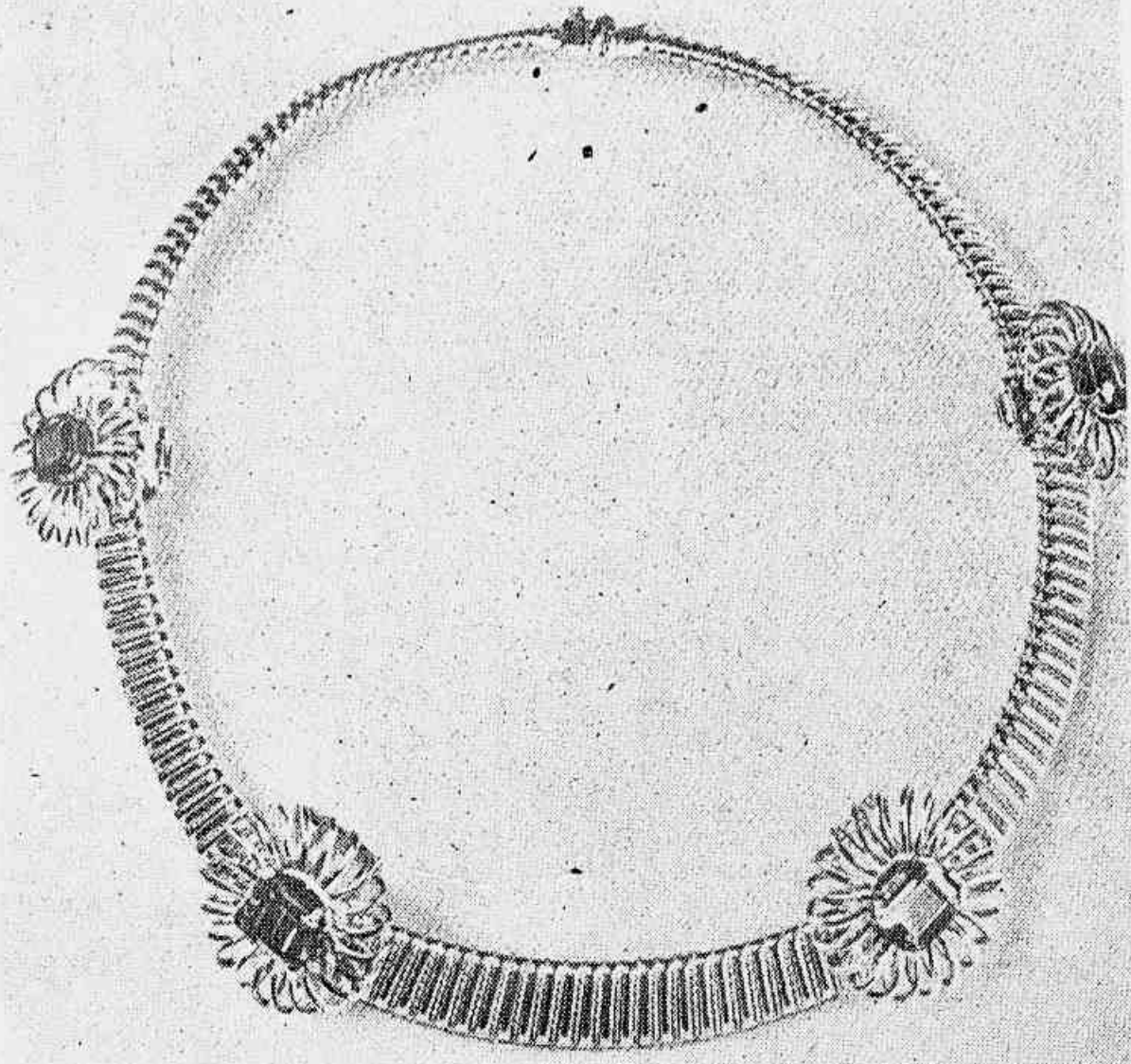


Originalíssima sandália em verniz preto



Ao alto: Para um vestido ligei- ro, gola em ponta arrematada por uma tira que dá laço. A' esquerda: Original talho para o casaco de um elegante "tailleur"





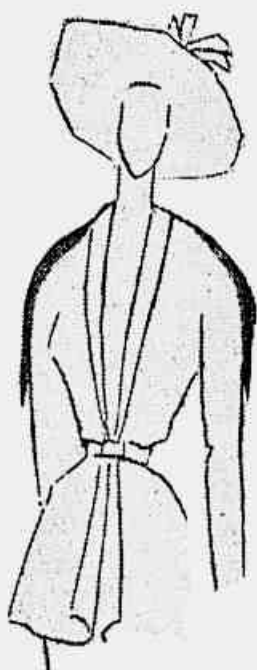
Colar de ouro guarnecido de quatro "aranhas" também de ouro, com ametistas



Drapeado assimétrico para um vestido de tafetá



"Valência", criação de Jacques Fath, para o seu elegante traje



A sala "ciclone", uma das recentes criações de Christian Dior



Com as sobras da massa para pastéis você poderá fazer esses deliciosos biscoitos para "cock-tail"

OVOS MEXIDOS COM MIOLOS

Deite de mólho em água, sal e vinagre, 1 ou 2 miolos. Lave-os bastante, separe as peles e leve-os ao fogo com um bom refogado. Pique-os bem e reserve. Bata 5 claras em neve, junte as 5 gemas, 1 colher de sôpa de farinha de trigo e sal à gosto. Esquente bem os miolos e vá deitando aos poucos os ovos batidos, misturados com salsa picada, mexendo continuamente.

CROQUETES DE LEGUMES

Cozinhe os legumes que preferir, escorra a água e passe-os por peneira, junte 1 colher de manteiga, queijo ralado e mólho branco bem consistente. Adicione duas gemas, faça croquetes, passe-os em farinha de rosca, ovos batidos e novamente em farinha de rosca e frite.

MIUDOS DE GALINHA COM PALMITO

Depois de bem lavados os miudos de galinha, cozinhe-os com água e sal. Prepare um bom refogado com Bacon, cebolas raladas, tomates salsa e 2 alhos socados. Junte os miudos já picados, 150 grs. de salsichas em fatias, 1 lata de palmito em pedaços e azeitonas. Sirva com ovos cozidos à volta do prato.



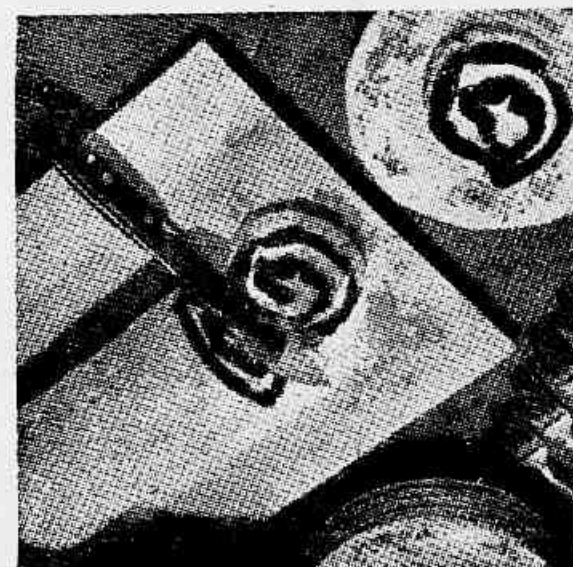
Os páesinhos de minuto são de fácil execução e excelentes para o lanche

FORMINHAS DE ESPINAFRE

Para bem fino 10 mólhos de espinafre e cozinhe-os com água e sal. Escorra, junte 1 colher de manteiga, 1 colher de farinha de trigo, 4 ovos batidos. Misture tudo com queijo ralado, deite em forminhas untadas e leve ao forno.

TORTA DE ABACAXI

Forre uma fôrma com caramelo, arrume pedaços de abacaxi em todo o fundo, polvilhe com açúcar e deite por cima a seguinte massa: Bote em banho-maria 4 ovos inteiros com 4 colheres de sôpa de açúcar, durante 15 minutos. Retire e junte sem bater, 4 colheres de sôpa de farinha de trigo e 1 colher de chá de essência de baunilha. Misture apenas. Deite sobre o abacaxi e leve ao forno brando.



O rocambole pode ser feito com geleia ou chocolate

BOLINHOS DE BANANAS

Massa: — 200 grs. de farinha de trigo, 2 gemas, 2 colheres de sôpa de açúcar, 1 colher de sôpa de manteiga e rhum até dar consistência. Estenda a massa um pouco fina e passe em cima banana em compota. Enrole e frite na manteiga bem quente.

★

CULINÁRIA

Quando o bôlo se abre é porque a farinha e o fermento foram mal misturados com o restante da preparação.

★

A última coisa que se mistura numa mistura para bôlo, são as claras batidas em neve.

★

Os aspargos cozidos n'água fria endurecem rapidamente.



Serviços de Amor

Conto de O. HENRY ★ Ilustração de A. ZAGORSKA

PARA quem ama a sua arte, nenhum serviço parece demasiado. E' esta a nossa premissa. Dela tiraremos uma conclusão, provando ao mesmo tempo que a premissa é errônea. Será qualquer coisa de novo em matéria de lógica e um feito um tanto mais velho que a grande muralha da China em matéria de narrativa.

Joe Larrabee surgiu das planícies do Médio Oeste pulsando de gênio pela arte pictórica. Aos seis anos produziu um desenho da bomba da cidade com um proeminente cidadão que por ela passava apressadamente. Esta façanha foi emoldurada e pendurada na vitrina da farmácia ao lado da espiga de milho com número ímpar de carreiras. Aos vinte partiu para Nova York com uma gravata de laço e um capitol, este atado um pouco mais próximo da pele.

Delia Carruthers fazia coisas tão prometedoras em seis oitavas, numa aldeia do Sul, que seus pais correram o pires o bastante para enviá-la ao "Norte", para que "terminasse". Não puderam vê-la terminar, mas é aí que está a nossa história.

Joe e Delia se encontraram num atelier onde se reuniam muitos estudantes de música e de belas artes para discutir claro-escuro, Wagner, música, as obras de Rembrandt, telas, Waldteufel, papel de parede, Chopin e chá preto.

Joe e Delia se enamoraram um do outro, ou um pelo outro, como preferiram, e em pouco tempo estavam casados... pois (veja lá em cima) para quem ama a sua arte, nenhum serviço parece demasiado.

O sr. e a sra. Larrabee estabeleceram o seu lar num apartamento. Era um apartamento isolado... algo como o lá sustenido lá em baixo na extremidade esquerda do teclado. E foram felizes; pois tinham a sua arte e tinham um ao outro. E meu conselho ao jovem rico seria: vende tudo o que tens e distribui aos pobres... em troca do privilégio de viveres num apartamento com a tua arte e a tua Delia.

Os moradores de apartamentos endossam a minha afirmativa de que a deles é a única felicidade verdadeira. Se um lar é feliz nunca será por demais apertado... Que o toucador se desmantele e se torne mesa de bilhar; que o aparador se transforme em remo a séco, o escritório em mais um quarto, a cômoda em piano; que se aproximem as quatro paredes, se quiserem, desde que tu e a tua Delia fiquem no meio. Mas se o lar é da outra espécie, que seja comprido e largo... entras tu pela "Porta do Ouro", na costa do Pacífico, dependura o teu chapéu no cabo Horn, a capa no cabo Hatteras e sai pelo Labrador.

Joe estava pintando no curso do grande Magister... cuja fama todos conhecem. Seus preços são desmedidos; seus ensinamentos comidos; do contraste a sua fama. Delia estava estudando com Rosenstock... todos conhecem-lhe a reputação como agitador de teclados.

Foram felicíssimos enquanto lhes durou o dinheiro. E assim todos nós... mas não quero parecer clínico. Os objetivos de ambos eram bem claros e definidos. Joe deveria ser capaz, muito brevemente, de produzir telas tais que aqueles velhos cavalheiros de suíças finas e carteiras grossas se esbordoariam uns aos outros no seu atelier pelo privilégio de adquiri-las. Delia deveria se tornar antes familiarizada e depois tão insolente com a música, a ponto de ficar com a garganta inflamada e se recusar a atuar diante de poltronas ou frisas desocupadas.

Mas o melhor, na minha opinião, era a vida em comum no minúsculo apartamento... as conversas tolas e entusiásticas após os estudos diários; os jantares íntimos e os cafés matinais; o intercâmbio de ambições... ambições sempre entrelaçadas com as do outro ou então inconsideradas; as mútuas ajuda e inspiração, e... perdoem minha falta de arte... as azeitonas recheadas com sanduíches de queijo às onze da noite.

Mas chegou o dia em que a arte estremeceu. Isso às vezes acontece... Tudo saindo e nada entrando, como diz o vulgo. Faltava o dinheiro para cobrir as taxas

dos srs. Magister e Rosenstock. Para quem ama a sua arte, nenhum serviço parece demasiado. Assim, Delia disse que precisava lecionar piano para manter acesa a chama.

Dois ou três dias andou pelas ruas cavando alunos. Uma noite chegou em casa exultante.

— Joe, querido! — disse alegre. — Arranjei uma aluna. E, oh, que gente encantadora! A filha do general... general A. B. Pinkney, da rua Setenta e Um. Que casa esplêndida, Joe... você devia só ver a porta da frente! Bizantina, creio que a chamaria. E lá dentro! Oh, Joe; nunca vi coisa igual até hoje.

— Minha aluna é a filha dele, Clementina. Já estou doidinha pela pequena. Tão delicada... sempre vestidinha de branco; e que maneiras simples, ternas! Tem apenas dezoito anos. Dar-lhe-ei três aulas por semana; e, imagine só, Joe! Cinco dólares por aula! Não me importo nem um bocadinho; logo que arranjar mais dois ou três alunos, começarei a estudar com herr Rosenstock. Ora, querido, não fique assim de testa franzida. Tratemos de fazer uma boa ceia.

— Está tudo muito bem para você, Delia — disse Joe, assaltando uma lata de petiscos a facão e machadinha. — Mas, e eu? Pensa que vou deixar que cave o cobre sozinho enquanto eu passeio nos elevados cumes da arte? Isso não, pelos ossos de Benevenuto Cellini! Acho que posso muito bem vender jornais ou pavimentar calçadas e comparecer com um dolarzinho ou dois.

Delia se chegou, abraçando-o pelo pescoço.

— Joe, meu bem, que bobagem é essa! Você vai continuar os estudos. Não se pode dizer que eu tenha abandonado a música para trabalhar em outra coisa. Enquanto eu ensino, eu aprendo. Estou sempre com a minha música. E com quinze dólares por semana nós podemos viver como milionários. Você nem deve pensar em deixar o sr. Magister.

— Está bem — disse Joe, esticando o braço para o prato de picadinho de legumes. — Mas não vou com esse negócio de você dando aulas. Isso não é arte. Mas de qualquer jeito você é um amor. Dele, por fazer o que está fazendo.

— Para quem ama a sua arte, nenhum serviço parece demasiado — disse Delia.

— Magister elogiou o céu daquele estudo que fiz no parque — disse Joe. — E Tinkle me permitiu expor dois trabalhos na vitrina dele. Posso bem vender algum, caso apareça algum desses idiotas endinheirados que querem comprar.

— Vai vender, sim; tenho certeza, querido — disse Delia docemente. — E agora, agradeçamos a general Pinkney essa vitrinha assada.

Durante toda a semana seguinte os Larrabee se levantaram cedo. Joe estava entusiasmado com alguns esboços de efeitos matutinos que fazia no Central Park. Delia já o despachava às sete horas devidamente alimentado, afagado, louvado e beijado. A arte é uma senhora envolvente. Muitas vezes já passava das sete da noite quando Joe regressava ao lar.

No fim da semana, Delia, ternamente orgulhosa mas extenuada, atirou triunfante sobre a mesa da sala três notinhas de cinco dólares.

— As vezes — disse ela, com certo aborrecimento — Clementina me tenta um bocadinho. Tenho a impressão de que não estuda o bastante, de modo que lhe tenho de ensinar tantas vezes a mesma coisa... E sempre toda vestida de branco que até chega a ser monótono. Mas o general Pinkney é um excelente senhor! Eu só queria que o conhecesse, Joe. As vezes aparece quando estou no piano com Clementina... ele é viúvo, você sabe... e fica por ali a alisar o cavanhaque branco. "E então, como é que vão essas fusas e essas semicolcheias?", pergunta sempre.

— Eu só queria que você visse os alizares daquela sala, Joe! E aqueles repetidores de tapeçaria de Astrakan. E Clementina tem uma tossezinha tão engraçada.

(Continua na pág. 52)

Tradução de JORGE A. FORTES



F. M. S. (Porto Alegre) — "Isabel" não pôde ser aproveitado. Escreva outro.

Francisco Marins (S. Paulo) — Seu conto "Florencio" vai ser publicado. Você não sabe que picada de cobra venenosa não sangra?

H. L. (Rio) — Muito pequeno o seu "Afinal, que vi eu nessa mulher?". Pelo tamanho, parece mesmo que viu muito pouco. Tente um conto mais puxado.

F. A. B. (Rio) — Também não foi possível publicar "O crime do sapateiro". Está exíguo.

H. A. F. (Santa Rita do Sapucaí, Minas) — "Renúncia" está muito fútil, mas não é motivo para renunciar às letras. Você tem jeito. Tente outro tema e puxe pela imaginação.

Aurora R. da Costa Araújo (Teresina, Piauí) — "Bicho do Mato" está bom. Aguarde a publicação.

W. C. (Sabará-Minas) — "Sulcício" não pôde ser aproveitado. Mandem-nos outro de fundo mais construtivo.

J. Wilson (S. Paulo) — "Canavial" será publicado com um conserto na cena do ataque das cascaveis. Vá ao Butantã, informe-se sobre o fato e veja como o amigo está enganado quanto à maneira de as cobras atacarem o homem.



Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS
GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217



CENTENÁRIO DE CHOPIN

XAROPE E INTERPRETAÇÕES ★ LISZT REPREENDIDO ★ O QUE DISSE HEINE ★ POUCO JANTAR, MUITA MÚSICA...

De ROBERTO LYRA FILHO
(ESPECIAL PARA A "REVISTA DA SEMANA")

"Chopin está conosco. A sua revolta é a nossa, a sua causa, a nossa causa. O seu maravilhoso e trágico clamor, partido do filho da terra e do escravo, é um símbolo humano. Chopin está conosco porque em sua arte digníssima ele serviu a todos nós em nossa humanidade", escrevia, em 1942, Mário de Andrade, aludindo à ATUALIDADE DE CHOPIN. Com frases eloquentes, o crítico brasileiro invoca o gênio de Chopin: "Que o gênio dê apareça e nos guie. Que o exemplo dê nos firme a todos em nossas decisões, artistas, operários, mães, estudantes, chefes e soldados. Que ele bafeje aquelas forças da primavera que agora dançam nos campos de batalha e morrem, na esperança da liberdade, da justiça e da paz".

Estas palavras, pronunciadas em tempo de guerra, também não perderam a atualidade. A homenagem ao espírito rebelde do músico polonês ainda é oportuna, agora que se prepara a comemoração de seu centenário.

CHOPIN-XAROPE

Nota-se que a maior parte dos musicólogos já se desligaram dos preconceitos românticos e repeliram uma falsa concepção da obra de Chopin, um Chopin trêmulo e xaroposo, que andou muito em voga, anos atrás. Repetindo Gide, que disse tornar-se Chopin tanto menos conhecido quanto mais são executadas suas obras, Mário de Andrade acrescentou: "O que careceria verificar, melhorando o dito de André Gide, é se esses executantes realmente propagam a obra de Chopin ou se de preferência se propagam a si mesmo, em suas almas pequenas". Roubando a Chopin toda a sua altivez viril e todo o entusiasmo de seu espírito esclarecido, esses intérpretes nos apresentam um Chopin sem fibra, sem a força dramática de seus arroubos.



FREDERICO CHOPIN

A imagem fiel de Chopin está nos compassos vibrantes do Estudo "Revolucionário", que ele compôs num momento de fervor e exaltação patriótica ao saber da tomada de Varsóvia.

As falsas interpretações, as execuções que "executam", isto é, matam, assassina, a obra, deturpando-a, não são privilégio de nossa época. Se "a inconsistência mesma da sociedade anterior às guerras deste século" nos deu o Chopin-Xarope, tipo meloso, sentimental, à Brailowski, já os contemporâneos do músico polonês o atormentavam, acrescentando-lhe horribles ornamentos à obra nua e pujante.

Conta-se que Liszt, querendo homenagear — à sua maneira... — Chopin, que era seu amigo, executou, certa vez, em sua presença, uma sonata do mestre polonês, mas, cedendo à tendência para exibir sua técnica prodigiosa, enxertou tantos miteis artifícios que, em vez de agradecimento, recebeu de Chopin uma severa repreensão.

Só Chopin pode modificar o que Chopin compôs, disse-lhe o polonês.

CENTENÁRIO DE CHOPIN

Há cem anos, em 1849, morria Chopin. Separando-se de George Sand, com a saúde abalada, Chopin inspirava piedade aos amigos. Fanny Lewald conta que Heine, indignado com o procedimento de George Sand, exclamou: "É possível ser infiel a um homem são, mas é indigno abandonar um moribundo!"

Agora, prepara-se a comemoração de seu centenário, e, enquanto os romances da trêfega George Sand mergulharam num merecido esquecimento, a obra de Chopin continua viva e atual.

Na Polônia, terra natal do compositor, está sendo organizada uma série especial de concertos e conferências. Novas biografias e novos estudos críticos sobre a obra de Chopin estão surgindo nas livrarias. E esse movimento se estende por toda a Europa.

Provavelmente aqui no Rio, também, teremos, uns recitais Chopin.

POUCO JANTAR, MUITA MÚSICA

Na obra de Burin, onde se encontram vários aspectos pitorescos da vida do grande compositor, encontramos um episódio particularmente sugestivo e interessante.

Aquela época, o artista, emergindo das trevas medievais, ainda não conquistara sua independência e vivia um pouco preso ao sistema de patronos, que dominara todo o período "clássico". As famílias aristocráticas se davam o luxo de "proteger" artistas, que, dependendo economicamente delas, trabalhavam para seu prazer e divertimento. Essa organização, que não impediu que o gênio de alguns ultrapassasse as limitações de sua situação social subalterna, vigorava ainda, conquanto menos rigidamente, quando viveu Chopin. E' que as rebeldias românticas já estavam em pleno triunfo e o individualismo abria caminhos teóricos para a luta prática pela independência, travada pelos artistas contra seus "donos".

Convidado para jantar na casa de um "nobre", Chopin sabia que o preço da admissão à "alta" companhia era um concerto, um espetáculo, por mais que se ocultasse sob véus de cortezia a cruza da situação.

Terminada a refeição, a dona da casa insistiu com Chopin para que tocasse. Reclamava, assim, discretamente, o "pagamento" pelo jantar...

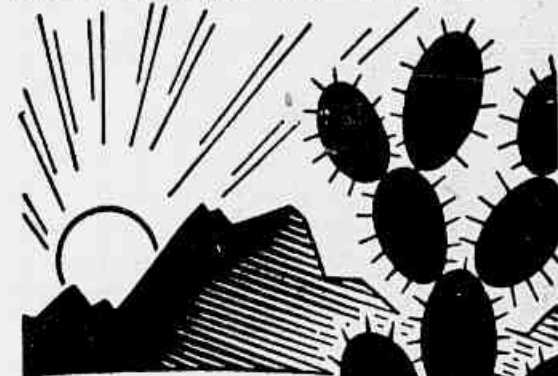
Chopin sorriu e disse:

— Se a sra. tivesse um amigo sapateiro, não lhe pediria que, gratuitamente, lhe fizesse um sapato. Não reclamaria de um amigo pedreiro, que lhe construísse muros sem recompensá-lo. Nem de um advogado pediria serviços profissionais não remunerados. Mas de um músico...

E, terminando a tirada audaciosa com um toque de humorismo, Chopin exclamou:

— A sra. quer um concerto! Mas eu comi tão pouquinho...

NOS CLIMAS TROPICAIS...



CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÉSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal



MÚSICA para VOCE



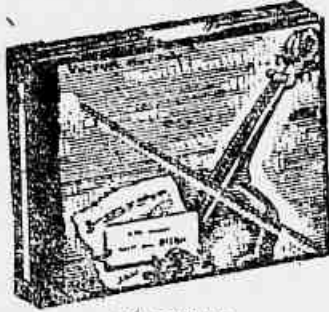
**DISCOS CLÁSSICOS
ÓPERAS
COMPLETAS**



**VITROLAS PORTÁTEIS
E TOCA DISCOS
PARA TODOS OS PREÇOS**



**DISCOS POPULARES
SAMBAS
RUMBAS
CONGAS
E OUTROS RÍTMOS**



ALBUNS



RUA DO PASSEIO, 48/56
MESBLA
VISITEM NOSSA SECÇÃO DE DISCOS



AGULHAS BONOT

Não tendo sido possível à **REVISTA** dar, nesta edição, toda a matéria concernente ao Carnaval de 1949, no próximo número de 19 do corrente, publicará outros assuntos do Carnaval ainda muito interessantes.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

**E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO**

PELAS estradas do CÉU

ANDRÉ MAX

QUANDO, em 1873, Julio Verne escreveu o seu fabuloso livro de aventuras sob o título "A volta ao mundo em 80 dias", a geração passada estremeceu de espanto, ante a perspectiva de o mundo vir a ser encurtado ainda mais.

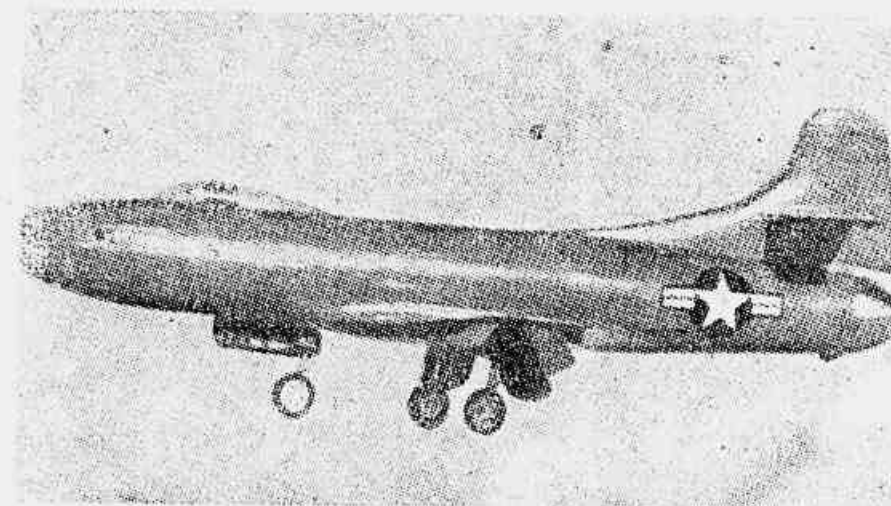
Setenta e seis anos depois, a tripulação de um avião de bombardeio realiza proeza semelhante, com muito mais vantagem, em muito melhores condições e em muito menos tempo do que o herói verniano.

Um aparelho de bombardeio — tipo B-50 — regressou, em dias da semana passada, à base de Forth Worth, no Texas, de um voo que se destina a tornar-se histórico: o primeiro voo sem escalas em volta do mundo — e esse percurso foi feito em apenas 94 horas e 1 minuto!

Os tripulantes do "B-50" regressaram convencidos de que os aviões de bombardeio norte-americano, com o aperfeiçoamento da técnica de reabastecimento em voo, poderão voar, em qualquer ocasião, para qualquer lugar do mundo. O avião que realizou essa proeza foi o bombardeio-médio denominado "The Lucky Lady II" e aterrisou na base das Forças Aéreas de Carxwell, às 10 horas e meia, isto é: noventa e quatro horas e um minuto depois de haver levantado voo do mesmo lugar.

Com o reabastecimento em voo, esse "B-50" deu a volta ao globo seguindo aproximadamente um de seus maiores paralelos, acima da Linha do Equador, num total de 23.018 milhas, na velocidade média de 239 milhas por hora. A circunferência máxima da Terra, pelo Equador, é de 24.902 milhas.

Esse voo, coroado de êxito, foi, na realidade, a segunda tentativa no gênero, pois um primeiro "B-50" levantara voo um dia antes para o mesmo fim, mas fora forçado a aterrisar, depois de ter voado várias milhas, por ter se incendiado um dos motores. A segunda já estava pronta e levantou voo no dia seguinte, sob o comando do capitão James Gallagher, conseguindo realizar a proeza. A tripulação da "B-50" era de quatorze homens, com o comandante.



Um Douglas D-558, de 8 000 hp, a jacto, cuja velocidade ultrapassa a do som

Nesse histórico voo, realizado no sentido de oeste para leste, o "Lucky Lady II" foi abastecido em voo por quatro vezes. O primeiro posto de reabastecimento foi sobre o arquipélago dos Açores; o segundo sobre Drahran, na Saudi-Arábia; o terceiro sobre as ilhas Filipinas, em pleno Pacífico, e o último sobre o Hawaii, nas ilhas Sandwichs.

As distâncias percorridas foram, respectivamente: Carxwell-Açores, 3.800 milhas; Açores-Drahran, 5.200 milhas; Drahran-Filipinas, 4.200 milhas, e Filipinas-Hawaii, 3.700 milhas.

★

Funcionários da Força Aérea dos Estados Unidos mostram-se convencidos de que os bombardeiros médios e pesados, com base naquele país, podem sulcar os céus do mundo inteiro, à vontade, sem muito temor de interceptação por caças inimigos ou pelo fogo dos canhões anti-aéreos. Para esses funcionários, o voo desse "B-50" constitui prova convincente da capacidade ofensiva da força aérea americana.

Mediante o reabastecimento de combustível, efetuado quatro vezes no ar, por super-fortalezas "B-29", convertidas em aviões-tanques, a autonomia de voo do "B-50" — de cerca de 9.500 quilômetros sem reabastecimento — foi aumentada em quarenta por cento.

Os funcionários acima citados baseiam nas seguintes razões suas declarações de que esses aviões não podem ser interceptados por aviões de caça: os bombardeiros desse tipo podem voar a 13.000 metros ou mais, altura onde desenvolvem suas velocidades mais eficientes e podem empregar miras guiadas por radar — para bombardear seus objetivos, quaisquer que sejam as condições atmosféricas; os melhores caças de propulsão a jacto, norte-americanos, perdem a sua eficácia de tal forma à altitude de 13.000 metros que ficam desprovidos de suficiente vantagem de velocidade, sobre os bombardeiros — duvida-se que esses caças possam, tal como são atualmente construídos, localizar um "B-50", mesmo com o auxílio do radar, de terra, com a suficiente presteza para alcançá-lo e atacá-lo com êxito.

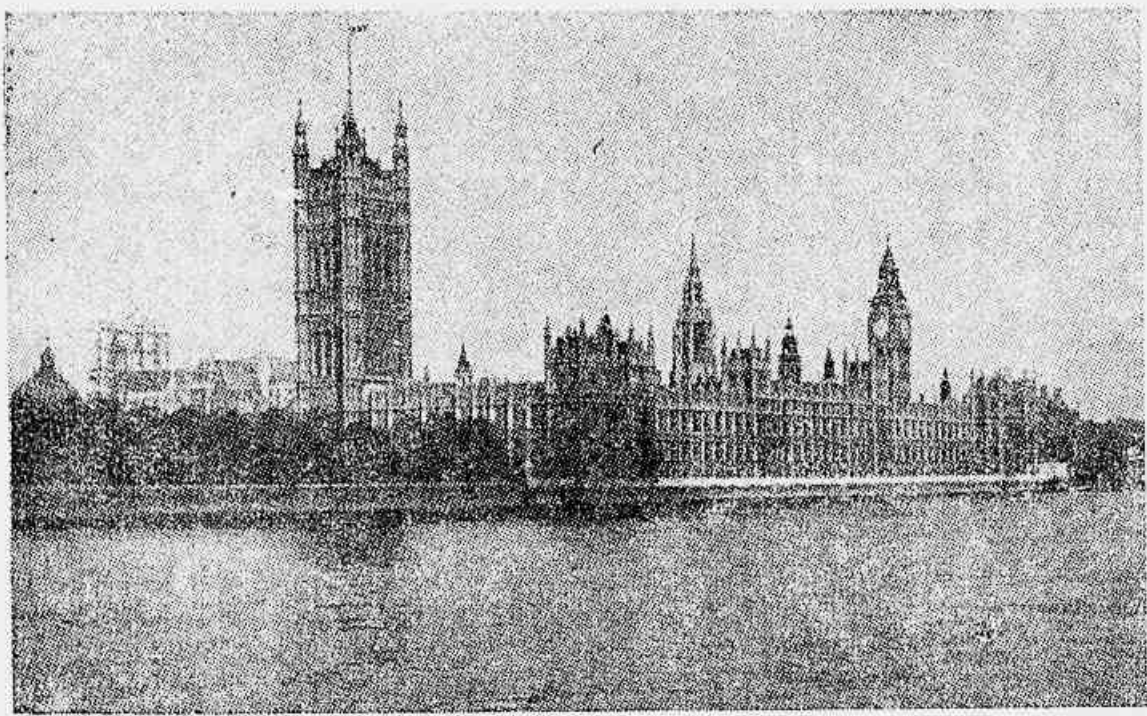
Tais os motivos por que se dispensa tanta importância atualmente aos bombardeiros médios e pesados e assim se explicam as gigantescas somas destinadas à construção desses aparelhos pela Força Aérea do Tio Sam.

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

Londres, novembro de 1948 — Convidaram-nos, novamente, para irmos ao Conselho de Arte Industrial. Desta vez nos apresentaram a vários diretores de seções, cada um encarregado de um departamento: máquinas, tecidos, comestíveis, produtos químicos e matérias plásticas.

Conversamos várias horas sobre muitos assuntos. Queriam saber nossa opinião. Fomos explicando, dentro das nossas possibilidades, tudo o que conhecíamos do assunto, enquanto uma moça ao lado ia taquigrafando as perguntas e as respostas. O pessoal é muito amável e cada um muito a par do seu ramo. Verdadeiros especialistas. E notamos o grande interesse em exportar bem e de acordo com o gosto do exterior, que frequentemente é diferente do estilo britânico. Palestramos na maior camaradagem e com toda franqueza como da vez anterior. Da nossa parte também lhes fizemos muitas perguntas e obtivemos imediatamente as respostas e informações. Como é de hábito, veio o chá: o diretor geral, muito amável, tirou da gaveta um gostoso bolo, feito em sua própria casa, e nos ofereceu um pedaço. Fumamos cigarros e lhes oferecemos charutos que casualmente havíamos encontrado na vizinhança. O prédio onde estávamos reunidos é situado bem nos fundos do Palácio Buckingham, por onde entram as compras da quitanda e do armazem para o rei. No largo portão de entrada dois robustos policiais olhavam as pessoas que retiravam as caixas de "feijão e arroz" que eram descarregadas de dois caminhões bonitos com letras douradas indicando que a firma era "fornecedora de Sua Majestade", tudo correndo muito bem como numa casa de família abastada em Copacabana, Laranjeiras ou Jardim América. Depois que terminamos a palestra, nesse local, fomos ao edifício onde existem outras seções do Conselho, todo ele ocupado pela mesma organização. Fica ali perto. Visitamos o salão de matérias plásticas e adesivos. Multíssimo interessante. Ficamos surpresos com a variedade de substitutos para a madeira e para o ferro. Tábuas resistentes feitas de palha de arroz, linhaça, serragem e numerosos desperdícios da agricultura e da indústria. Vimos placas leves e incombustíveis, resistentes, feitas de resíduos de vidro. Malas, caixas, chapeleiras, estojos feitos de resíduos de papel, serragem e muitas coisas, antes queimadas e inutilizadas, mas que agora são aproveitadas comercialmente e em grande escala, substituindo matéria prima de custo elevado ou de difícil procura. O segredo dessas novas coisas está nos maravilhosos adesivos inventados durante a guerra nos laboratórios de Cambridge por um núcleo de hábeis químicos e industriais que ali continuam pesquisando em busca de novas utilidades. Vimos uma madeira simples que tinha sido prensada por meio de poderosas máquinas e reduzida a um terço de seu tamanho. Essa madeira tornou-se muito mais dura e resistente do que o próprio aço, podendo-se com ela fazer peças de máquinas as mais resistentes. Outra chapa, feita com certos resíduos de amianto, permite fazer-se engrenagens as quais, além de outras vantagens, não necessitam lubrificação. Foi uma verdadeira revelação o que examinamos no salão do Conselho de Arte Industrial pois, além de serem expostos, todos os artigos possuem o nome e endereço do fabricante, de vez que não são artigos de simples interesse científico, mas sim comercializados e hoje em grande uso por muitas indústrias, construções e outros usos. O Conselho não é uma aglomeração teórica, mas prática e altamente eficiente. Estes britânicos estão alertas e não restringem o uso do Conselho às indústrias britânicas, pois há produtos feitos na Bélgica, Holanda, Canadá, Finlândia e



A Casa do Parlamento, em Londres

Estados Unidos, que ali estão à vista do público local. Havia muita gente no salão na ocasião de nossa visita e a vantagem que levamos foi poder mexer e pegar nos artigos expostos, à nossa vontade, o que os outros visitantes não faziam.

★

Hoje, sábado, fomos visitar o muito famoso Museu de Cera. Tivemos que esperar numa das duas longas filas, durante uma meia hora. Tive tempo de fumar o cachimbo calmamente e ir "bispanando" a gente que passava pela rua cinzenta, neblinosa de uma tarde de fim de outono. Observamos vários carrinhos com crianças gêmeas. Aqui nesta parte de Londres isto deve ser muito comum, pois vimos uma loja de artigos para bebês, com o nome de Les Jumeaux!... Imagine só!... Até há casa... para gêmeos!...

A entrada do Museu nos custou Cr\$ 9,00. Acharmos um bocadinho elevado, pois o Museu Britânico nada cobra. Mas enfim, como isto é particular, vá lá... Mas não compramos o programa de Cr\$ 2,00. Ao menos deviam incluí-lo no preço, ou cobrassem logo Cr\$ 10,00 ou Cr\$ 12,00, mas nos dessem o guia.

Os enormes salões estavam repletos. Uma média de 5 ou 6 pessoas estavam sempre ao nosso lado e na frente de qualquer dos grupos do Museu. Enquanto era Napoleão, Churchill, George V, Henrique VIII e suas seis esposas, Stalin, Hitler, Eisenhower, Roosevelt, Abraham Lincoln, a coisa era fácil; mas quando encontrávamos uma celebridade "menos célebre", não podíamos adivinhar, pois para vender o programa eles colocam apenas um número em frente de cada figura; mas mesmo que houvéssimos adquirido o guia, de pouco nos adiantaria, pois os salões são escuros e cada um tinha mais de 500 pessoas ao todo. E mesmo que não empurramos, pois tudo ia na melhor ordem, "cadê" lugar para abrir o programa e procurar um claro para ver o nome do número 227? Julgávamos que outras salas não estivessem tão cheias e apressamos o que nos foi possível, mas não adiantava: a multidão era sempre compacta e mal podíamos ver as caras expostas. Descemos a procurar outras salas. Sempre a mesma coisa. Entramos então num salão chamado de "divertimentos": caca-niquéis de todos os tipos, iguais aos que há espalhados pela cidade. Também repletos, gente jogando fora seus cöbres, com voracidade, atrás de cigarros, fósforos e bugigangas, que não são distribuídas, pois os caca-niquéis são para madame Tussaud ficar rica e não para o público fumar cigarros por uma moedinha qualquer!...

A "Câmara dos Crimes Horrorescos" nem fomos, tal era a aglomeração na entrada. Demos o fora e fomos respirar o ar frio e fresco da rua mais calma. Não senhor! Madame Tussaud que fique com meu dinheiro... Como estávamos pertinho de Baker Street, fomos matar saudades da rua onde morava Sherlock Holmes. Lá está, sossegada e sombria, como nos dias do Dr. Watson e da dona da pensão que lhe trazia, à tarde, uma bandeja com chá e torradas...

Foi naquele ano que começou a ser fabricado o Sabão Russo, isto é, há 118 anos. Poucos poderão avaliar o que se fez em tão longo período na vida da coletividade. Se o "Sabão Russo" falasse, poderia contar tanta coisa... Como surgiram os trens de ferro, os bondes de burros e os bondes elétricos; a chegada dos primeiros navios a vapor, a iluminação a gás, o telefone, balões esféricos, automóveis, dirigíveis, aeroplanos. Use os produtos do grande Laboratório do Sabão Russo.

Líquido, sólido e em bastões para barba

JOALHERIA FERRAZ

Grande sortimento em jóias de ouro e platina com brilhantes. Relógios para homens e senhoras, de todas as marcas.

Único representante dos verdadeiros Anéis Horoscópicos, com signo, planeta e pedra do seu nascimento, em ouro e prata e ouro.
Anéis de ouro S. Jorge desde Cr\$ 500,00.
Anéis de ouro e prata com onix preto, levando S. Jorge em ouro, Cr\$ 400,00.

Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL, enviando sempre o dia e o mês de seu nascimento e a medida do dedo. Pelo Reembolso Postal mais Cr\$ 10,00 para despesas do correio.

JOALHERIA FERRAZ

RUA SETE DE SETEMBRO, 206 — RIO

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:

Rua Álvares Penteado, 180, sala 502

Telefone: 3-2649

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



**de 15,20,30
e 40 watts**

fabricadas **no Brasil**

para atender a todas as
necessidades do país!

E.329

GENERAL  ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — P. ALEGRE

A VIDA DE ARQUIMEDES

(Continuação da pág. 7)

séria ameaça à existência da cidade, Hierão tornou a chamar o parente em sua ajuda.

— Será possível — perguntou — remover os navios do inimigo?

— Sim — respondeu Arquimedes. — É possível até remover a terra.

— Que queres dizer?

— Simplesmente isto: se eu tivesse em outro mundo um lugar onde pou-sar os pés, poderia desviar a terra do seu curso. — Passou então a explicar a sua teoria sobre as alavancas e roldanas — uma descoberta sua — por meio das quais poderia mover um máximo de peso com um mínimo de esforço.

Quando Hierão expressou as suas dúvidas acerca da eficácia desse plano, Arquimedes resolveu submetê-lo à prova. Construiu uma roldana múltipla, amarrou uma das extremidades da corda a um grande navio siracusano pesadamente carregado, e entregou a outra ponta da corda a Hierão. "Puxai a corda, Sire, e vereis o que sucede".

O rei puxou a corda, e um grito de espanto se lhe escapou dos lábios. Pois o débil esforço de suas duas pequenas mãos tinha erguido o navio como por encanto, e o mantinha suspenso no ar.

Não tardou que o próprio Marcelo se maravilhasse com a "feitiçaria" de Arquimedes. O comandante romano chegara diante das muralhas de Siracusa aparelhado com "uma frota

de sessenta navios, abarrotados de todo gênero de armas e projéteis". Além disso, erigira "um engenho de artilharia sobre vasta plataforma sustentada por oito galeras amarradas umas às outras". Mas toda essa estupenda armada não era mais que um punhado de brinquedos para os ganchos de ferro presos às roldanas de Arquimedes. Caindo sobre os navios romanos como aves de rapina, essas "garras de ferro" os "erguiam no ar, e depois os mergulhavam de pôpa no abismo". As vezes, para variar de tática defensiva, Arquimedes erguia as galeras do inimigo "a grande altura sobre os penhascos que sobressaíam abaixo das muralhas da cidade, fazia-os girar por algum tempo e finalmente os atirava com todos os seus homens e carregamentos —

um espetáculo espantoso — nas ásperas rochas".

Dizem que, ao ver a devastação infligida à sua frota, Marcelo exclamou: "Desistamos de combater contra este monstro geômetra, que faz dos nossos navios colheres para tirar água do mar, que destruiu e pôs em ridículo as nossas máquinas mais eficientes, e, com os fantásticos malabarismos da sua mente, ultrapassou as proezas dos gigantes de cem braços da mitologia". Por fim, os romanos andavam tão assustados, observa Plutarco, que ao ver qualquer pedaço de corda ou madeira aparecer por cima da muralha gritavam: "Aí vem Arquimedes" e, virando as costas, fugiam em debandada.

Percebendo a impossibilidade de tomar Siracusa de assalto, Marcelo decidiu vencer os habitantes pelo bloqueio. Ainda assim, o engenho de Arquimedes retardou por três anos a rendição da cidade. E mesmo então foi unicamente por descuido dos siracusanos que a praça caiu. Na noite da festa em honra de Artemisa, deusa da lua, o povo da cidade sitiada entregou-se à orgia e às libações. Pouco antes do amanhecer, "quando tinham os sentidos perturbados e os corpos exaustos", alguns romanos conseguiram galgar as muralhas e abrir as portas da cidade pelo lado de dentro. Quando os habitantes despertaram na manhã seguinte, encontraram a cidade em poder do inimigo.

Diz-se que Marcelo, ao contemplar Siracusa do alto de um monte vizinho, "chorou muito, de comiseração pela sua sorte iminente". Sabia que os soldados romanos, depois de tão prolongada abstenção, não podiam ser impedidos de tomar "a sua safra de despojos". Com efeito, mesmo entre os oficiais havia muitos que queriam fosse arrasada a cidade, e passados à espada todos os habitantes. A essa fúria vingativa, Marcelo se opôs energicamente. Admirava a coragem dos siracusanos, que lhe tinham oferecido tão longa e brilhante resistência. Admirava particularmente o seu adversário geômetra. "Que ninguém", ordenou, "se atreva a cometer violência contra Arquimedes. Esse homem será nosso hóspede pessoal".

III

Quanto a Arquimedes, estava tranquilamente sentado no mercado de Siracusa, traçando um círculo na areia e meditando algum abstruso problema de matemática. Tão embebido se achava em seus pensamentos, que se surpreendeu ao ver um soldado romano embriagado investir contra ele de espada em punho. "Antes de me matares, meu amigo", disse Arquimedes, "peço-te que me deixes terminar o meu círculo".

Mas o soldado não lhe deu atenção, atravessando-o com a espada.

"Ah, bem", murmurou o velho cientista, enquanto agonizava estendido no chão, "eles me tiraram o corpo, mas eu levo comigo a minha mente." (tistas".)

(Do livro "Vidas de grandes cien-

DEDOS GUEIMADOS

(Continuação da pág. 13)

que nenhum interesse lhe despertava por nada compreender daquilo, Jennifer sonhava com outra vida.

Ela sonhava especialmente com outros panoramas da vida, quando sobre o teto do escritório a chuva caía com ruído e o vento agitava essa orquestração da natureza, parecendo que tocavam tambores no fôrro do local de trabalho, situado no mais alto de grande edifício cujo teto era reforçado por folhas de zinco.

A mesa de Mollie Evans havia um apontador de lápis, o que sucedia também com as mesas de várias outras colegas; toda manhã Jennifer, antes de sentar-se no seu lugar, vinha trocar umas palavras de prosa com sua amiga e orientadora, como se aquela palestra lhe amenizasse a caceteação do escritório. Ao meio-dia era dado um sinal para o almoço e ela abria sua gaveta e de lá retirava um embrulho contendo sanduíches e subia ao compartimento superior, onde havia diversos lavatórios, armários, bancos, etc., e ali atenuava a fome. Sobre uma mesa, um pequeno fogão a gás onde as moças, se quisessem, podiam fazer chá ou chocolate. Nos dias de sol, elas ficavam lá de cima a olhar o panorama da cidade, os mastros dos navios, os trechos da ponte que estava sendo construída sobre a agitada baía de águas azuis. Ali em cima era perigoso tocar em certos lugares em virtude da fuligem de que as extremidades estavam cheias; mas Jennifer gostava de aproximar-se bem e sentir no rosto e nos cabelos em cachos o frescor do vento, caricioso e agradável a quem passava o dia encerrado num escritório comercial.

Não fizera, propriamente, entre suas colegas, uma amizade íntima, de confidências. Era a mais jovem de quantas ali trabalhavam. Muitas vezes olhava para Mollie Evans com uma certa ansiedade, pois sua vizinha e colega estava noiva. Ela e Dan se divertiam bastante em cinemas e danças, mas Mollie dizia não gostar muito de serviços caseiros, por isso ia adiando sempre qualquer plano definitivo de casamento. Ria-se muito quando falava nisso.

Jennifer não podia compreender tal modo de pensar; amar um homem devia ser o desejo de estar sempre ao lado dele, pertencer-lhe inteiramente. Sentia seu espírito desmaiar ao pensar que Mollie conseguira prender daquela forma seu noivo sem fazer qualquer esforço para isso, enquanto ela lutava tanto para convencer Sid Borrow e ele sempre tão esquivo. Não podia compreender como isso se dava entre ambas. Multidões de moças tinham seus namorados e falavam de suas brigas confidencialmente. Esta havia desfeito o compromisso com seu jovem amado e ele ficara com o coração despedaçado; outros, pelo contrário, sempre mantêm as namoradas na esperança.

A pequena Jennifer, metida na sua já surrada capa contra o frio, esfregando as mãos enluvadas, à cabeça

um chapéu de mau gosto e calçando sapatos úmidos, cada vez compreendia menos as contradições da vida entre os que se amam.

(Continua no próximo número)

ARTES PLÁSTICAS

(Continuação da pág. 16)

promete ser maravilhoso, uma vez que Matisse empregou toda a força de sua expressão artística na pintura dos quinze "vitreaux" que guarnecem as janelas do lado oeste do templo. Atrás do altar-mor, duas outras janelas foram construídas, de maneira que, ao meio-dia, a luz solar incide através dos "vitreaux", ricamente trabalhados pelo artista, oferecendo um espetáculo deslumbrante, ao inundar todo o templo de luz. À noite, a luz terá apenas a cor branca e de propagação indireta.

Onde, porém, Henri Matisse reconhece haver se esmerado mais foi na pintura dos chamados "Passos do Senhor", uma série de quatorze quadros, de 1 metro por 1 e meio, representando desde a "Condenação de Pilatos" até a "Descida da Cruz". Interessante detalhe foi o que Matisse concebeu, ao desenhar o piso de azulejo branco junto a esses quadros — fez-lo numa curva ascendente, de modo a representar, com a obrigatória subida do sacerdote oficiante, na ondulação do piso, o sacrifício de Jesus a caminho do Calvário.

Henri Matisse quebrou — com outra concepção original — a tradição milenar da Igreja Católica, ao localizar o altar-mor em posição oblíqua à entrada principal. O sacerdote que oficia a Santa Missa em Saint Dominique não ficará de costas para os fiéis, e sim de meio-perfil;

frente para o altar e meio-perfil também para o côro.

★

Henri Matisse, após uma séria intervenção cirúrgica a que foi submetido há pouco tempo, dificilmente se conserva de pé, o que o obriga a executar os trabalhos de decorações, que já vão bastante adiantados, ora recostado no próprio leito, ora numa cadeira de rodas, de fácil locomoção dentro do estúdio. Lídia — a secretária — é quem o ajuda nessa laboriosa tarefa, transportando as miniaturas de papelão, já decoradas, para junto do mestre e ali processando as transposições necessárias até que Matisse se mostre satisfeito com a combinação dos desenhos que serão aplicados em Saint Dominique.

"Na decoração do interior dessa capela — explica Matisse aos amigos que o visitam — não recorri a nenhuma teoria



YARDLEY English Lavender

envolve a serenidade de uma manhã de primavera.

Foi criada para manter você fresca

e confortável — durante o dia inteiro



Agora Yardley vem novamente da Inglaterra

Agente Exclusivo para o Brasil Leo L. Prochownik, Rua Sorocaba 35, Rio de Janeiro

Y A R D L E Y • 3 3 • O L D B O N D S T R E E T • L O N D O N

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

clássica para a escolha das cores a ser empregadas; apenas observei o que minha sensibilidade parecia exigir. O que mais me interessa presentemente — conclui — não é a paisagem nem a natureza morta, mas sim a "forma humana".

★

Quem propriamente parece ter influenciado Henri Matisse a empregar seu talento na chamada arte religiosa foi um frade dominicano, interno num convento localizado nos arredores de Vence. Irmão Raysinguier — assim se chamava o dominicano — era um artista amador, que se fez íntimo de Matisse e durante longos meses de insinuante conversação chegou a convencê-lo da necessidade de legar aos pósteros de sua congregação religiosa alguma coisa de seu talento prodigioso.

Muito pouca gente na Vila de Vence sabe da construção dessa capela. A maioria dos habitantes da pequenina urbe apenas sabe que Henri Matisse, o famoso pintor — ali vive, recluso, sem receber ninguém e pouco afeito à publicidade.

Que pensará o mundo contemporâneo de um Matisse que, aos oitenta anos, se dedica à decoração de uma capelinha numa vila de França? Qual será a reação dos círculos artísticos mundiais ao conhecerem esse episódio?

SERVIÇOS DE AMOR

(Continuação da pág. 46)

da... Espero que seja mais forte do que parece. Oh, Joe, já estou tão agarrada com ela; é tão carinhosa, tão educadinha! O irmão do general Pinkney já foi uma vez embaixador na Bolívia.

E então Joe, com os arcos de um Monte Cristo, sacou do bolso uma de dez, uma de cinco, uma de dois e uma de um —

todas notinhas verdadeiras — colocando-as lado a lado com os ganhos de Delia.

— Vendi aquela aquarela do obelisco a um homem de Peoria — proclamou opressivamente.

— Não venha com brincadeiras — disse Delia — de Peoria!

— De Peoria, sim. Só queria que você o visse, Dele. Um gordão, de cachecol de lã e um correntão de ouro. Viu a obra lá no Tinkle e a princípio pensou que fosse uma torre de moínho. Tinha vergonha, seja como for, e comprou assim mesmo. E pediu outro... um óleo do armazem da estrada de ferro... para levar para casa. Aulas de música! Ora, creio que é mesmo nelas que está a arte...

— Estou tão contente por você ter continuado — disse Delia, calorosa. — Você está destinado a triunfar, querido. Trinta e três dólares! Nunca tivemos tanto dinheiro para gastar. Vamos comer ostras, hoje.

— E filé com cogumelos — acrescentou Joe. — Onde anda aquele pegador de azeitonas?

Na noite do sábado seguinte, Joe foi o primeiro a chegar a casa. Arrumou os seus dezoito dólares sobre a mesa da sala e lavou as mãos, ainda cobertas de uma substância que parecia tinta preta.

Meia hora depois chegou Delia, a mão direita num volume informe de panos e ataduras.

— Que foi isto? — perguntou Joe, depois das saudações de praxe.

Delia riu, mas não com muita alegria. E explicou:

— Clementina fez questão de um coelhinho após a lição. Ela é tão engraçada! Coelhos às cinco da tarde... O general também quis tomar parte. Só queria que o visse trazendo o prato fumegante, Joe, como se não existissem criados em casa.

Agora tenho certeza de que Clementina não goza de boa saúde; é tão nervosa! Quando foi servir o coelho, espirrou uma porção de gordura fervente na minha mão e no pulso. Ardeu um bocado, Joe! E a pobrezinha ficou tão desconsolada, tão sem jeito! E o general então, Joe... o velhote quase ficou desesperado. Atirou-se escadas abaixo e mandou não sei quem... o camarada que cuida do aquecimento da casa, no porão, disseram... à farmácia para buscar remédios e ataduras. Agora já não está doendo tanto.

— Que é isto? — perguntou Joe, levantando-lhe a mão com cuidado e remexendo em algumas tiras esbranquiçadas por baixo das ataduras.

— É um negócio macio — disse Delia — cheio de um óleo... Oh, Joe, vendeu outro quadro? — Ela acabava de ver o dinheiro sobre a mesa.

— Se vendi? Pergunte ao homem de Peoria. Recebeu hoje mesmo o seu armazem e, se bem não esteja ainda resolvido, está com vontade de levar outra vista do parque e uma paisagem do rio. A que horas exatamente você queimou a mão, Dele?

— Pelas cinco, creio — disse Delia em voz chorosa. — O ferro... quero dizer, o coelho, saiu do fogo mais ou menos a esta hora. Você devia ter visto o general Pinkney, Joe, quando...

— Sente-se aqui um instantinho, Dele — disse Joe. Puxou-a para o divã, sentou-se ao lado dela e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Que é que você andou fazendo nestas duas semanas, Dele? — perguntou.

Ela resistiu bravamente por um momento ou dois, os olhos cheios de amor e teimosia, murmurando uma ou duas frases vagas sobre o general Pinkney; mas afinal arriou a cabeça e lá vieram lágrimas e a verdade.

— Não consegui arranjar nenhum aluno — confessou. — E não podia suportar a idéia de você abandonar os estudos; arranjei um lugar de engomadeira de camisas naquela enorme lavanderia da rua Vinte e Quatro. E acho que tive uma boa idéia com o general Pinkney e Clementina, não tive? Quando chega hoje, uma pequena lá na lavanderia sapeca o ferro quente em cima de minha mão... e eu vim de lá até aqui para imaginar essa história do coelho. Não está zangado, está, Joe? E olhe, se eu não tivesse arranjado esse serviço, você não teria vendido os quadros ao homem de Peoria.

— Ele não era de Peoria — disse Joe, vagarosamente.

— Bem, não interessa de onde ele seja. Você é dos bons, Joe... e... dê-me um beijo, Joe... e que foi que o fez desconfiar de que eu não estava dando aulas de piano a Clementina?

— Não desconfiei até ainda agorinha — disse Joe. — E não teria desconfiado nunca... Mas o caso é que fui eu que mandei estes pedaços de estopa e óleo da sala das máquinas, hoje de tarde, para uma pequena lá em cima que tinha queimado a mão com um ferro de engomar. Nestas duas últimas semanas, filha, eu fui foguista daquela lavanderia.

— Então você não...

— Meu comprador de Peoria — disse Joe — e o general Pinkney são ambos criaturas da mesma arte... de uma arte que não se pode chamar nem de pintura nem de música.

E os dois caíram na risada e Joe começou:

— Para quem ama a sua arte, nenhum serviço parece...

Mas Delia pôs-lhe a mão na boca, calando-o. E corrigiu:

— Não, Joe. Para quem ama, só.

O RIO SE ORNAMENTOU

(Continuação da pág. 4)

belíssimos e artísticos painéis de grande tamanho e de motivos carnavalescos, viam-se aves modeladas em madeira, como garças e outros pernaltas de bonita plumagem, dando um aspecto pitoresco e tropical ao ambiente. O mesmo nos postes de iluminação.

Na alegoria que fica em frente ao Teatro Municipal, inaugurada ao tempo de Pedro Ernesto, colocaram sobre a mesma um repucho de luzes, dando a aparência de que saíam, do jarro que a estátua sustenta, florões de água iluminada, de espetacular efeito.

A avenida Rio Branco, desde o obelisco à praça Mauá, engalanou-se opulentamente com florões, arcos duplos e fieiras de luz de belo efeito. Na

interseção da avenida Presidente Vargas com a Rio Branco, foi colocado, a uns oito metros do solo, grande e monumental lustre, o qual, depois de iluminado, dava a impressão de que era misterioso candelabro baixando do céu para clarear as ruas.

Diversos arcos eram dotados de luzes intermitentes que davam o deslumbrante efeito de que corriam de um lado para outro. Em todos esses arcos, figuras decorativas e simbólicas do Carnaval.

A praça Paris se enfeitou de luzes de grande efeito, e o obelisco, devidamente transformado em pedestal iluminado e decorado a capricho, exibiu no topo a figura "double-face" de S. M. Momo I e Único, empunhando o cetro da realeza, tendo à cabeça a coroa imperial. Dividido em várias seções, crescendo de diâmetro de cima para baixo, o obelisco parecia um templo de estranha crença, vendendo-se cenas, alegorias e figuras carnavalescas de variados feitios em tamanho natural.

A praça Onze, famosa terra mater do Samba, recebeu uma decoração impressionante. Enorme navio, dominado por piratas de pernas de pau, fundeu ao lado do canal do Mangue. Toda iluminada e com seus mastros e cordame executados a capricho, a galera chamou a atenção de todos e serviu de palco para os bailes populares, numa homenagem da Prefeitura às Escolas de Samba que por ali desfilarão. A um lado, a reprodução de uma favela.

À noite esse conjunto de ornamentação produziu indescrevível efeito, encerrando-se o Carnaval deste ano com uma inovação: fogos de artifício na praça Mauá, avenida Rio Branco e praça Paris, durante o desfile das grandes sociedades e ao terminar a grande parada de arte.

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

-- Sala 217 -- Fone: 6-6718

Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



DRAGO

Nº 45

Por Hogart

REGRESSANDO A DEL OMBU EM COMPANHIA DE TABASCO, DRAGO DESCOBRE QUE LAVRA FURIOSO INCENDIO NOS PREDIOS DA FAZENDA

RANCHEIROS! DEL OMBU ESTA EM CHAMAS! NAO FIQUEM AI PARADOS! TEMOS DE APAGAR O FOGO!



ESPERE, DRAGO! NAO SE APROXIME DELES! ESTAO CONTRA VOCE!

ALTO! NAO SE APROXIME DO INCENDIO!



ACHA QUE SALVIAMOS DEL OMBU? FOMOS NOS QUE AJEIAMOS O INCENDIO!



PUZERAM FOGO NESTAS CASAS, MAS PORQUE? PORQUE MOTIVO? VIVEMOS E CRECEMOS JUNTOS? LADO A LADO... A MINHA FAMILIA E A DE VOCES... HA MUITOS ANOS!

NAO SOMOS AMIGOS?



AMIGOS? NAO, NAO SOMOS AMIGOS! COMO SEU PAI, VOCE E' NOSSO AMIGO NA NOSSA FRENTE... MAS NAS NOSSAS COSTAS, VOCE E' UM INIMIGO!



VOCE ROUBA... ANIQUILA... ENVENENA O NOSSO GADO!



RANCHEIROS! PAREM! CONTENHAM A SUA COLERA!

VAMOS MATA-LO! ELE NAO MERECE VIVER!



VA-SE EMBORA, DRAGO! EU FLAMINGO, ESTOU LHE AVISANDO! VA-SE EMBORA! IMEDIATAMENTE DESEJA CONTINUAR VIVO! FIQUE E MORRERA!



DRAGO

Nº 46

Por Hogart





Um alegre grupo de "palhaços", que aí na foto aparece com todos os apetrechos que um verdadeiro palhaço que se orgulha de sua profissão não usa; inclusive um exemplar de "pica-páu", que nada tinha que ver com o Carnaval...

FOLIA DE RUA

Texto de W. GUARNIERI



Fotos de NEWTON VIANA

O Carnaval Carioca — festa máxima do povo desta Capital — transcorreu neste ano de 1949 na mais viva animação, recuperando, assim, o esplendor de outrora ao apresentar aspectos empolgantes de alegria e vibração em todos os pontos da Cidade.

Onde se verificou movimentação mais intensa e maior

entusiasmo dos foliões foi no chamado Centro da Metrópole — Avenida Rio Branco e adjacências, nem por isso deixando de se mencionar a já tradicional Praça Onze.

O tempo, excepcionalmente firme, colaborou para o maior sucesso da festa popular, com três dias de sol claro e três noites de céu limpo e estrelado, enquanto a temperatura se mantinha estável, sem elevação excessiva, como de hábito nessa época do ano.

O aspecto geral da Cidade, destacando-se a Avenida Rio Branco, Presidente Vargas e Praça Onze, com a ornamentação executada por iniciativa da Prefeitura do Distrito Federal, era dos mais interessantes e festivos que se possa imaginar, e raramente se poderia registrar nos anos anteriores, o mesmo gosto artístico revelado pelos que foram encarregados das decorações de rua para a festa de Momo em 1949.



O grande número de "carnavalescos avulsos" — êsses que se divertem sozinhos — atesta bem a tendência do carioca para a folia. Imitações bastantes sugestivas. Fantasias grotescas. Críticas espirituosas e apresentadas com a malícia própria desse povo alegre, trouxeram graça e hilaridade às ruas, onde a enorme massa daqueles que "só gostam de apreciar o Carnaval" se divertia com a engenhosa imaginação desses "tipos populares".

Para que se possa ter uma idéia de até onde alcançou a imaginação desses engraçados foliões, basta dizer que houve um deles cujo disfarce tentava um arremedo do próprio Cristo... carregando a Cruz de madeira às costas... Inútil é dizer que as autoridades incumbidas do policiamento da Cidade impediram a exibição. Um outro ainda, que despertou grande curiosidade e suscitou inúmeros comentários jocosos, foi o daquele cidadão que se fantasiou... de poste da Light! Vestido de setim preto, uma faixa branca na cintura, uma chaminé de papelão na cabeça, em cuja extremidade se via uma lâmpada e

alguns fusíveis. Nos quadris e na parte anterior trazia pendurado duas rodela de papelão — com inscrições alusivas, nos moldes dos dísticos usados pela Inspetora do Tráfego — "Estacionamento proibido" e "Organiza-te em fila"... como se pode deduzir, de uma malícia bastante sutil... Um outro tipo que provocou gargalhadas



Original fantasia: "Poste da Light" — as inscrições "Estacionamento proibido" aí nas costas, o "Organiza-te em fila" do outro lado, são de uma malícia sutil...



"Primeiro prêmio" no Concurso de Robustez Infantil... Esse "garotinho" parece ter feito mesmo jus ao prêmio... também... pudera... super-hiper-vitaminado...





Na outra página: Quem poderá dizer o nome dessa fantasia? Em cima: Uma "linda espanhola", descansando numa postura um tanto inconveniente...

por onde passava, era uma imitação de "bebê"; essa, aliás, feita com muito espírito e reveladora de um bom artista cômico. Haja vista o enorme berreiro que fez em frente a uma das "bomboniéres" da Cinelândia, fato este que atraíu considerável massa de curiosos à porta do estabelecimento comercial, na suposição de que se tratasse de algum acidente grave — no entanto... era apenas o "bebê" (um cidadão de seus trinta e poucos anos) que fazia "manha" por que queria uma bala... E a "criança" não sossegou um só instante, até que o dono da casa, para acabar com aquela algazarra toda em frente a sua loja, foi obrigado a lhe fazer presente de... um saquinho de bombons...

Curioso, também, um outro tipo: Alto magro, cabeça raspada a zero, vestido apenas de paletó de "smoking" (calção de banho por baixo), gravata borboleta, colarinho duro (fantasiado ao que parecia de "Maluco"), puxando — com toda pompa e solenidade possível — um cordel, cuja extremidade estava amarrada às antenas de uma autêntica barata cascuda (dessas que são o horror de muita dona de casa)... "passeando" calmamente pela calçada da Galeria Cruzeiro...

As imitações da idumentária usada, certa vez, por um deputado federal, que se tornou famoso pela "menoridade" de trajes, eram bastante numerosas. As "sereias" falsificadas, faziam o "footing", em "maillots" decotados, último modelo, pela Avenida, com trejeitos e meneios de corpo, capazes de confundir algum cavalheiro menos avisado...

A nota característica e constante em todos os blocos e cordões — era a famosa Girafa. Girafas de todos os tipos: altas, baixas, magras e gôrdas, fabricadas de sacos de anagem e de papelão armado — em toda parte: a Girafa!

★

Outro fato curioso do Carnaval deste ano constituiu a presença de "turistas" norte-americanos, munidos de máquinas fotográficas de todos os tamanhos, máquinas de filmar em grande profusão, que se postavam em lugares estratégicos, para colher flagrantes dos foliões cariocas — desses mesmos cariocas que anunciavam a todo instante que "iam se acabar"... — e que fizeram do Carnaval do Rio, o primeiro Carnaval do Mundo!

Uma "existencialista" um tanto tímida... sem coragem para mostrar as suas reais qualidades de "pin-up-boy" de 1949...



O folião carioca reclama durante o ano todo contra "esse calor infernal", no entanto... quando chega o Carnaval... arranja essas roupas levezinhas...



Profissionais da fotografia, mestres exímios na arte de fotografar, empregando sua "técnica ultra-moderna" com aparelhagem "eletrônica..."

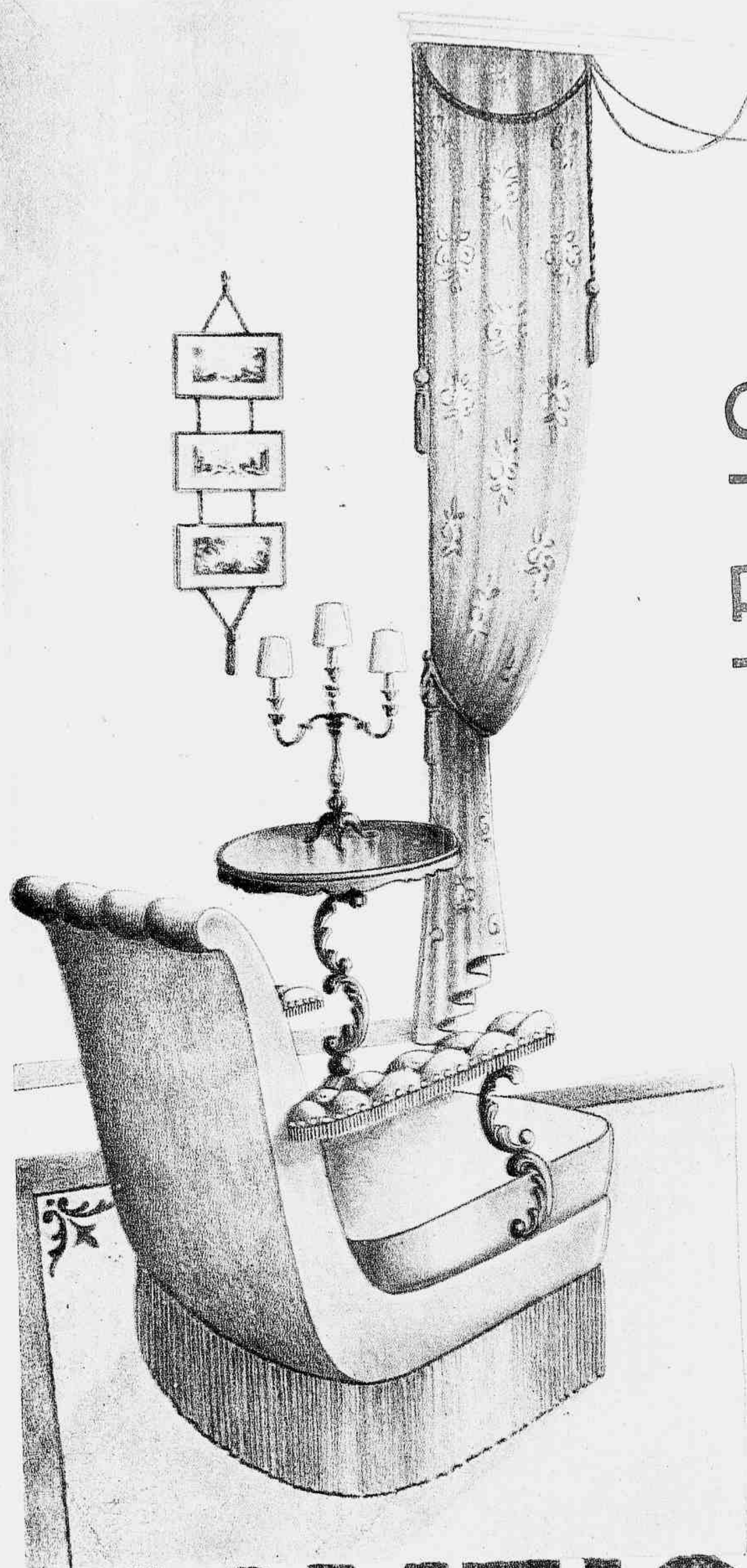


Um "tigre" e dois "morcegos" tenebrosos... O tigre não é verdadeiro, ao passo que os outros dois já devem ter "chupado o sangue" de muita gente boa por aí...



Esse cavalheiro parece não levar muito a sério o perigo que representa a sua companheira ao lado... pelo "jeitão" tranquilo de jogar esse "lôlôzinho", a Morte não o amedronta jamais... A' direita: Quando se aproxima "qualquer coisa" parecida com "farfalhar" de vestido, esse folião não pode suportar a máscara que lhe impede a visão perfeita do ambiente... Em baixo: Parece uma fila de "animais pre-históricos"... ou será mesmo?





CORTINAS
TAPETES
PASSADEIRAS
TECIDOS

MOVEIS
DECORAÇÕES

ASA UNES

RIO DE JANEIRO

65 . RUA DA CARIOCA . 67



Hollywood - Calif. Um novo filme de Carmen Miranda esta causando enorme sensaço: "O Príncipe Encantado", com Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor e Xavier Cugat. E um novo sucesso da M.G.M.

Seja Carmen Miranda, seja Wallace Beery, para qualquer grande artista de Hollywood, só há uma coisa que interessa, quando se lhes oferece um cigarro: *qualidade*. E é por isso que eles preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Prefira também, se deseja alta qualidade, Hollywood.

Cigarros
Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz
é sempre o melhor
em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz